



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE TANGARÁ DA SERRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS
LITERÁRIOS MESTRADO ACADÊMICO**



KAMILA ARAUJO DA SILVA BRUNIERE

**LEITURA E RECEPÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO: REPRESENTAÇÕES
DO FEMININO EM *NÃO PRESTA PRA NADA*, DE MARTA COCCO**

**TANGARÁ DA SERRA - MT
2024**

KAMILA ARAUJO DA SILVA BRUNIERE

**LEITURA E RECEPÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO: REPRESENTAÇÕES DO
FEMININO EM *NÃO PRESTA PRA NADA*, DE MARTA COCCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários, na área de Letras.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre M. Botton

**TANGARÁ DA SERRA - MT
2024**

FICHA CATALOGRÁFICA

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial desta dissertação, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Bruniere, Kamila Araujo da Silva.

Leitura e recepção do texto literário: representações do feminino em Não presta nada, de Marta Cocco / Kamila Araujo da Silva Bruniere. - Cáceres, 2024.

112f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Estudos Literários/TGA-PPGEL - Tangará da Serra - Mestrado Acadêmico, Campus Universitário De Tangará Da Serra "Eugênio Carlos Stieler".

Orientador: Dr. Alexandre Mariotto Botton.

1. Leitura. 2. Recepção. 3. Marta Cocco. I. Botton, Alexandre Mariotto, Dr. II. Título.

UNEMAT / MT-SCB

CDU 821.134.3.09

KAMILA ARAUJO DA SILVA BRUNIERI



LEITURA E RECEPÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM *NÃO PRESTA PRA NADA*, DE MARTA COCCO.



Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de mestre em Estudos Literários.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br ALEXANDRE MARIOTTO BOTTON
Data: 25/03/2024 20:15:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alexandre Mariotto Botton
Orientador/Presidente (PPGEL/UNEMAT)

Prof. Dr. Alexandre Mariotto Botton
UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso
(Orientador)

Documento assinado digitalmente
gov.br SAMUEL LIMA DA SILVA
Data: 28/03/2024 13:19:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Samuel Lima da Silva
Membro Interno (PPGEL/UNEMAT)

Prof. Dr. Samuel Lima da Silva
UNEMAT- Universidade do Estado de Mato Grosso
(Membro interno)

Documento assinado digitalmente
gov.br ADRIANA LINS PRECIOSO
Data: 26/03/2024 21:53:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Adriana Lins Precioso
Membro Externo ao programa – (PPGLETRAS UNEMAT)

Profa. Dra. Adriana Lins Precioso
UNEMAT- Universidade do Estado de Mato Grosso
(Membro externo)

**TANGARÁ DA SERRA-MT
2024**

Dedico à Valdete Araújo da Silva e Ivair Romário da Silva, meus amados pais, a quem não pouparam esforços para que me tornasse o que sou hoje, me ensinado a nunca desistir de nenhum sonho apesar das adversidades.

AGRADECIMENTOS

É hora dos agradecimentos! A trajetória acadêmica se faz por meio de parcerias e sob a benção do Criador. Assim, neste ato, agradeço a Deus, minha força superior, a quem sempre recorro nos momentos de alegrias e dificuldades por meio de minhas orações e, que sempre me tem dado acalento e sabedoria para saber como agir em minhas aflições.

Aos meus pais, Ivair e Valdete, meus exemplos de vida. Vocês sempre vibraram e me deram força em todos os momentos, incentivando-me a constantemente lutar por meus sonhos.

A meu irmão Cláudio, minha inspiração para seguir nesta caminhada acadêmica como pesquisadora e na minha profissão docente.

Ao meu amado esposo Humberto Brunieri, por estar comigo sempre, especialmente, em minhas ausências. Você tem me incentivado a continuar firme em buscar o melhor de mim.

Ao meu companheiro de pós-graduação, Waldiney Santana, que ao passar dos dias, nessa trajetória se tornou um grande amigo. Deus foi muito generoso em proporcionar que cruzássemos os mesmos caminhos! Gratidão em tê-lo em minha vida.

À escritora Marta Cocco, grande pessoa, incentivadora da pesquisa, agradeço por todo carinho e contribuição e inspiração em minha pesquisa e em minha formação pessoal.

À Unemat e ao PPGEL, pela oportunidade de formação. À coordenação do PPGEL pela organização do curso e por todo o processo de pesquisa.

Aos Professores e Colaboradores do Programa por toda participação direta e indireta em meu processo de formação.

Aos Professores Dr. Samuel Lima da Silva e Dra. Adriana Lima da Silva por me guiarem no exame de qualificação e defesa desta dissertação de mestrado, com apontamentos específicos para a finalização desta pesquisa.

À Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso por estimular a pesquisa e formação Docente.

Ao meu orientador, Professor Dr. Alexandre Botton, pela jornada que trilhamos juntos nesta pesquisa.

“Em que espelho ficou perdida a minha face”
(Cecilia Meireles. Do poema “Retrato”,
publicado em 1939 na obra *Viagem*)

RESUMO

Este estudo foi desenvolvido na perspectiva da abordagem do conto como gênero literário, apresentado como meio de suprir a compreensão do próprio indivíduo, aliado à dinamicidade na leitura, fomentando o pensamento crítico advindo da análise do contexto histórico presente por trás da narrativa. Tal proposta favorece o processo de formação do leitor, em que o mediador do ensino deve proporcionar práticas que contemplem tal ação. Assim, este trabalho tem como público alvo professores de literatura, com propósito de contribuir em sua prática docente, além de alcançar leitores em geral. A partir da materialidade da escrita de Marta Cocco na obra “Não presta pra nada” (2016), esta pesquisa faz referência à importância do gênero no processo de formação leitora e analisa o comportamento social em relação ao silenciamento histórico da mulher, bem como, essa figura social busca mudar realidade a qual se insere. A fim de contemplar os objetivos propostos, como metodologia de trabalho, utilizou-se como subsídio teórico, a estética da recepção defendida por Jauss (1967), dentre outros, como Proença Filho (1996), Freire (1996), Bordini & Aguiar, (1989), Candido (2004), Zilberman (2015), Bosi (2015), além de referencial sobre o protagonismo feminino na visão de Bourdieu (2005), Figueiredo (2020) Walker (2015), Wolf (2019), Coelho (1993), Beauvoir (1967), Nadaf (2004), Soares (2014), Kristeva (1989), dentre outros. Esse aporte confere base para analisar, a partir da leitura da obra já referida e com ênfase no leitor reflexivo, como a mulher é retratada nas narrativas. Assim, esta dissertação: ressalta as características do conto faz analogia ao contexto histórico e atual que a mulher urbana vive no mundo cotidiano, relacionando esses aspectos à sua posição social; contribui, por meio do estímulo à formação do leitor, para minimizar o problema que envolve a falta de leitura; coopera com a superação das dificuldades que tem prejudicado o ensino e o acesso à leitura na sociedade em seus diversos níveis, em especial, na sala de aula; assume relevância à medida que contribui com os estudos relacionados ao processo de formação do leitor e a sua tomada de consciência, por meio das narrativas, do silenciamento feminino frente à sociedade patriarcal retratadas nas literaturas, mais especificamente, nos quatro contos “Cinco Marias”, “Gente de quem”, “Roupa suja” e “Chuva benta”; estimula a formação do leitor e propõe o debate sobre a formação de profissionais da educação e os leitores em geral, a fim de colaborar para minimizar o problema que envolve a falta de leitura, bem como cooperar para a superação das dificuldades que tem prejudicado o ensino e o acesso à leitura na sociedade em seus diversos níveis, em especial na sala de aula; põe em destaque o debate sobre a posição da mulher na sociedade patriarcal, enfatizando a posição de obediência e procriação em que elas eram destinadas, bem como evidenciar o papel histórico da mulher na literatura enquanto processo de autoria; explicita o caminho percorrido pelas vozes femininas sufocadas por meio da violência física e moral, assinalando como essas mulheres ainda em processo de lutas buscam romper o silenciamento por meio da literatura; fomenta discussões em torno do modo como as personagens femininas são silenciadas nas narrativas e permanecem no estado de repressão dos contos analisados; aprecia criticamente a imagem da mulher nas produções literárias, interseccionando com aspectos da realidade social da mulher cotidiana.

Palavras-chave: Leitura; Recepção; Formação leitora; Feminino; Marta Cocco;

ABSTRACT

The study was developed from the perspective of approaching the short story as a literary genre, presented as a means of supplying the individual's own understanding, combined with dynamic reading, encouraging critical thinking arising from the analysis of the historical context behind the narrative. In view of this, the proposal corroborates the reader's formation process, in which the teaching mediator must provide practices that include such action. Therefore, the target audience of the work is literature teachers, with the purpose of contributing to your teaching practice, in addition to reaching readers in general. Based on the materiality of Marta Cocco's writing in the work "Não presta pra nada" (2016), the research refers to the importance of gender in the process of reader formation and analyzes social behavior in relation to the historical silencing of women, as well as, this seeks to change the reality in which it operates. In order to contemplate the proposed objectives, as a work methodology, it was used as a theoretical subsidy, the aesthetics of reception defended by Jauss (1967), based on studies, among others, by Proença Filho (1996), Paulo Freire (1996), Bordini & Aguiar, (1989), Candido (2004), Regina Zilberman (2015) , Bosi (2015), as well as a reference on female protagonism in the view of Bourdieu (2005), Figueiredo (2020) Walker (2015), Wolf (1985), Coelho (1993), Beauvoir (2023), Nadaf (2004), Soares (2014), Kristeva (1989) among others. In this way, based on reading the work and with an emphasis on the reflective reader, it analyzes how women are portrayed in the narratives. It highlights the characteristics of this textual genre and makes an analogy to the historical and current context that urban women live in the everyday world, relating to their social position. It is aimed, through encouraging the formation of the reader, to help minimize the problem involving lack of reading, as well as cooperating to overcome the difficulties that have hampered teaching and access to reading in society at its various levels, especially in the classroom. It is relevant as it contributes to studies related to the process of reader formation and awareness, through the narratives, of female silencing in the face of patriarchal society portrayed in literature, more specifically, in the four selected short stories. It encourages, therefore, reader training, and proposes a debate on the training of education professionals and readers in general in order to collaborate to minimize the problem involving lack of reading, as well as cooperating to overcome the difficulties that have hampered teaching and access to reading in society at its various levels, especially in the classroom. Highlights the discussion about the position of women in patriarchal society, highlighting the position of obedience and procreation in which they were destined, as well as highlighting the historical role of women in literature as an authorship process, debating the entire path taken by female voices suffocated through physical and moral violence, and how these women, still in the process of fighting, seek to break the silence through literature. It encourages discussions around the way in which female characters are silenced in narratives and, in turn, remain in a state of repression in the chosen stories, combined with critical analysis of the image of women in literary productions, intersecting with aspects of the social reality of everyday women, using the selected narratives as support for the discussion.

Keywords: Reading; Reception; Reading training; Female; Marta Cocco.

SUMÁRIO

ENTRE PESQUISA E PESQUISADORA - ALGUMAS NOTAS	10
INTRODUÇÃO	14
I- O TEXTO LITERÁRIO E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: FUNDAMENTOS PARA O LEITOR REFLEXIVO	20
1.1 -Leitor reflexivo: texto literário e suas significações receptivas	21
1.2- Linguagem e discurso literário em Contos: sentidos intrínsecos para o leitor	27
II- REPRESENTAÇÕES DO FEMININO: MÚLTIPLAS FACES, VOZES E SENTIDOS	34
2.1- O processo de Autoria Feminina com voz literária e seus desafios históricos na sociedade patriarcal	38
2.2- Autoria feminina como voz literária: Produção literária, desafios e silenciamento da mulher em torno da escrita	41
2.3 - Escrita Feminina em Mato Grosso, memórias de um passado presente	48
2.4 - Marta Cocco e a obra “Não presta pra nada”: literatura construída pelo viés da denúncia e humanização social	50
III- PERCEPÇÃO ANALÍTICA DA OBRA “NÃO PRESTA PRA NADA:” ASPECTOS DA NARRATIVA	54
3.1- “Cinco Marias”: relações familiares, trajetórias de lutas e resiliências	58
3.2- “Gente de quem?”: representações de poder e desigualdade social e identidade	70
3.3- “Roupa Suja”- multifaces da mulher, perspectiva de análise entre a história e a memória	79
3.4 -“Chuva Benta”: Sexismo e misoginia versus a humanização da mulher sob a perspectiva do discurso literário	86
IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	104
ANEXOS	108

ENTRE PESQUISA E PESQUISADORA – ALGUMAS NOTAS

O processo de escrita acadêmica de uma dissertação perpassa por inúmeras leituras e se associa a experiências vividas na trajetória pré-acadêmica. Deste modo, anuncio-me em primeira pessoa neste ato, a fim de destacar parâmetros de minhas vivências pessoais que influenciaram em muitas escolhas na minha formação científica. Por isso, direciono-me ao leitor antes de introduzir esta dissertação, por entender que várias vozes se manifestam por minhas palavras, a partir de minha vivência.

Filha de pai mineiro e mãe goiana, oriundos de classe social baixa, a força do trabalho de meus progenitores foi o meio de garantia do sustento da familiar. Após meu nascimento, estando com dois filhos pequenos, minha mãe dedicou-se exclusivamente aos cuidados do lar, a fim de que não se repetisse comigo, o que houvera com o primogênito, passar a infância praticamente sozinha, considerando a sua necessidade em ter que trabalhar em alguma empresa ou “casa de família” para prover o sustento familiar.

Apesar de morarmos em uma zona rural, lugar ermo e sem escola na comunidade, a família, “Araújo da Silva” sempre priorizou o trabalho duro e a educação como ponte para uma vida digna, por isso, continuamente defendeu que a prioridade para nós, os filhos era o estudo antes de qualquer outra questão. Então, mesmo em dificuldades, foi-nos proposta à chance de um estudo formal.

Sou filha caçula e irmã de Cláudio, também professor como eu, o qual tem sido minha fonte de inspiração para seguir essa carreira tão desafiadora. Defino-me, portanto, como pesquisadora e professora. Nasci em Tangará da Serra-MT, lugar em que morei até a idade balzaquiana. No início de 2023, acompanhando meu esposo, por motivos de trabalho, mudei-me para a cidade de Sapezal-MT.

Como fruto do ensino público, da educação básica à pós-graduação, tenho orgulho de ter chegado a lugares talvez não alcançados por muitas mulheres de origem como a minha. Sinto que foi resultado de muita persistência e suor derramado por mim e por meus pais, além de boas relações estabelecidas em minha trajetória acadêmica.

Concluí meus estudos básicos em 2009 e, em seguida, prestei vestibular na Unemat, na cidade de Tangará da Serra-MT, para o curso de Letras, como já anunciei em outro espaço deste texto, por influência positiva de meu irmão, uma vez que me extasiava quando o via confeccionando materiais pedagógicos em casa: pela dedicação, abria mão das horas de descanso para realizar trabalhos e pesquisas acadêmicas.

Obtive êxito no processo seletivo para ingressar na universidade e, ali se iniciava mais um sonho. Uma conquista que muito me alegrou. Percebi que a jovem menina Kamila seria capaz de buscar meios para conquistar o que desejava desde que houvesse dedicação. E, assim, iniciaram-se os anos de formação acadêmica.

Durante a trajetória da graduação, meu tempo era dividido entre os estudos e o trabalho. Desempenhava uma função em uma loja durante o dia e, como intervalo para o início das aulas, tinha apenas 30 minutos para chegar em casa, escolher entre comer algo ou tomar um banho, pois deveria estar pontualmente à espera do ônibus, já que o campus era distante de minha casa.

E assim se foram os quatro anos de graduação. Sinto que não pude me dedicar tanto quanto gostaria, mas desdobrava-me madrugada adentro para cumprir com as leituras e os trabalhos acadêmicos. Em seguida, colhi os frutos com a colação de grau.

Na oportunidade, pude ter o privilégio de representar a turma no momento do juramento. Proferir um empolgante juramento para toda a multidão perceber que eu tinha vencido mais aquela etapa na minha vida e sabia que não era apenas uma conquista minha, era de minha família e de todas as mulheres que lutaram para mudar seu estado social. Tempos depois vieram outras conquistas. Uma segunda licenciatura: Pedagogia. Na sequência, aliada aos sonhos de construir uma carreira acadêmica e profissional, passei no concurso da Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC) como professora de Educação Básica. A partir daí, senti na pele os prazeres e os desafios da educação pública, bem como as adversidades diárias que estudantes da escola pública sofrem, em especial as mulheres por terem jornada dupla ou tripla quando se trata de estudar, trabalhar e, ainda, donas de casa, ou até mesmo, as adolescentes que depositam na escola o sonho para transformação de vida, assim como eu.

Com propriedade, declaro que passei por instantes difíceis e fatigantes, mas também desfrutei de instantes felizes e satisfatórios. Ofertar a educação às crianças e jovens é oferecer a eles uma visão crítica e uma capacidade de argumentação sobre o mundo. Perceber que você está conseguindo fazer isso é gratificante!

Em 2022, seguindo o sonho de uma carreira acadêmica, inscrevi-me para o processo seletivo de Mestrado no Programa de Estudos Literários da Unemat, também em Tangará da Serra- MT. Foi um momento divisor de águas em minha vida. No dia em que saiu o resultado, a tensão foi imensa por causa da ansiedade, mas em contrapartida, a sensação da conquista foi maravilhosa ao ver meu nome na lista dos aprovados. A partir de então, o aprendizado galgou novos aprofundamentos e ampliações. Estar em contato

com acadêmicos mais experientes e professores do programa tem sido muito valioso nessa caminhada.

Decidi desenvolver a pesquisa sobre as personagens femininas reveladas na obra de contos “Não presta pra nada” de Marta Cocco, uma vez que nela constam aspectos importantes quando se trata da capacidade das mulheres em se transformar em multifaces, adaptando-se às suas necessidades, demonstrando resistência e resiliências na luta contra conceitos arraigados pelo patriarcado. Personagens femininas dos contos ao serem silenciadas se tornaram protagonistas de suas próprias histórias, traçando caminhos ainda tortuosos e difíceis, porém diferentes daqueles que estavam fadados ao fim.

Ponto, ainda, que a ideia desta pesquisa surgiu a partir de questionamentos internos sobre a situação da mulher na literatura, bem como sobre o sentimento de inquietação em observar o quão pouco a mulher é reconhecida enquanto autora feminina. Em um primeiro momento, a obra me foi apresentada por um colega de profissão. Outro fator que impulsionou o desenvolvimento desta pesquisa foi o modo que a obra me afetou enquanto leitora: possibilitou-me reflexões em torno da história das personagens femininas e as relacionava, em muitos casos, com situações vividas, daí senti a necessidade de me aprofundar na temática.

No decorrer do cursar as disciplinas do mestrado, amadureci meu pensamento crítico a partir de cada discussão temática. Assim, iniciei a produção dos capítulos deste estudo, aliada às comunicações orais, orientação dirigida, seminários e encontros que tive com colegas pesquisadores que conheci durante essa jornada acadêmica. Além disso, tive a oportunidade de ter alguns encontros virtuais com a Escritora Marta Cocco, bem como um encontro presencial em um seminário promovido pelo Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) que estive presente, conforme fotos o anexo 2 e 5.

E, assim, em comunhão com muitas leituras e trocas de experiências durante as disciplinas ofertadas pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da UNEMAT construí o presente trabalho de pesquisa que ora se apresenta. Desejo a todos uma excelente leitura!

INTRODUÇÃO

A Literatura é amplamente conhecida por ser uma forma de expressão da realidade. As narrativas, especialmente as do gênero conto, podem permitir ao leitor tomar consciência sobre temas cotidianos. A exemplo, o retrato social da mulher, relacionando-o às questões sociais, possibilitando apontamentos reflexivos sobre o silenciamento da mulher em relação à sociedade ainda marcada pela presença do patriarcado.

É perceptível, em narrativas literárias que tratam do papel social da mulher, sob o viés do patriarcalismo, a observação crítica da dominação masculina vivida por ela desde o passado, bem como o sofrimento e preconceito ainda arraigado no presente. Assim, ao se ler e analisar tais textos, pode-se observar como a mulher tem sido vista ou até mesmo concebida como sexo frágil, inferior socialmente ao sexo masculino e, por motivos como esses, passa a ser moldada e limitada a preferências do homem.

Mesmo diante dos diversos processos de lutas enfrentados pela mulher na tentativa de conquistar seu espaço, questões de silenciamento e/ou apagamento social, nas últimas décadas, ainda são comuns, bem como a prática de dominação patriarcal. Essas ações decorrem de uma ideologia que condiciona o sexo feminino às condições convenientes ao homem.

A literatura, por sua vez, permite o apontamento em tom de denúncia em temáticas que reverberam a submissão e o descrédito vividos por mulheres, constituindo-se em fator de lutas históricas e conscientização social a partir de escritos que estimulam a discussão em torno desses temas sensíveis.

Isso posto, é ainda mais perceptível a denúncia social, quando os textos são de autoria feminina, uma vez que as mulheres, de modo geral, têm passado por situações de controle comportamental, limitação dos espaços e papéis sociais, repressão sexual, objetificação dos corpos ou privações quanto às vestimentas, dentre outros fatores que têm se mantido ao longo da história. Mesmo na contemporaneidade, elas ainda necessitam lutar por garantia fundamental de direito (KRISTEVA, 1989).

A partir do aumento da participação da mulher nos ambientes, antes tomados pelo homem, é possível perceber uma evolução quanto à voz feminina na escrita

literária, permitindo de certo modo uma escrita emancipatória, com presença de novas autoras na perspectiva da representatividade da mulher em diversos âmbitos, nos quais essa figura social se coloca como um ser de multifaces. Trata-se de uma evolução que tem sofrido ataques constantes durante sua história (WALKER, 2021).

Associado-se a essa realidade, uma forma de abordar o papel da mulher na literatura é o destaque para o quanto a escrita da mulher caminhou em representatividade feminina em seu próprio universo, demonstrando movimentos de luta, resistências e resiliência no universo das mulheres.

Figueiredo (2020) pontua que essa submissão, ainda constante mesmo em tempos atuais, instaura-se pelo fato da necessidade da mulher ter que agradar seu público, o que contribuía no passado para o apagamento e, no presente, diminui o potencial de afirmação. Nesses termos, a pesquisadora destaca que

Como agradar é sua maior preocupação, a mulher artista tem medo do desprezo de um mundo que sempre foi domínio masculino. Por essa razão, procura ser tímida e modesta, bem-comportada, apostando no conformismo, numa literatura que não choque e não ouse. Virginia Woolf também considerava que as escritoras que a precederam tinham muitas deficiências, por medo, timidez, falta de experiência pela censura dos homens que as cercavam (FIGUEIREDO, 2020, p. 69).

De fato, a autoria feminina na literatura tem assumido relevância ao expor uma ideologia autoritária existente no cenário da escrita, desde tempos remotos, por se utilizar da voz para expor os problemas sociais enfrentados pela mulher (NADAF, 2004). Nessa visão, a escrita se estabelece a partir de conceitos estéticos, como linguagem carregada de sentidos e, a partir dessa manifestação artística, apropria-se de temas para o debate, especialmente sobre a relação de como a mulher tem vivido, apresentando-se em multitarefas agregadas a ela.

Assim, este estudo que se apresenta busca analisar, a partir da leitura da obra e com ênfase no leitor reflexivo, como a mulher é retratada nos contos da escritora Marta Cocco, ressaltando as características desse gênero textual, bem como fazendo uma analogia ao contexto histórico e atual que a mulher urbana vive no mundo cotidiano, já que essa tem passado por diversas situações relacionadas à sua posição feminina e social.

Nesse sentido, por meio do estímulo à formação do leitor, ostenta-se orientar profissionais da educação e os leitores em geral, a fim de atuar na minimização do problema que envolve a falta de leitura, bem como cooperar para a superação das dificuldades que têm prejudicado o ensino e o acesso à leitura na sociedade em seus diversos níveis, em especial na sala de aula.

Frente ao sistema patriarcal, a obra “Não presta pra nada” apresenta personagens femininas protagonistas de suas histórias e mostra, por sua vez, a representação do feminino em suas múltiplas faces, como retrato e voz para aguçar no leitor sua sensibilidade e autocrítica, fazendo referência ao histórico de repressão e sofrimento vividos por personagens que se personificam na imagem da mulher.

Nesse viés, este estudo torna-se relevante, à medida que promove discussão acerca do modo que o texto afeta diretamente o leitor, proporcionando-lhe o prazer estético, bem como significações receptivas, tornando-o um ser crítico e participativo. Outrossim, contribui com os estudos relacionados ao processo de formação leitora e a sua tomada de consciência, por meio das narrativas que destacam a ruptura do silenciamento feminino frente à sociedade patriarcal retratadas nas literaturas; apresenta pertinência criativa, por evidenciar a escrita de denúncia de fraturas em direitos da mulher que rotineiramente são violados. Desse modo, objetiva-se, a partir do texto, como produto de autoria feminina, exibir análises críticas considerando os potenciais de sua manifestação artística, observando-se nuances e linguagem literária empregada nas narrativas.

Busca-se, ainda, explicitar as técnicas de escritas utilizadas pela autora para cativar o público leitor, além de interseccionar os temas sociais e históricos que envolvem a obra e se estabelecem como quebra de padrões na produção literária, materializando na produção da autora com um tom de humanizar, isto é, sensibilizar o leitor à reflexão/ ação para com temas tão importantes.

Como escopo norteador, tratamos do debate sobre a posição da mulher na sociedade patriarcal, destacando a posição de obediência e procriação à qual era destinada. Para tal, evidenciamos o papel histórico da mulher na literatura enquanto processo de autoria, debatendo todo o caminho percorrido pelas vozes femininas sufocadas por meio da violência física e moral, e como essas mulheres ainda em processo de lutas, por meio da literatura, buscam romper o silenciamento. Por conseguinte, este estudo fomenta discussões em torno do modo em que as personagens femininas são silenciadas nas narrativas e, por sua vez, permanecem no estado de repressão dos contos escolhidos, aliados à análise crítica da imagem da mulher nas produções literárias, interseccionando-a com aspectos da realidade social da mulher cotidiana, utilizando as narrativas selecionadas como suporte para a discussão.

Este estudo, dessa forma, configura-se como uma pesquisa de caráter qualitativo e de análise crítica das incidências da linguagem e do discurso literário da

narrativa, teorias, conceitos e ideias que destacam a importância do processo de formação do leitor reflexivo, o papel do Professor de educação Básica no fomento a esse processo e no despertar para o prazer do texto e suas significações receptivas, a partir de condições interpretativas que o texto apresenta.

Nessa vertente, esta pesquisa se coloca como mais uma ferramenta na formação profissional do mediador de leitura, bem como, a partir da verossimilhança discute social e criticamente o modo em que a mulher tem sido considerada desde os tempos remotos, associando conquistas históricas por meio de movimentos feministas, bem como a mulher tem buscado se posicionar frente a este sistema.

Em se tratando da relevância da mediação da leitura, auxiliar o aluno/leitor a desenvolver o gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade matéria com os livros.

Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras "verdadeiras", é essencial (MACEDO, 2021, p. 48).

Dessa forma, não basta apenas a implementação de políticas públicas voltadas à disponibilidade de material de leitura. Associada a essas é necessária a criação de meios de formação e de mediação que possibilitem o acesso e a apropriação das obras pelos leitores.

Dentre as teorias estudadas, damos destaque, além dos tópicos em torno da formação do leitor, à citação histórica: a *Estética da Recepção* defendida por Jauss (1967), que será também um dos norteadores deste trabalho. Segundo essa teoria, o leitor é um ser dinâmico e não passivo e, assim, o texto se completa nele como se pode observar nos contos propostos para análise.

Sendo a literatura a arte de expressão, este estudo: potencializa as discussões em torno da mulher e seus arquétipos sociais; consolida a obra submetida à análise com um olhar em torno da percepção e da representação da mulher frente à sociedade dominante; e oportuniza voz e vez à mulher que, historicamente, tem sofrido e sido colocada à margem da sociedade.

Nessa abordagem, além dos elementos pré e pós-textuais, este estudo se estrutura, em três capítulos, sendo esses, compostos por: contextualização da obra "Não presta pra nada"; informações sobre a autora da referida obra, teorias significativas de análise e a abordagem técnica propriamente dita. Deste modo, no

capítulo I, “O texto literário e a Estética da Recepção: fundamentos para o leitor reflexivo,” serão discutidos sob a perspectiva do leitor crítico, a partir da Estética da Recepção como teoria, o prazer da leitura literária e as suas significações analíticas, associadas ao modo em que a linguagem e sentido intrínseco se apresentam.

Pra sustentar a análise, buscamos aporte em teóricos como Proença Filho (1996), Freire (1996), Bordini & Aguiar, (1989), Candido (2004) Regina Zilberman (2015), Jauss (1967), Bosi (2015), dentre outros. Assim, encontramos base para evidenciar linguagem literária em narrativas curtas, mecanismos de construção do texto, as percepções do discurso literário referindo-se à linguagem e sentido intrínseco para leitor contemporâneo e à importância do leitor como partícipe reflexivo em novas significações.

No capítulo II, “Representações do feminino: múltiplas faces, vozes e sentidos”, encontramos subsídios em Bourdieu (2005), Figueiredo (2020) Walker (2015), Wolf (2019), Coelho (1993), Beauvoir (1967) Butler (2021), Nadaf (2004), Soares (2014), Kristeva (1989), dentre outros autores. Aqui, abordamos o processo de autoria feminina e seus desafios históricos na sociedade patriarcal, destacando os obstáculos para construir uma escrita que dá voz e ‘denúncia’ a situação da mulher no espaço social; os aspectos históricos da formação de movimentos feministas na construção de espaços para a escrita da mulher como voz literária.

Para essa discussão, investimos na presença da escrita feminina na literatura brasileira produzida em Mato Grosso funciona como uma projeção e solidez da escrita da mulher. A fim de contextualizar a obra “Não presta pra nada”, destacamos a biografia/percepção do período histórico em que se compreende a obra, bem como a produção literária de Marta Cocco, pelo viés da humanização social, discorrendo sobre sua biografia e obra, bem como o papel da literatura como humanização social presente em “Não presta pra nada.

Em seguida, o capítulo III, intitulado “Percepção analítica da obra “Não presta pra nada” – aspectos da narrativa, abrange a análise sistêmica dos contos “Cincos Marias”, “Gente de quem?”, “Roupa Suja” e “Chuva Benta”. Anunciamos que tais contos foram selecionados para análise, a partir de mapeamento da obra por temas que se constituíram em materialidade o corpus de análise, aos quais incidem em aspectos importantes para evidenciar as multifaces da mulher diante da sociedade em que vive.

Cada narrativa escolhida se desenvolve como parte do fio condutor da escrita de Marta Cocco, que tem por característica uma produção emancipatória, reflexiva como peculiaridade a denúncia contra um sistema opressor e, de modo humanizador, ressalta a consciência sobre a pertinência de se discutir o tema socialmente.

Nesse espaço, são destacados aspectos da narrativa, logo após, apresentamos a contextualização da obra em análise. Para tal, procedemos ponderações analíticas sobre “Cinco Marias”, na perspectiva das relações familiares, trajetórias de lutas e resiliências; “Gente de quem?”, sob o destaque para as representações de poder e desigualdade social e identidade; “Roupa Suja”, em consideração às multifaces da mulher, sob a percepção da história e da memória; e os temas ligados ao sexismo, misoginia *versus* a humanização da mulher na perspectiva do discurso literário, em “Chuva Benta”.

Ao fim deste estudo, em “Considerações Finais”, são registrados desafios enfrentados para a construção deste estudo, tanto em sentido do crescimento intelectual durante a pesquisa, quanto ao amadurecimento, enquanto analista. Sendo assim, serão dispostas reflexões sobre como os resultados do estudo desenvolvidos servem de contribuição para novas pesquisas e para o incentivo à literatura, podendo ser aporte teórico para outros pesquisadores e leitores.

Nas partes suplementares, salientamos as “Referências Bibliográficas” utilizadas na pesquisa de forma direta, bem como outras sugestões de leitura que contribuíram para o processo de construção analítica. Ao término, dispomos de alguns anexos com fotos de encontros com a autora, eventos de participação científica, live com Marta Cocco e de participações em grupos de estudos essenciais para a construção dessa dissertação que ora se apresenta.

I- O TEXTO LITERÁRIO E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO: FUNDAMENTOS PARA O LEITOR REFLEXIVO

Viver em sociedade é uma necessidade inata ao ser humano. Para tanto, este estudo se utiliza da linguagem como forma de se comunicar entre seus pares. É por meio da comunicação que se estabelecem as relações interpessoais. O homem, nesse sentido, apropria-se da linguagem como mecanismo sistêmico de comunicação de suas ideias e sentimentos com o outro.

A comunicação, nesse sentido, trata de um sistema de signos, é regida por princípios organizatórios específicos e é marcada por um alto índice de complexidades, envolvendo questões morfológicas, fonéticas, sintáticas e semânticas. Proença Filho (1996), nesse âmbito, ressalta que simultaneamente ao sistema de signos, a língua é uma instituição social, que possui um valor em si e um valor em relação aos demais.

O texto, considerado uma das ações de comunicação, pode ser usado como um instrumento de transmissão de informações entre as pessoas. Contudo, dependendo das circunstâncias em que essa ocorre é possível utilizar-se de condições especiais da língua para fomentar a linguagem. E, é nessa possibilidade de novos entendimentos que se apresenta a linguagem literária. Uma forma de expressão carregada de sentidos que relaciona diretamente autor e leitor (CANDIDO, 2006).

Em se tratando do processo de leitura, Freire (1996) indica duas importantes realidades que se sobressaem quanto a sua função. Segundo o cientista, quando uma criança aprende a ler, trata-se de um momento de descoberta e de interpretação de situações de um mundo novo, já para um adulto, o mesmo ato significa a possibilidade de sua inserção ao meio social.

Nessa ótica, o jovem ou o adulto que aprende a ler passa a participar socialmente do seu meio, são, pois, acrescidas novas oportunidades em vários aspectos, tais como econômicos e políticos. Nessa perspectiva, o ato de ler deve ser compreendido como atitude cultural, inserida a costumes de uma sociedade.

Por esse ângulo, ao se observar o percurso educacional brasileiro, evidencia-se, porém, baixos índices de desempenho em leitura diagnosticados em avaliações externas e internas nas escolas e secretarias de educação em todo o país, tornando

ampla a discussão da “crise da leitura” (COSTA, 2006). Tal cenário demonstra que os alunos das mais diversas etapas de ensino-aprendizagem apresentam níveis abaixo do esperado de compreensão leitora, o que se agrava quando se trata da leitura e da compreensão de textos literários.

Apesar deste estudo não centrar o foco no aluno e, sim no leitor em geral, a discussão sobre a formação do leitor passa em primeira categoria na construção mobilizadora das escolas para o ato de ler. A prática de leitura literária tem sido o melhor caminho para a emancipação e construção de uma sociedade participativa para com o exercício da cidadania (CANDIDO, 2006).

Dessa forma, assentamos que, neste capítulo, tendo por meta contextualizar teoricamente, abordamos como os conceitos da Estética da Recepção fomentam a formação de um leitor reflexivo, a fim de que se observem as significações associadas ao texto. Isso promove uma leitura para além da narrativa, ampliando novos sentidos evidenciados pela linguagem e construção poética. Ademais, são evidenciados conceitos de literatura e suas abordagens sociais, a partir de autores já citados na parte introdutória desta investigação.

1.1- Leitor reflexivo: texto literário e suas significações receptivas

Tratando-se de mecanismo linguístico, “o livro é o documento que conserva a expressão do conteúdo de consciência humana individual e social, de modos cumulativos” (BORDINI & AGUIAR, 1989, p. 9). Atua, portanto, como ferramenta para minimizar os problemas enfrentados quanto à falta de leitura entre a sociedade brasileira, especialmente os jovens. Deste modo, quando o leitor passa a decifrá-lo, isto é, quando a leitura faz sentido a que lê são estabelecidos elos com as manifestações socioculturais que lhe são provocadas entre o tempo e o espaço.

Para Zilberman (2004, p.7), “foi a partir da década de 1970 que, no Brasil, a leitura foi alçada à condição de um campo delimitado de investigação teórica e metodologia”. Historicamente, existiam, sobretudo, antes dos estudos e propostas de métodos de alfabetização, pesquisas sobre hábitos e preferência do leitor e discussões de problemas relativos ao ensino de literatura.

Entretanto, com o desenvolvimento, nos últimos anos, das ciências da linguagem, conferiu-se um novo *status* ao modo em que se compreende a leitura, permitindo-se passar de simples mecanismo técnico de ensino, para o despertar de uma reflexão crítica em níveis sociais, linguísticos, literários, entre outros.

A leitura, desse modo, ao permitir a apropriação de ideias e de novos sentidos, passa, então, a ser vista como a forma de olhar crítico. Nessa conjuntura, fomentando discussões, as quais requerem a investigação de diversos fatores determinantes para a situação da falta de leitura, especialmente para o público jovem.

Sabemos que, em muitos casos, os fatores estão relacionados às condições socioeconômicas da população e problemas na formação inicial e continuada do professor e do pesquisador. Para agir de forma coerente, então, de acordo com a realidade do leitor, é preciso reconhecer as habilidades voltadas ao seu cotidiano, tais como hábito de leitura e gosto por ela. Assim, sendo a escola um passaporte literário, essa, como instituição, poderia repensar sua prática do ensino literário e do estímulo à leitura. Segundo Costa (2023, p. 69),

É inquietante observar nas escolas brasileiras de educação básica que muitos alunos não manifestam interesse pela leitura literária e, conseqüentemente, esse tipo de leitura tem se esvaído de maneira progressiva e contínua. Os professores já não atuam com o ensino literário de maneira a conquistar seu público e, os alunos, por sua vez, não se interessam pelas leituras que, na maioria das vezes, o currículo escolar lhes oferece de forma obrigatória.

Vemos, dessa forma, um esvaziamento quanto à prática de leitura, já que para muitos leitores a concepção de literatura, está apenas ligada ao fantástico e ao entretenimento. E, para tanto, já se tem *games*, séries e tantos outros meios de diversão. Nessa percepção, continua o pesquisador,

(o) que se percebe é um claro distanciamento do ato de ler nos anos finais do Ensino Fundamental, entre 6º ao 9º ano, em relação aos alunos de 1º ao 6º ano, já que, visivelmente, estes têm o costume de frequentar mais a Biblioteca Escolar” (COSTA, Op. cit).

Diante dessa problemática, é importante conceituar a literatura a partir da linguagem e do discurso literário, possibilitando que o leitor tenha condições de se apropriar de novas significações dadas ao texto, produzindo conhecimentos sobre metodologias eficientes para o desenvolvimento do repertório na formação do leitor. Isso se torna um fator relevante para fomentar o processo de leitura, o qual está ligado às condições de trabalho, às peculiaridades da cultura escolar e à formação do professor, já que escola, a cada dia, tem se tornado “um espaço que afugenta o livro literário das suas práticas seja pela forma como o currículo está estabelecido sem

priorizar o texto literário, seja pela inexistência de um projeto de leitura ligado às bibliotecas ou salas de leitura na escola” (MACEDO, 2021, p.58).

É possível observar, dentre outros, que aspectos sociais, econômicos e/ou políticos, em alguns casos, contribuem negativamente ao acesso à leitura de produções literárias. Tal fato acaba por aumentar, ainda mais, a distância no que diz respeito ao desenvolvimento leitor. Diante dessa realidade, ressaltamos o papel árduo dado ao professor, especialmente da educação básica na mobilização formadora de leitores, ainda que, na maioria das vezes, tal profissional careça de recursos, de materiais pedagógicos e livros, dificultando efetivamente resultados completos. De fato,

Fornecer aos professores fundamentos teóricos para melhor compreenderem e, se necessário, alterarem suas prática de ensino da leitura. (...) O critério de suficiência somente ser atendido quando e se os professores assumirem, *como sujeitos*, o desafio da prática, do cotidiano, das salas de aula, dos livros, das situações de leitura. Mais especificamente, quando encararem o desafio de ensinar a ler e a gostar de ler. Sem um combate frontal à alienação imposta, sem uma atenção cuidadosa e sensibilidade para com as necessidades oriundas da prática pedagógica e sem uma participação decisiva na história da educação dos leitores de nada valerá para a prática do ensino de leitura (ZILBERMAN & SILVA, 2004- *grifo do Autor*).

Diante do exposto, é fundamental que os professores como formadores de leitores se apropriem de técnicas de ensino de leitura, a fim de que se assumam como sujeitos ativos e sejam reconhecidos por seus alunos como um leitor.

Nesse sentido, ainda que se possa pensar que qualquer tipo de leitura seja válida, é imprescindível focar no hábito da leitura de textos literários. Bordini & Aguiar (1989) discorrem que os textos literários têm por si só uma estrutura mais abrangente. A literatura desenvolve formas variadas de interpretação e significação dos textos lidos, o que oferece ao leitor liberdade em reflexões, uma vez que esta não se obriga a ser fiel à realidade e seguir uma única lógica de raciocínio, ainda que apresente elementos próximos do cotidiano em que o sujeito está inserido.

A sociedade, nessa vertente, tem a necessidade de se nutrir de literatura, como forma de conhecimento e busca de prazer. Candido (2004) reafirma que essa dependência plena do usufruto literário está intimamente ligada à constituição humana, e que não existe nenhum povo que consiga viver sem ela. Essa necessidade de fabulação se insere no cotidiano e no sonhar todas as noites que assegura a criação ficcional ou poética.

Nessa ótica, quando referimos ao aluno da Educação Básica, em especial no Ensino Fundamental, fase final (terceiro ciclo), o ato de ler, para grande parte dos

alunos, não é visto de maneira agradável, uma vez que o leitor quase sempre já vem sufocado por leituras curriculares obrigatórias que, em muitos casos, são associadas a temas específicos para um objetivo e não vista como manifestação artística.

Associado a isso, ainda se encontram profissionais que usam textos como ferramentas de ensino mecânico, abrangendo apenas o nível da superficialidade da leitura, limitando a possibilidades dos alunos (doravante leitores) empreenderem no nível da significação. Em muitos casos, os textos literários são vistos simplesmente como uma ponte para o estudo gramaticista, por essa razão, as aulas de literatura se tornam cansativas e desinteressantes.

A leitura no ambiente escolar, pelo contrário do que relatado no parágrafo anterior, necessita ser apresentada de forma atrativa, entendida como um momento de prazer e de reflexão para os seus leitores, servindo como um mecanismo de mudança de realidade pessoal. Cabe, então, ao mediador da leitura desenvolver o prazer pelo ato de ler, a fim de que o leitor se torne um ser crítico e autônomo (ZILBERMAN, 2015).

Pensando a literatura como a "comunicação entre o que é diverso pelo fato de ser diverso, não embotando, mas antes exaltando a diferença, segundo a vocação própria da linguagem escrita" (CALVIVINO, apud MACEDO, 2021, p. 47), "esta literatura incide sobre algo que nos e constitui, a diversidade humana, suas diferentes formas de ser, contribuindo assim para nos enxergarmos na diversidade, em nossas diferentes formas de humanidade" (MACEDO, Op, cit. p. 58).

Nesse viés, a pesquisadora Maria do Socorro Alencar Nunes Macedo, (IBIDEM), reafirma que a literatura deve ocupar lugar de destaque quando se trata dos processos formativos, bem como em outros espaços, referindo-se à aquisição de leitura. A pesquisadora afirma que tais ações se devem ocorrer "por meio de processos e formas de mediação dialógica que incluam o debate e a conversa acerca da obra como princípio fundante."

Quando se consolida a leitura por prazer, a construção do pensamento do leitor supera a leitura por obrigação e não permite que a leitura literária fique ofuscada e vista apenas como uma forma de cumprir o currículo escolar. Há um entendimento de que a literatura precisa ser apresentada de maneira lúdica, a fim de despertar emoções, divertir-se, ou até mesmo, comover o leitor.

Nesse sentido, a leitura literária, ao ter como foco a formação de pessoas, age na sensibilidade, com conhecimento de causa e com discernimento para o ser

humano. Os textos literários estabelecem e potencializam as memórias, as experiências e inclusive a vivência sócio-histórico-cultural de povos. Todo esse conjunto ajuda diretamente na construção de identidades, possibilitando a leitura de tempos e espaços, de forças e formas, de tramas, trapaças, tropeços e truques da vida.

Assim, o mediador da leitura antes de tudo, precisa ser um leitor assíduo e reconhecido, como alguém que estimule a ação do ato de ler, a fim de que consiga despertar no aluno, o prazer e a vontade de se adentrar no mundo das palavras. “Mas, antes de ser um mero operador de comandos, o educador se interage com a turma de modo que os livros a serem trabalhados não se constituam apenas de modo impositiva” (COSTA, 2023, p.70).

A leitura literária se torna parte do processo de humanização, de descobrimento de si mesmo e do próximo. Os textos literários também desenvolvem o papel de criar um espaço de diálogo criativo, observando-se a diversidade cultural, parte importante da constituição humana (CANDIDO, 2004).

A leitura, nessa visão, permite a construção de seres pensantes, críticos, capazes de diálogos sobre os mais diversos assuntos, ou seja, pessoas que possuem uma opinião formada sobre assuntos sociais, capazes de quando provocadas, sejam capazes de inferir sobre os sentidos, duvidar destes e, até mesmo, ampliá-los. Salienta-se que a liberdade do leitor não é absoluta, mas limitada pelas convenções e hábitos de leitura da sociedade na qual esse leitor está inserido, mas quanto mais habituado a ler, mais o leitor se desprende das amarras convencionais.

Para Lajolo (1999, p.7), “ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler, aprende-se a ler à medida que se vive”. Assim, o professor, como formador de leitores, demanda desconstruir a imagem da concepção de leitura por obrigação ou requisito para obtenção de nota ou exigência de currículo escolar. Mas, para que se efetive o gosto, o aluno precisa reconhecer no mediador um leitor e incentivador assíduo. Assim, a leitura carece de ser enxergada pelo aluno como uma atividade prazerosa que desperte a atenção e o prazer do leitor.

A constituição de um leitor reflexivo reafirma a sua personalidade, edifica seus valores éticos, inscreve espaço para experiências pessoais, além de proporcionar caminhos para o entendimento sobre vivências e sentimentos que são comuns a ele. Assim, o texto se torna real ao leitor, lapidando-o na busca de situações e vivências no tempo e no espaço que a obra acontece (ZILBERMAN, 2015). Diante de tal

situação, é importante compreender ferramentas e métodos que contribuem para estratégias norteadoras para uma boa recepção do aluno em se tratando da leitura da literatura.

Nessa vertente, Zilberman (2015, p.09) discorre que a leitura assume uma significação “tanto literal, sendo nesse caso, um problema da escola, quanto metafórico, envolvendo a sociedade que busca encontrar sua identidade pesquisando as manifestações da cultura”. Nesse sentido, há uma necessidade do indivíduo em se articular com a leitura.

Levando-se em conta o que a referida pesquisadora expõe acerca do valor do leitor, referindo-se às interpretações feitas em relação à obra, compreende-se que, para a promoção da leitura, é imperativo que as vozes dos seus sujeitos sejam consideradas. Assim, o jogo interativo entre obra e leitor, propiciará maiores possibilidades dessa identificação, de reconhecimento do valor cultural e, por sua vez, da valorização da leitura sempre tendo como foco principal o leitor.

Defendida por Hans Robert Jauss (1967), na Alemanha, na parte final da década de 1960, a estética da recepção é a teoria que tem por foco o receptor- leitor. Esse princípio, no Brasil, defendido, entre outros teóricos, por Zilberman (2015), compreende que o processo de satisfação da obra muda de foco: põe o leitor em evidência. Em síntese, a estética da recepção considera o leitor como parte integrante do texto e revela a capacidade da obra de se desprender de seu tempo original e responder às demandas dos novos leitores.

Segundo Jauss (1994), a principal conquista em se tratando da recepção é a reabilitação do papel do leitor para a concepção social, histórica e estética da literatura. Embora seja o autor, o produtor do texto, ou seja, aquele que articulou as ideias, sentimentos, posicionamento e sentimento no papel, entende-se, hoje, que ele não determina e nem impõe os sentidos resultantes de sua obra. O autor não é considerado mais o “dono” do texto, no sentido que ele deve suscitar nos leitores outras provocações.

Com isso, o texto desvencilhou-se das questões estruturalistas/ funcionalistas atribuídas a partir da linguagem produzida em um texto. Assim, a linguagem passou a ser vista como incapaz de traduzir todos os sentidos e intenções do falante, caracterizando os textos como estruturas cheias de brechas e de lacunas não ditas, cabendo ao leitor criar sentido de acordo com suas vivências.

Na recepção, Jauss (1994) busca o leitor efetivo da obra, historicamente situado no tempo e no espaço. O leitor, na perspectiva da Estética da Recepção, conforme expõe Regina Zilberman (1989, p. 114), é o “leitor explícito, indivíduo histórico que acolhe positivamente ou negativamente uma criação artística, sendo, pois, responsável pela recepção propriamente dita dessa”.

O leitor, portanto, não é um leitor comum, faz parte da comunidade de leitores que compartilha o mesmo horizonte de expectativas circunscrito em uma época específica de uma determinada sociedade. Dessa forma, assume um novo status, sendo considerado peça primordial na Estética da Recepção, que é fundada na experiência do leitor, pensando no fenômeno literário como a sua própria história literária. Diante disso, esse fenômeno literário organizou-se na seguinte ordem: autor, texto e leitor.

1.2- Linguagem e discurso literário em Contos: sentidos intrínsecos para o leitor

O conto é parte fundamental da literatura em sua manifestação artística e, por isso, carrega em sua constituição a capacidade de “cumprir a seu modo o destino da ficção contemporânea” (BOSI, 2015, p. 7). Dentre as exigências da narração realista, os apelos da fantasia e as seduções do jogo verbal inscrevem espaço para o conto assumir formas surpreendentes de variedades.

Ao se pensar no sentido da palavra “leitura”, como ato de decifrar e/ou decodificar o conteúdo escrito, é possível perceber que essa ação não se torna cativante de modo a despertar o interesse do leitor. Observando de maneira sistêmica, o hábito de ler colabora para o desenvolvimento de funções valiosas para o ser humano, como o desenvolvimento do raciocínio, senso crítico e a capacidade de interpretação.

A literatura apresenta-se como meio de surpreender o leitor, prendendo-o em cada linha escrita pelo autor. Um poeta, um contista, um romancista e tantos outros autores têm o poder de levar o leitor, em poucas linhas, do encantamento à confusão, do riso à lágrima, utilizando-se de uma junção de palavras propositalmente ou não, por meio de uma linguagem literária.

A linguagem literária é um recurso bastante utilizado na literatura para provocar as ações anteriormente citadas, sendo empregada por vários autores para garantir que o leitor do seu livro se sinta instigado e envolvido ao passar de cada narrativa (BORDINI & AGUIAR, 1989). Assim, tendo como ferramenta a palavra, a linguagem literária caracteriza-se por atribuir subjetividade em conotação de sentidos, oportunizando na ficcionalidade, a inserção da verossimilhança.

Essa linguagem, no entanto, não necessariamente se consolida como forma utilitária, considerando que nem sempre o autor escreve sua obra em torno de uma função específica a cumprir. É a literatura pela literatura, como manifestação artística, e, compreender os mecanismos da linguagem e do discurso possibilita a investigação do caráter subjetivo que atrai o leitor para percepção particular acerca de determinado fato, ideia ou emoção narrada.

A linguagem literária, nesse sentido, mostra-se com característica de ser plurissignificativa. Desse modo, a mesma expressão pode apresentar diversos significados. Na linguagem literária, os signos linguísticos não tomam sentido apenas pelos seus significados, mas também pelos seus significantes, sendo sons, contextos, dentre outros (PROENÇA FILHO, 1996).

Aliado ao processo de escrita, o texto literário tem como propriedade a utilização de recursos de linguagem, representado pela construção de imagem, movimento e sensações. O uso textual de figuras de linguagem, estruturação da página em branco em seus espaços, uso de verbos de ação e estado em seus mais variados modos e tempos agregam valor estilístico e novos sentidos.

Esses recursos, por sua vez, não são meramente linguísticos, mas inferidos pelo leitor de acordo com vivências. Para isso, usamos a conotação. As figuras de linguagem têm como função destoar da linguagem denotativa e acrescentar ao texto um significado, que vai além do sentido literal. Sendo assim, permitem múltiplos significados do mesmo enunciado (BOURDIEU, 2005).

Ao se observar a representatividade da linguagem, por meio do discurso literário, é perceptível a distinção da linguagem não literária usual cotidiana. Não existe obrigatoriedade de cumprir regras e hábitos linguísticos que estejam obedecendo a regras da norma padrão, pelo contrário, a linguagem literária se abstém de todos esses hábitos, pois procura formas próprias para expressar e impactar o leitor.

Assim, o autor durante o processo de escrita expressa os seus pensamentos e vontades mais íntimas, aliando a isso a vontade de que essas palavras sejam escritas de maneira inédita, permitindo o inesperado, autêntico e o estranhamento. Chklóvski (1976), formalista russo, afirma que o objetivo da arte é transmitir a sensação do objeto como visão e procedimento, sendo ela, a arte o devir do objeto. Desse modo, sem imagens não se teria arte, confirma o autor.

Essa construção de sentidos e imagem, conhecida por literariedade, é defendida como parte de uma elaboração especial na qual se utilizam elementos da ficção e da imaginação do autor. Essa elaboração especial constitui um desvio que afasta a linguagem literária de ocorrências verbais comuns (SOUZA, 1986). Isso posto, para a construção de tais imagens, a literatura se apropria de linguagem específica, pelo fato de que, muitas vezes, a linguagem comum não seja capaz de expressar tais sentimentos (BOSI, 2015).

Entende-se, pois, que a linguagem literária vive em constante mudança quando analisamos os recursos linguísticos utilizados. Pensando na necessidade de inovação que os autores tanto buscam, temos a inquietação por criar novos vocábulos que encham de sentidos os seus textos, a fim de quebrar a monotonia e mudar hábitos linguísticos do cotidiano. Por esse motivo, é comum ouvirmos dizer que cada autor tem a sua linguagem própria de fala e, portanto, é diferente de todas as outras existentes.

Quando cada autor utiliza de sua linguagem literária na construção do texto, há a intenção de que seu escrito faça sentido para seu leitor. O discurso literário promove a ampliação de entendimento, de acordo com a subjetividade de cada leitor. Nesse viés, os procedimentos linguísticos adotados pelo autor farão sentido ao leitor quando ele relacionar o ato de ler com o contexto histórico e social no qual está inserido.

O discurso literário diferencia-se de outras formas de discurso, tais como o histórico, o jornalístico, ou outro, uma vez que faz uso de uma linguagem poética, aquela responsável por trazer singularidade ao efeito de sentido causado no leitor. De acordo com Jakobson (1960), é possível transmitir sentido pela construção da mensagem. Assim, o texto literário se apropria de técnicas de escritas, como o uso de figuras de linguagem entre outros para expressar sentidos e função.

Várias pessoas podem ler o mesmo livro. Cada uma dessas leituras pode ter níveis de entendimentos, sentimentos e emoções diferentes, de acordo com as

vivências. Isso, por sua vez, faz sentido na subjetividade de cada um, levando em consideração aspectos vividos e memorialísticos de cada leitor.

Definir o que é um discurso literário e quais são as suas características talvez seja algo bem difícil. No entanto, para Genett (1976. p. 24), a análise de uma narrativa, ou um discurso literário significa um “estudo de um conjunto de ações e de situações nelas mesmas como abstração do médium, linguístico, ou outro que dele nos dá conhecimento.”

Desse modo, compreende-se o discurso repressivo de subalternidade feminina no conto contemporâneo como fator social, que se estabelece, dentre outros fatores, pelos mecanismos sexistas, misóginos e patriarcais. Essa tônica, aliada à noção de elementos sociais que Candido (2006), em “Literatura e Sociedade”, que trata da literatura como fator de denúncia, permite a compreensão do leitor para a importância do debate a temas sensíveis como este.

A literatura tem por essência a subjetividade, assim, determinado tema, por exemplo, em uma determinada época pode afetar de um modo específico, talvez fazendo alusão ao contexto histórico-social da época, e ao passar dos anos pode ser retomado como fator de conscientização para algo ainda maior, ou ainda não ter os mesmos efeitos de outrora, devido à dinamicidade da sociedade e da linguagem literária, logo não poderá ser considerado um discurso literário (PROENÇA FILHO, 1996).

O discurso literário, dessa forma, caracteriza-se pela presença de singularidades, sendo recheada de complexidade e a multissignificação em seu enunciado ou, em um conjunto de enunciados ditos e escritos por alguém na direção de um destinatário. Nessa forma de comunicar, as palavras são como uma ferramenta de representação da criação artística, como uma fonte de expressão de sentimentos, ações, alegrias e inquietações do autor.

A linguagem literária tem importância central para que o leitor se reconheça na busca de novos sentidos, já que o não dito esconde histórias secretas que possibilitam a melhor compreensão de sentidos (PIGLIA, 2004). Assim, a experiência estética vivida pelo leitor configura um processo comunicativo e que faz dele o seu destinatário. Por esse motivo, é considerada complexa por seu alto índice de diversos significados, sendo, “[...] a linguagem literária produz; a linguagem não literária reproduz” (OLIVEIRA, 2009). A partir das concepções de linguagem e de discurso literário, é importante salientar que o hábito de ler, desde sua concepção, é de suma importância

à vida humana, considerando que a leitura tem função essencial ao processo de ensino-aprendizado na formação do cidadão.

Cabe pontuar que é por meio da leitura que novos horizontes se abrem e torna-se possível compreender e aprofundar conhecimentos de mundo, bem como atuar nele de modo efetivo, como cidadão ativo e participativo. O ato de ler, nesse contexto, tem tomado destaque no cotidiano das pessoas, além de ser foco na leitura escolarizada.

A leitura, contudo, recebe destaque tanto nas instituições de ensino, quanto em estabelecimentos escolares, tendo cada vez mais famílias incentivando essa prática entre as crianças e jovens. No entanto, são necessárias ações de mobilização para a leitura literária, e o conto, por suas peculiaridades, tem sido uma ótima ferramenta para o estímulo.

Nesse olhar, um dos grandes desafios é desconstruir a ideia de que ato de ler é algo chato e sem prazer, afinal o gosto pela leitura, especificamente a literatura, não é condicionado pela natureza humana. Esse processo de “obrigatoriedade” da leitura está atrelado ao fato de muitas escolas trazerem a leitura como estratégia de ensino gramatical e, não simplesmente pelo prazer de se deleitar com uma boa história e de buscar novas significações. Para que o leitor tenha e/ou desenvolva o gosto por ler, enxergue a leitura como uma fonte de prazer e satisfação, essa deve ser trabalhada como tal, não como fonte de castigo e obtenção de nota (MAGNANI, 1989).

Assim, é preciso que se tenha como ponto de partida um tema interessante, que faça parte da realidade do leitor e dos assuntos de sua preferência e, assim, esse irá se identificar com o texto lido. Para tanto, é preciso fazer uma seleção do material a ser lido, para que o processo de leitura tenha experiências bem sucedidas e o prazer se torne consequência.

O prazer no ato de ler se estabelece a partir do instante em que o ser humano deixa de ser um elemento passivo e passa a participar como sujeito do ato de ler, conforme levanta Koch (1996). Com isso, o leitor se torna capaz de ler o mundo ao seu redor. A leitura é uma ferramenta que oportuniza a ampliação e a diversificação da nossa visão/interpretação de tudo sobre o mundo e quem vive nele.

A literatura, em seu sentido geral, transporta o leitor para todos os lugares possíveis do mundo da imaginação, além de ampliar os horizontes de expectativas do leitor, aliando aos milhares de aprendizados possíveis de se adquirir. Assim, é possível que o leitor mergulhe no mundo das plantas e dos animais, no mundo da

literatura policial, dos romances e novelas, da fantasia com a literatura fantástica, a literatura clássica, enfim, tem-se uma gama enorme de recursos e aprendizagens possíveis com o livro (KLEIMAN, 1997).

A compreensão da leitura literária permite prazer, à proporção em que se desvendam os sentidos que o texto traz ao leitor, por isso não deve ser apresentada como uma imposição. A linguagem literária é constituída de significações em âmbitos explícitos e implícitos associada à intenção do emissor e do conhecimento de mundo do leitor. Desse modo, a cada leitura, o texto pode expressar novas significações, tornando o ato de ler algo maçante, cansativo e doloroso, ou seja, algo nem sempre prazeroso.

Kleiman (Op. cit) aponta que “ninguém gosta de fazer aquilo que é difícil demais, nem aquilo que não consegue extrair sentido”. O ato de ler muitas vezes possui essa característica, e assim acaba se tornando algo difícil, sem sentido claro e conseqüentemente, nada prazeroso. A leitura não deve ser um ato ensinado com algo desvinculado do prazer, mas sim como uma atividade construtivista e criativa, capaz de construir leitores ativos e capazes de ler para conhecer o mundo, conscientes de seu papel na sociedade.

A leitura como fonte de conhecimento e prazer sofreu um processo de evolução ao longo do desenvolvimento da humanidade, bem como a relação entre autor e leitor. Nos primórdios, a escrita e a leitura surgiram diante da necessidade de instruir/ dogmatizar os pobres, mas, com o passar do tempo, a leitura tornou-se essencial à construção do conhecimento. Da mesma forma que o processo de leitura e escrita sofreu evoluções ao longo da história da humanidade, a relação entre autor e leitor também (IBIDEM).

A obra literária, nesse sentido, não é considerada como produto pronto e acabado. O autor transmite as suas ideias por meio de sua escrita e o leitor observa a partir do texto e o contexto os sentidos da obra. Assim, com pesquisas direcionadas ao leitor e à observação do discurso literário em suas significações, mesmo que o autor sistematize as ideias, sentimentos, inquietações e posicionamentos no papel, não se é possível controlar os sentidos e interpretações que uma obra pode causar no leitor.

Dessa forma, não é plausível que o autor dite ou incite conclusões e percepções que o leitor terá quando estiver em contato com o texto, dado a posição que cada leitor é afetado e recebe o texto à sua maneira (ZILBERMAN, 2015). Assim,

a leitura do texto ocorre de uma forma personalizada, de acordo com as vivências e posicionamentos de cada leitor.

Diante desses fatos, o leitor deve ser entendido como um ser socializado e inserido em contextos históricos concretos, bem como não pode ser considerado uma tábula rasa sobre a qual o texto vai conferir seu sentido. Há uma relação íntima entre obra e leitor. As significações do texto passam a ser consideradas de extrema importância quando se trata da recepção (ZILBERMAN, Op. cit).

Nesse olhar, diante de um texto literário, o leitor revisita seu repertório das obras já lidas, os valores e ideias que predominam no sistema literário a que faz parte, portanto, realiza seu contato com o texto a partir de suas vivências, que serão as molduras por meio das quais vai interpretá-lo. Um livro, no mérito da receptividade, não é lido da mesma maneira, sobretudo em épocas diversas.

O fenômeno literário é um processo dialógico, ou seja, é um processo de comunicação e, assim, descobrindo o aspecto oculto do papel do leitor como verdadeiro destinatário da literatura. Direcionando o fenômeno literário para outro foco, trouxemos à discussão sua ocorrência no cenário feminino. Assim, no próximo capítulo, dedicamos atenção a aspectos relacionado ao feminino, diante das particularidades (da mulher) que merecem ser ressaltadas.

II- REPRESENTAÇÕES DO FEMININO: MÚLTIPLAS FACES, VOZES E SENTIDOS

Nas sociedades patriarcais, as histórias têm sido narradas sob a perspectiva do homem, que a partir de seu olhar pontua conceitos e valores sociais à mulher, tais como a ideia de que esta deveria permanecer em casa, como trabalhadora do lar, associando-a ao objetivo da procriação.

Em outros termos, pode se dizer que se estabelecia a teoria de que a mulher era responsável pelas tarefas como cuidar dos filhos, ser uma boa dona de casa e, ainda, uma esposa atraente para seu marido, permanecendo de compleição física que o agradasse. Para tanto, a ela se imputava a necessidade de multiplicar-se em várias aptidões para conseguir organizar essas demandas.

Nesse sentido, historicamente, a mulher foi excluída de participar ou exercer atividades públicas, criando cada vez mais um ciclo vicioso que corrobora com preconceitos estruturais. Ainda na atualidade, apesar da mulher ter alcançado algum destaque, em comparação com a classe dominante, são os homens que dominam leis, ou tentam manter um sistema arcaico que desvaloriza o papel da mulher na sociedade (FIGUEIREDO, 2020).

Ao longo do tempo, por conta de luta e resistência, as mulheres têm buscado espaço na sociedade, seja em ambientes voltados à cultura, economia ou na até mesmo na política. O feminismo como movimento não pode ser abordado como único. Há inúmeros artigos, dissertações e teses que definem os movimentos feministas em seus mais variados aspectos e denominações.

Neste estudo, entretanto, baseamo-nos nas concepções de Soares (2014), que compreende o movimento feminista, dentre outros aspectos, como ação política das mulheres, englobando teoria, prática e ética. A autora reconhece as mulheres como sujeitas da transformação de sua própria condição social.

O feminismo busca, historicamente, evidenciar os direitos sociais que foram excluídos das mulheres, tais como o acesso à literatura e, sobretudo, a participação na escrita literária. Aqui, trata-se de uma escrita que tem por meta a transformação da própria pessoa e dos que a cercam quanto à percepção do modo de pensar e agir, bem como na maneira em que a sociedade concebe seu papel social. É uma ação social que preconiza a luta da mulher contra a violência de gênero e pela igualdade de direitos e de condições na sociedade, pontuando que ambos os sexos têm o

mesmo direito e as mesmas oportunidades (SOARES, op. Cit). Dessa feita, o feminismo não se considera como tratativa oposta ao machismo, pois o machismo se define como uma condição que incentiva a opressão contra mulheres. Já, o feminismo tem como propósito construir condições sociais que ofereçam igualdade entre os sexos.

Nessa vertente, uma das obras que fomentam essas discussões é o livro “Segundo sexo” de Simone de Beauvoir (1908-1986), publicado em 1949. Tal obra, sob a perspectiva crítica, discorre sobre diversos problemas sociais entre os sexos, criticando o casamento, a maternidade como missão feminina, impedindo que a mulher tenha autonomia e independência.

Obras como essa permitem conduzir um olhar para como a sociedade é definida pela classe masculina. “O homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo”. Nesse sentido, a mulher é apreciada diante do que é posto como essencial ao homem. Para atender suas demandas, não como um indivíduo de personalidade. Nesse caso, o “homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (BEAUVOIR, 1967, p. 12).

As articulações que norteiam o movimento feminista, além da luta por direitos da mulher, sobressaltam aspectos relativos à quebra de barreiras de silenciamento. Essa composição de uma literatura com características que além de possibilitar o prazer estético se apresenta como denúncia de um sistema dominante.

Durante muito tempo, o *status* para com a escrita era valorizado pela perspectiva de homens letrados, escritores, cronistas e historiógrafos, atribuindo a ela mecanismos de mediação de um poder simbólico, ao qual se permitia ao homem os relatos pertencentes à sociedade. Nesse caso, tinha-se uma exclusão de vozes femininas e, por sua vez, o fomento de uma sociedade patriarcal, machista e sexista (OLIVEIRA, 2015).

A escrita literária, marcada por uma minoria dominante, dentre outros sentidos, acabava por afastar a mulher do fazer literário, silenciando-as cada vez mais. É possível observar, em algumas escritas, as representações pejorativas e antagônicas que se referiam às personagens femininas.

Destacava-se as figuras dualistas: prostituta x santa, anjo x demônio, bruxa x fada, dentre outras. Essas representações criam imagens estereotipadas do feminino, em que a imagem da mulher é algo pronto e acabado, singular. A dicotomia entre feminismo e patriarcalismo é fruto de bastante conflito na sociedade (SOARES, 2014).

Castro e Lavinias (1992, p. 237), referem-se ao patriarcado como uma forma de “dominação em que o senhor é a lei e cujo domínio está referido ao espaço das comunidades domésticas ou formas sociais mais simples, tendo sua legitimidade garantida pela tradição.” Em outras palavras, aos homens lhes são oferecidas amplas oportunidades e benefícios; às mulheres, por sua vez, restam-lhes, por essa ótica, a aceitabilidade quanto ao silenciamento e penalizações por descumprimento ao que lhes é outorgado.

Assim, na sociedade dominante, tem-se bem definida a hierarquia da família. O centro de poder deve ser regido pelo homem, que controla, determina, organiza, considera-se a figura principal e detém o controle todos os assuntos que envolvem a família, enquanto os demais membros são secundários, quando não são oprimidos e silenciados.

Na contramão do patriarcado, tratando dos movimentos feministas, convém salientar vitórias sociais advindas de lutas e resistência para a mulher, como acesso à universidade, à profissão técnica e, ainda, maior participação na política, como um ser que age socialmente. No entanto, há ainda forte preconceito que estereotipa a imagem de mulher livre, caracterizando-a como mal amada, machona, desonrada, dentre outros atributos.

Uma das razões para a aversão ao feminismo, que é considerado por uma parcela significativa de pessoas uma afronta social, deve-se ao pouco conhecimento da sociedade em relação ao tema. Mesmo que se tenha bibliografias, o conhecimento é ofuscado em práticas já arraigadas e distorcidas. Atrelado a isso, destaca-se a resistência aos movimentos, a associação a termos como desordem, militância e baderna.

Dessa forma, em muitos casos, o feminismo não é um movimento bem querido pela sociedade. Concepções distorcidas são repassadas de geração a geração, resultando em paradigmas dificilmente rompidos, de modo que se necessita a valorização de conquistas ao longo do tempo, bem como sua importância para a emancipação das mulheres, já que se trata de ações polêmicas, pelo motivo de ir de encontro à classe dominante.

Historicamente, há pessoas que legitimam as conquistas, prestigiando e validando a luta. Em contrapartida, outros defendem que se tratam de atos de baderna e desordem por parte das mulheres. Seja como for, o movimento feminista, associado

à expressão literária, contribuiu de forma significativa para o processo de escrita da mulher em evidenciar com notoriedade seus escritos.

Desse modo, cabe reiterar que este estudo busca investigar como se caracteriza o protagonismo autoral da mulher no cenário literário, bem como o processo de escrita feminina como voz, além de pôr em evidência os desafios históricos enfrentados pelas mulheres. Assim, discorreremos sobre o processo histórico de inclusão e aceitação da autoria feminina pela sociedade patriarcal, além dos desafios encontrados para se construir uma escrita que dá voz e ‘denuncia’ a situação da mulher no espaço social.

É importante salientar que a relevância da temática se concretiza à medida que se observa o cenário da literatura contemporânea, que ainda segue dominada por homens, apesar da expansão exponencial de escritoras. Nesse escopo, tem-se por base manifestação de estereótipos que se relacionam com a escrita e voz da mulher, tal qual as personagens femininas presentes na literatura quando se trata da escrita e estudo de narrativas.

Diante de questões que retratam a submissão da mulher, amparada em leis frágeis que acabam por fomentar essa estrutura, a participação social da mulher ainda precisa ser ampliada. Assim, faz-se necessário um rompimento, a fim de desencadear movimentos de ruptura em relação aos padrões que visam atender os preceitos patriarcais impostos pela sociedade.

Em alguns casos, isso se deu a partir de renúncias e sacrifícios. A exemplo, mencionamos os casos em que as mulheres passaram a ser operárias nas fábricas, em decorrência do processo de industrialização, todavia com condições análogas ao trabalho escravo; e nos casos em que necessitavam utilizar de pseudônimos ao publicar seus escritos e ainda pensar e escrever como homem para ter seus escritos lidos e “aceitos” pelos leitores masculinos (ALVES, 2013).

Nesse direcionamento, a pesquisa que se apresenta focaliza sobre narrativas que tratam do silenciamento feminino marcado pelo patriarcalismo. Em “Não presta pra nada”, buscamos ressaltar a importância dessas narrativas ao abordar esse tema como uma manifestação artística que busca entreter o leitor com fatos comuns ao seu cotidiano, contribuindo para a igualdade, representação e a voz das mulheres na literatura. Para tanto, é imprescindível a discussão sobre os desafios históricos que envolvem o processo de desenvolvimento da escrita realizada pela mulher.

2.1- O processo de autoria feminina com voz literária e seus desafios históricos na sociedade patriarcal

Seguindo a estrutura patriarcal enraizada, aliada às condições de poder da sociedade, as narrativas literárias se apresentavam em ambiente no qual as histórias evidenciavam o machismo e condutas que preconizavam a diminuição da mulher nas relações sociais, não permitindo a presença feminina.

E, quando as mulheres se atreviam a produzir, como retaliação, a crítica consolidou a escrita feminina pelo caráter sensacionalista ou emotivo, buscando, por assim dizer, desvalorizar sua escrita (WALKER, 2013). Em contraponto, o homem transcrevia cenários boêmios, mulheres de ídoles duvidosas, ou transcritas a seu bel-prazer.

Como exemplo do exposto, citamos a clássica história narrada em de “Dom Casmurro”, de Machado de Assis. Esse romance, de 1899, é sem sombra de dúvidas uma importante contribuição para a literatura, porém pautamos em expor aspectos de ponto de vista narrativo em que, por meio da predominância masculina, pode induzir o leitor a tirar conclusões que acusam a mulher de adultério e a caracterizam como um ser desprezível.

O narrador-personagem, ao longo dos capítulos demonstra afeto e importância à amada, no entanto, a trama o leva a conclusões que podem ser incertas acerca do que vê e, ao seguir os padrões estabelecidos, silencia a personagem, não lhe permitindo o direito à ampla defesa e à contradição. Em função da ambiguidade machadiana, cabe ao leitor interpretar e dar o valor à figura da mulher na referida obra (FIGUEIREDO, 2020).

A escrita feminina, historicamente, tem sofrido inibição e, como consequência, isso tem interferido no processo de constituição da identidade da mulher, a fim de estimular sua participação nos mais diversos setores da sociedade. A soberania difundida pelo patriarcalismo, segundo Wolf (2019), porém, não foi suficiente para calar a voz feminina.

As mulheres que se sentiam insatisfeitas com o silenciamento e a subordinação empregadas a elas, começaram a escrever um novo destino em suas

histórias. Todavia, essa trajetória foi marcada de forma dolorosa, pois a escrita e o saber eram armas exclusivas do espaço masculino.

Nessa perspectiva, as normas instituídas pela sociedade patriarcal fizeram com que os dois sexos se diferenciasssem, garantindo que os homens exercessem o seu poder sobre as mulheres e, que isso, seria uma imposição, única e exclusivamente masculina:

Em consciência, não há homens nem mulheres: há seres com iguais direitos naturais, mesmas fraquezas e iguais responsabilidades. Mas não há meio dos homens admitirem semelhantes verdades. Eles teceram a sociedade com malhas de dois tamanhos – grandes para eles, para que seus pecados e faltas saiam e entrem sem deixar sinais; e extremamente miudinhas para nós (ALMEIDA, 1922, p. 137).

Nesse contexto, as primeiras mulheres letradas enfrentaram muitas barreiras da sociedade patriarcal. Se considerarmos a sociedade em que viviam, reinava o silenciamento de vozes. Assim, tentar falar o que pensava era caracterizado como algo revolucionário e afrontoso, como atitude de resistência, ainda que a maioria das mulheres não quisesse levar consigo o título de feminista, talvez, pela rotulação histórica que esse nome concebia.

Nessa perspectiva, um dos grandes obstáculos para as mulheres foi a busca por construir uma identidade feminina, considerando que, por muito tempo, já foram estabelecidos estereótipos que ditavam o modo comportamental para o público feminino, posto que toda esfera social tem por característica a visão do homem.

Por conseguinte, a necessidade da criação de uma crítica feminista que despertasse possibilidades de desconstrução e revisão das leituras já existentes e consagradas se intensificava, a fim de atuar em revisão da historiografia literária (FIGUEIREDO, 2020). Nesse ímpeto, as mulheres ao se organizarem em movimentos, buscaram a revisitação dos registros canônicos, a fim de estimularem novas propostas de leituras de escrita feminina.

Assim, a partir das relações históricas já estabelecidas e enraizadas entre o homem e a mulher, coube a esta a responsabilidade de assumir a tarefa de se posicionar no universo ficcional, passando a se manifestar como mulher, com tons de denúncia, associando as preocupações em relação ao sexo masculino a partir do ponto de vista da mulher (QUEIROZ, 1997). Desse modo, dentre outros objetivos, a postura revisionista da crítica, teve como foco revisitar, analisar e dar o reconhecimento aos textos de autoria feminina, contrapondo a postura sexista presente no cânone. Além disso, buscou-se também questionar o motivo pelo qual

não se abria espaço para textos de autoria feminina na academia. Diante disso, a mulher, ao escrever, percorre um caminho de empoderamento, afinal a sua escrita advém dos seus mais sinceros e sofridos sentimentos (WOLF, 1985).

Nesse aspecto, por meio da escrita, a mulher tem a possibilidade de se sentir livre para transcrever no papel seus pensamentos. Trata-se de uma escrita que ficou escondida e destinada apenas ao espaço privado, sendo tratada como um segredo, ou apenas meio mais sórdido e obscuro.

De fato, atribui-se ao processo de autoria feminina o papel responsável por ultrapassar as barreiras da dominação masculina e mudar a realidade em relação às suas escolhas. A partir da ampliação da participação da mulher na escrita, esta passou a se posicionar intelecto e discursivamente frente às questões da sociedade, em busca da igualdade de gêneros.

A escrita feminina, nesse sentido, dá voz a uma minoria que por muito tempo foi sufocada e silenciada pelo sistema dominante, substituindo a mulher do lar por aquela que escreve o que pensa (COELHO, 1993). O posicionamento feminino, nesse sentido, advindo do processo de escrita proporcionou que a mulher conseguisse expressar o seu sentimento em relação a temas sociais, utilizando-se da literatura como um mecanismo de desenvolvimento da criticidade e da reflexão.

Tal conduta vai ao encontro do pensamento elaborado por Cândido (2000), quanto ao caráter humanizador da literatura, ao proporcionar que o leitor reflita sobre o que leu e associe com as situações cotidianas. A literatura se articula às questões sociais, permitindo ao leitor uma ampla visão de mundo, em que ao tratar do silenciamento da mulher, convida o leitor refletir sobre tal ponto.

Diante do que foi discutido até o momento e, a fim de contextualizarmos a escrita da mulher e suas nuances e temáticas, abordamos suscintamente, na sequência, sobre os desafios e silenciamento da mulher em torno da escrita na busca detalhar as contribuições deste. Assim, forja-se uma escrita que ecoa e não se permite calar diante das circunstâncias que a sociedade dominante lhe impõe.

2.2- Autoria feminina como voz literária: produção literária, desafios e silenciamento da mulher em torno da escrita

A autoria feminina apresenta força e expressividade. Em tempos recentes, aliada à expansão de informações de mídias digitais e à presença relevante de autoras no cenário literário, tem-se ampliado as discussões em torno da composição dos textos poéticos como fator constitutivo das relações sociais, políticas e históricas.

A barreira de silenciamento enfrentada pela mulher, muitas vezes, já condenada à submissão e repressão, ao longo do tempo, vem sendo vencida, à medida que a mulher se insere em diversos caminhos da produção literária. Esses caminhos inscrevem espaço para expor voz, linguagem e discurso, em textos que eram vistos sob o prisma da experiência empírica e do compartilhamento do seu mundo.

A história da produção literária da mulher não se prende em narrativas de silenciamento, contemplando também a vida de privações e o desejo de mudança. Durante esse processo, mulheres foram injustiçadas e esquecidas, prática pertencente à política de ocultamento, com suas obras sujeitas ao crivo do “outro”, sob o masculino (ALMEIDA, 1992). Resilientes, mesmo disfarçada por pseudônimos, as mulheres buscaram formas para resistir a essa situação, transformando o silêncio em ferramenta de luta a favor de si.

Evidentemente, as mulheres não respeitaram essas injunções. Seus sussurros e seus murmúrios correm na casa, insinuam-se nos vilarejos, fazedores de boas ou más reputações, circulam na cidade, misturados aos barulhos do mercado ou das lojas, inflado às vezes por suspeitos e insidiosos rumores que flutuam nas margens da opinião. Teme-se a sua conversa fiada e sua tagarelice, formas, no entanto, desvalorizadas da fala. Os dominados podem sempre esquivar-se, desviar as proibições, preencher os vazios do poder, as lacunas da História (PERROT, 2005, p.10).

Nesse sentido, a escrita de autoria feminina precisa quebrar as barreiras do silêncio e criar um ambiente autônomo dentro do universo da literatura, em que a figura feminina possa manifestar seus sentimentos a partir de um ponto de vista de um sujeito dono de si, com anseios e sonhos próprios, com voz e atitudes que as singularizam. Assim é preciso que,

a mulher escreva sobre a mulher e chame as mulheres para a escrita, da qual elas foram afastadas tão violentamente quanto foram afastadas de seus corpos; pelas mesmas razões, pela mesma lei, com o mesmo objetivo mortal. É preciso que a mulher se coloque no texto - como no mundo e na história - com seu próprio movimento! (FIGUEIREDO, 2020, p. 72).

Para fins elucidativos, quando se observa a literatura de modo geral, nomes renomados são apresentados como Guimaraes Rosa, Machado de Assis, Jorge Amado, Lima Barreto, , Gabriel Garcia Marquez, dentre outros. Assim, percebe-se que no cânone literário prevalece em sua maioria sendo do sexo masculino. Diante disso, podemos tecer alguns apontamentos em relação ao cânone, fazendo ligação com o esquecimento das mulheres e ao fato de descredibilizar aquilo que é produzido por elas.

Outro fator a ser ponderado, no Brasil, está na questão da Academia Brasileira de Letras (ABL). Instituição fundada em 1897, com o objetivo de prestigiar cultura a língua e a literatura nacional, teve em sua constituição por muitos anos membros predominantemente masculinos, contribuindo para a perpetuação de uma ideia que apenas quem sabia ou tinha escritas pertinentes eram os homens.

Relatos apontam que durante a idealização e implantação da Academia ABL, uma mulher se fez presente, Júlia Lopes de Almeida, que era conhecida por sua vasta produção, que inclui romances, teatro, literatura infantil e uma participação ativa em jornais, o que fazia dela uma referência, porém foi barrada apenas por ser mulher e seu marido ocupou a cadeira, pois os membros optaram por manter a academia exclusivamente masculina (FIGUEIREDO, 2020).

Mesmo as mulheres tendo muito mais escritos do que se pensa, muitos deles permanecem fechados e engavetados ou foram enterrados com suas escritoras. Lygia Fagundes Telles (2010, p. 110) conta que isso aconteceu com uma tia da família, que escreveu vários poemas quando estava fechada em seu quarto e, seu avô considerava aquilo uma bobagem.

Escrevia os poemas fechada no quarto, a letra tremida, a tinta roxa. Meu bisavô ficou meio desconfiado e fez o seu discurso: 'Umas desfrutáveis, mana, umas pobres desfrutáveis essas moças que começam com caraminholas, metidas a literatas!'. Ela entendeu, fechou os papéis a sete chaves e pediu que fossem colocados em seu caixão.

Outro exemplo do preconceito em relação à capacidade da escrita das mulheres foi a reação de Graciliano Ramos ao se deparar com a publicação de "O Quinze", de Rachel de Queiroz. Escritos contam que o autor não acreditou que aquela obra, que tratava sobre a seca poderia ter sido escrito por uma moça, pois segundo ele as mulheres somente escreviam sobre coisas fúteis e sem importância, tanto que considerava que tal livro pudesse ter sido escrito por algum homem barbado que estava se passando por um pseudônimo.

Após as discussões levantadas em torno da aceitação ou não de obras de autoria feminina, cabe-nos contextualizar a importância histórica dessa produção, bem como ela vem se mantendo viva apesar dos percalços, especialmente as produzidas em Mato Grosso.

A escrita feminina em Mato Grosso, também foi silenciada, porém, algumas vozes reverberam contra o sistema, como as das professoras Maria Dimpina Lobo Duarte e Vera Iolanda Randazzo, e das poetisas Maria de Arruda Mülher e Amália Verlangieri (PIMENTEL; SANTORE, 2019). Essas mulheres, em síntese, cheias de barreiras, tentavam em meio ao silenciamento trazer um protagonismo à literatura mato-grossense.

Nessa ótica, em Mato Grosso, buscando vencer a barreira do tempo e do patriarcado, os textos literários de mulheres têm tido ótima aceitação e reconhecimento pelos leitores e pela crítica. Apesar disso, ainda há um vasto espaço para ser conquistado, logo, muito talento feminino para ser anunciado e reconhecido na sociedade preconceituosa quando associado à escrita de autoria feminina.

É notório que as mulheres participaram da produção histórica e literária da humanidade, contudo, infelizmente, isso aconteceu pela “porta dos fundos” (TEDESCHI, 2016, p. 154). Esse fato se atrela ao discurso de improdutividade ou de pouca relevância dado aos escritos produzidos por essas mulheres que fundamentaram o imaginário social da história. Nesse viés, em certos contextos, a mulher era representada como seres do silêncio, pessoas que não tinham a capacidade de discorrer sobre assuntos que despertam algum interesse ao leitor, caracterizando o silêncio como um atributo feminino (COELHO, 1993).

Pensando em um marco temporal, a partir do século XVIII, as mulheres passaram a ter o direito da escrita, concedido, é claro, pela comunidade masculina. Contudo, esses escritos tinham como regra ferir a moral e os bons costumes. Sendo assim, essas escritas versavam sobre receitas diversas ou relatar como manter a casa em ordem, dentro do código patriarcal, endossando os valores da cultura pregada pelo sexo oposto. A partir daí, elas foram adentrando ao universo da escrita e se rebelando a escrever o que consideravam relevantes. Como afirma Perrot (2005, p.13),

O uso [da escrita], essencial, repousa sobre o seu grau de alfabetização e o tipo de escrita que lhes é concedido. Inicialmente isoladas na escrita privada e familiar, autorizadas a formas específicas de escrita pública (educação, caridade, cozinha, etiqueta...), elas se apropriaram progressivamente de todos os campos da comunicação e da criação: poesia, romance, sobretudo, história às vezes, ciência e filosofia, mais dificilmente. Debates e combates

balizam essas travessias de uma fronteira que tende a se reconstituir, mudando de lugar.

Dessa forma, a produção literária feminina só avançou a partir do século XIX, com o avanço das impressões de livros e conseqüentemente com o avanço do mercado editorial. Obteve-se a conquista de novos leitores e, principalmente, mulheres. Assim, houve um mais fácil acesso desse público aos livros, bem como o acesso de escritoras ao mundo das letras.

Apesar disso, o universo feminino ainda era perseguido pela censura declarada do universo masculino, que considerava a escrita feminina mais como um capricho feminino e, ainda, uma ameaça à ordem e aos bons costumes.

A literatura de autoria feminina apresenta características particulares em suas linhas. Durante o século XIX, a escrita da mulher baseava-se no retrato da nação de acordo com a sua condição vivenciada naquele século. Atribuído a preceitos arraigados do colonialismo, o Brasil possuía alguns entraves no âmbito educacional e social que não permitia que a mulher tivesse liberdade, inclusive na escrita. Enquanto as mulheres europeias, por exemplo, comunicavam-se com as amigas por meio de cartas que circulavam nos salões de beleza, a mulher brasileira estava fechada em casa, vivendo a vida das senhoras de fazenda.

Nesse ínterim, a vida da mulher era contada a partir de uma versão. Diante disso, a filósofa Judith Butler, em seu livro “Problemas de Gênero” (2013), pontua que isso é preocupante, pois a vida da mulher sempre foi mal representada na literatura: sempre posta como figura coadjuvante, ligada a afazeres domésticos ou à sexualidade.

Nesse olhar, quem conta algo do outro nunca consegue representá-lo na totalidade e com fidelidade. Assim, suas convicções e crenças são misturadas, dando maior ou menor relevância aos fatos mais significativos. Nesse caso, especificamente, a sociedade, o contexto histórico e as marcas culturais afetam o modo como o discurso é produzido.

Estando a mulher condicionada a estereótipos culturais, o apagamento da presença da mulher na literatura evidencia-se à medida que o filho homem era ensinado pela família a tratar a mulher como um objeto, bem como a filha desde muito pequena era ensinada a tarefas domésticas, a aprender trabalhos manuais, como bordados e costuras, além de aceitar ser dominada por um homem (PROCHAT, 2017).

Em lutas e conquistas as mulheres passaram por uma transformação de pensamentos e convicções. Nesse cenário, foi possível perceber, por meio de seus escritos, o surgimento de um pensamento crítico sobre si, sobre a condição feminina da época, tendendo a desvelar condições no âmbito social e cultural que estavam ultrapassadas.

Júlia Lopes de Almeida validou essa evolução da escrita feminina em seu texto “Ânsia Eterna” (1903), que evidencia marcas de mudança no pensamento da mulher escritora. Durante o texto, a autora deixa transparecer claramente a sua angústia e da visibilidade a forma como as mulheres são vistas na condição de escritora literária.

O texto demonstra a insatisfação da autora com a sua própria escrita, pois percebemos traços de autocrítica associados a um ideal de escrita quando comparado a textos masculinos.

Por isto, o que não quero é escrever meramente; não penso em deliciar o leitor escorrendo-lhe n'alma o mel do sentimento, nem em dar-lhe comoções de espanto e de imprevisto. Pouco me importo de florir a frase, fazê-la cantante ou rude, recortá-la a buril ou golpeá-la a machado; o que quero é achar um engaste novo onde encrave as minhas ideias, seguras e claras como diamantes: o que quero é criar todo meu livro, pensamento e forma, fazê-lo fora desta arte de escrever já tão banalizada, onde me embaraço com raiva de não saber nada de melhor. [...] Quero escrever um livro novo, arrancado do meu sangue e do meu sonho, vivo, palpitante, com todos os retalhos de céu e de inferno que sinto dentro de mim; livro rebelde sem adulações, digno de um homem (ALMEIDA, 1903, p. 1-2).

A partir de questionamentos sobre a própria situação, bem como a luta por vencer determinados padrões impostos, as mulheres passaram a ter voz por meio da escrita. A representação e a autonomia feminina passaram cada vez mais a serem expressas em obras que retratavam os pensamentos da sociedade da época e de certa forma anunciavam uma nova forma de pensar.

Grandes nomes como Clarice Lispector, Hilda Hist, Lygia Fagundes Telles, Nélide Pinõn, Amara Moira, Natália Borges Poleto, Camila Sosa Villada e diversas outras, fizeram-se presentes em espaços frequentados em predominância masculina, atribuindo grande importância na representação da mulher, que já ocupava outros espaços a não ser os domésticos.

Em se tratando, por exemplo, de Lispector e Hist, Santos (2012) aponta que cada uma a sua maneira contribuiu para dar sentido de ruptura, adentrar cada vez mais no universo da linguagem poética e criadora, onde habita o ser e onde se dá a abertura para a compreensão da existência humana.

A preocupação com a linguagem e com o sentido estético do texto é expressa de modo a representar a realidade com seu dinamismo e multiplicidade, conduzindo o leitor a um processo de reflexão. Assim,

O texto produzido não é mais algo que se esgota ao conduzir a este ou àquele aspecto do mundo e do ser; o texto cria o mundo ou um mundo que existe e atua na medida em que é discurso literário. A ficção produzida por Clarice Lispector e Hilda Hilst escapa das convenções romanescas tradicionais e assimila outros recursos que mostram com clareza a transgressão dos 39 padrões de linguagem e dos gêneros literários, afastando-se das normas previamente determinadas e assimilando outros recursos que apontam para uma escrita transgressora (SANTOS, 2012, p.38).

O feminino passa a ser representado não apenas como a imagem. Nesse sentido, faz-se útil se questionar sobre que mulher é essa de que tratamos? Que feminino é esse? Que “escritoras” que não tem um devido lugar na projeção literária. Mas, qual “mulher”, qual “feminino” você está falando? Não se trata de um discurso biológico da exclusão e, sim, da perspectiva do sentir-se como mulher, ser respeitada como tal, longe de qualquer artifício excludente.

Nessa vertente, Figueiredo (2020), aponta a escrita de Lispector como uma grande descoberta na época que,

[...], provocou forte impacto [...], uma maneira de escrever que fugia do realismo social e da lógica escritural dos homens. Para criar as personagens sensíveis, com reações inesperadas, que trilham um caminho incerto, Clarice usa uma linguagem que é igualmente desorientada (FIGUEIREDO, 2020, p. 73).

Em um primeiro momento, as mulheres imitavam a escrita masculina, afinal essa era a única referência na qual elas tiveram acesso durante toda a vida. Além disso, elas reportaram em seus escritos a educação precária que receberam, pois a mulher não era incentivada ao acesso a uma cultura letrada. A escrita, em sua maioria, era voltada para problemas domésticos e íntimos, não permitindo abordar tópicos de denúncia como política, história e economia.

Ademais, para receber o status de literário, a escrita feminina precisaria se adequar a um cânone que foi construído e baseado em preceitos e convicções masculinas, uma forma de espelho, por assim dizer, para estar “apta” a concorrer com a escrita masculina vigente.

Diante disso, os escritos assumiram papel de confissão e desabafo. Nas linhas do livro, elas viam a oportunidade de falar aquilo que durante toda uma vida as fizeram ficar em silêncio, bem como orientar outras mulheres sobre tal problemática (RIBEIRO, 2018).

Com o passar do tempo, viu-se a atuação das mulheres na vida social, reinventando seu cotidiano, criando estratégias de sobrevivência, elaborando formas de resistência à dominação masculina. Entretanto, a literatura feminina ainda é estremecida pelos monstros da linguagem reprimida, do julgamento da sociedade machista.

A autoria feminina, de modo geral, possui uma escrita que brinca entre escrever sutilmente seus sentimentos e pensamentos e uma escrita maliciosa que mescla a sua condição de ser mulher com fazer literatura (RIBEIRO, Op. cit). Desse modo, a mulher escreve em meio a um contexto de ironia e múltiplos significados entre o que realmente é o que se quer dizer e o que parece.

A escrita feminina, em muitos casos, baseia-se em características próprias que narram situações relacionadas com o seu cotidiano e, assim, a sua escrita é mergulhada em sua própria condição.

Nós, as mulheres, não temos sempre a facilidade de exprimir os sentimentos por palavras; [...] Dizem que há para todas as coisas expressões precisas de inquestionável exatidão; [...] Mas essa é a interpretação dos fortes; a nossa dilui-se, numa gota incolor e inodora, que é como um chuvisqueiro em rosa, se nasce da alegria; ou, se vem da dor, como um floco de neve em uma brasa, que apaga a luz e deixa a nu o carvão (ALMEIDA, 1992, p. 08).

A literatura de autoria feminina foi se expondo como um bloco literário no qual se opunham regras cotidianas. Levando em consideração como ponto de partida a perspectiva sociocultural da mulher e a identificação com o pensamento feminista, essa literatura revela suas identidades de posturas femininas, exaltando a saída da mulher da obscuridade e do silenciamento, tornando-a sujeito de si (WALKER, 2013).

É fato que o cenário da escrita da mulher, apesar de ainda ter grandes desafios, pode ser considerado em avanço. O número de autoras tem crescido nos últimos tempos nas editoras pelo Brasil, no entanto, o preconceito ainda impera, ainda que seja em alguns casos, de forma mais velada. Alcançar a liberdade de escrever, tem se mantido como desafiador, bem como a dificuldade tanto para publicação, quanto para a premiação de suas obras.

O cenário opressor para as mulheres começou a mudar na literatura brasileira a partir das narrativas de Machado de Assis. Em suas obras, surgiram personagens mais elaboradas, dotadas de desejos, sentimentos e inteligência, características que fugiam dos padrões de submissão e silenciamento da época.

Partindo das personagens femininas, surgiram as mulheres escritoras, que com seus feitos revolucionaram a sociedade. Vale ressaltar que o processo de

reconhecimento das obras e dos escritos das mulheres é algo contínuo e ininterrupto, no qual a mulher deve constantemente lutar pelo seu espaço e para ser ouvida (ESSER, 2014).

Embora seja notório que ainda existam obstáculos na busca pela igualdade de direitos entre homens e mulheres em vários aspectos, destacamos o processo de autoria por suas conquistas. Para isso, mulheres se juntam e somam forças, por meio de grupos de estudos, leituras, escritas, formando uma rede de apoio, trabalhando em conjunto, compartilhando ideias, divulgando as obras umas das outras, informações sobre o mercado literário e individual.

Tudo isso se faz necessário, a fim de possibilitar e divulgar os anseios, pensamentos, sentimentos e emoções de uma minoria, que reivindica a sua liberdade e a sua voz. Um grito que se mantivera preso passa a soar por meio de versos e prosa transcrito a partir de obras que se espalharam para os leitores.

Considerando o fato de a mulher, historicamente, ter passado por diversas situações negativas, como, o não acesso e a ausência de direito à literatura, o cenário de escrita feminina assume dimensões novas. Dessa forma, escritoras como Marta Cocco têm se utilizado da arte de transpor palavras para despertar no leitor a sensibilidade e a importância de se discutir temas relacionados à mulher.

2.3- Escrita Feminina em Mato Grosso: memórias de um passado presente

A escrita feminina, por séculos, passou por um processo de silenciamento. A presença da mulher na literatura em Mato Grosso não aconteceu de forma diferente do que ocorreu em todo Brasil, contada de maneira parcial, por meio de pesquisas realizadas por homens. As pesquisas feitas por mulheres revelam que os escritos não publicados eram bastante numerosos, porém eles ficaram engavetados e pouco conhecidos pela sociedade (WALKER, 2013).

A mulher, raras vezes, fazia-se presente em jornais e revistas da época. Quando aparecia era para escrever cartas de esclarecimentos de cunho familiar, entre elas questões relacionadas a heranças, ou agradecimentos pelos pêsames recebidos pela morte do marido.

A escritora e pesquisadora Marli Walker (2013), cita as análises de Nelly Novaes Coelho (1993), ao fazer observação a respeito do tema. Segundo a pesquisadora, “o número de mulheres que atuaram e escreveram nos tempos do Brasil Império e, no caso do Mato Grosso, até o início da República, é muito maior do que as nossas histórias da literatura registraram” (WALKER, 2013 p. 17).

A condição da mulher escritora no Mato Grosso não é diferente da realidade apresentada no país. A literatura feminina mato-grossense ainda é marcada pela predominância na figura masculina, no âmbito cultural, político e social. Sendo assim, é possível ver um descompasso verificado na produção de homens e mulheres no Estado. Talvez, isso se deva ao processo tardio de escolarização da mulher, bem como a uma maior divulgação dos escritos masculinos na sociedade.

Para além das páginas de periódicos, a escrita feminina em Mato Grosso, recebeu visibilidade a partir dos livros de Maria da Glória Pereira Leite, mais conhecida como Baronesa de Villa Maria, Maria do Carmo de Mello Rego e Leopoldina Tavares Portocarrero.

Fatores responsáveis como a oficialização da imprensa e de impressão de periódicos a partir de 1910, e da instalação da Escola de Normal que ofertou estudos à mulher, bem como a criação do Grêmio Literário Júlia Lopes, tiveram papel fundamental no fomento à cultura e outras atividades sociais, educativas, políticas e assistencialistas para as mulheres na região (NADAF, 2004).

Segundo a pesquisadora Yasmin Nadaf (Op. cit.), a revista “Violeta” era conhecida pela escrita de mulher para mulher, pois a maioria da sua produção falava direta e especificamente da mulher em suas multifaces, como esposa, mãe, namorada, filha, moça, educadora, estudante, funcionária pública e/ou profissional liberal. Os textos pertencentes a essa produção expressavam os sentimentos da mulher de verdade, simples, sonhadora ou não, que utilizavam a pena e o papel muito além de informar o restante das mulheres, mas de soltar a voz que viveu silenciada por muito tempo.

A partir desse movimento, destacam-se as autoras Amélia Lobo, Ana Luiza Prado, Benilde Moura, Maria Santos Costa, Arlinda Pessoa Morbeck, dentre outras. Na prosa, temos Maria Dimpina Lobo Duarte e Vera Iolanda Randazzo, como figuras de destaque (NADAF, 2004).

Em tempos mais recentes, destacam-se autoras que geraram bons resultados a partir de estética própria, individual, de tendências estruturais e temáticas variadas

as autoras, como Marilza Ribeiro, Lucinda Persona e Luciene de Carvalho, Marli Walker, Divanize Carbonieri, Marta Helena Cocco, a qual formalizamos na sequência, dentre outras.

2.4 - Marta Cocco e a obra “Não presta pra nada”: literatura construída pelo viés da denúncia e humanização social

Marta Cocco, desde cedo, apresenta como característica de escrita uma poesia de lirismo existencial. Publicou os livros *Divisas* (1991), *Partido* (1997) e *Meios* (2001). Sua poética se caracteriza por frases curtas, rápidas na forma (estrutura), mas de longa duração no tocante ao tema. São temas do cotidiano das pessoas e, por conta disso, as ideias da obra permanecem no pensamento do leitor.

Dentre os assuntos abordados estão: o amor, a paixão, a ausência humana, o tempo, o medo, denúncias sociais, a fome e a corrupção política. A autora tem propriedade no uso dos artifícios da palavra, até por ser formada em Letras, sendo assim, faz bastante uso de figuras de linguagem, como: metáforas, aliterações e metonímias, deixando a sua escrita mais atraente e humanizada para o leitor.

Marta sempre gostou da escrita, desde muito pequena já sonhava em escrever grandes livros. A linguagem sempre foi algo que a fascinou, pois a escrita é a ferramenta capaz de humanizar, de transformar ou de pelo menos tocar o ser humano. Em suas obras, ela utiliza ferramentas que transformam a sua escrita em algo pessoal e subjetivo, característico da autora.

Há, em sua escrita, experimentos de vários estilos e formas poéticas, desde os livres até os mais tradicionais. Durante suas obras, ela descreve as suas visões de mundo, memórias afetivas e situações cotidianas sociais que a intriga. Em torno de seus contos, foi possível notar que ela faz um diálogo entre o presente e o passado, estimulando o leitor a imaginar e despertando-o aos mais diversos sentimentos durante a leitura.

Escritora mato-grossense, Marta Cocco nasceu em Pinhal Grande-RS, em 18 de setembro de 1966, mudou-se para Mato Grosso em 1992, residente por 05 anos em Diamantino. Em 1997, mudou-se para Cuiabá e, em 2013, para Tangará da Serra. Possui uma grande bagagem acadêmica, sendo formada em Letras pela Universidade

Franciscana (UFN) e em Zootecnia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É especialista em Teorias e Práticas do Texto Universidade Federal do Mato Grosso e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMT/UFMG), mestre em Estudos da Linguagem (UFMT) e doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Dentre suas escritas e publicações de grandes livros, ela também atualmente leciona Literaturas da Língua Portuguesa no curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, campus Tangará da Serra e no programa de Pós-graduação PROFLETRAS no campus de Sinop.

É líder do grupo de pesquisa Literatura, leitura e ensino (Unemat/CNPq) e membro do projeto de extensão: Poesia, Corpo e Cordas. Além disso, também foi uma das organizadoras das antologias comentadas da poesia produzida em Mato Grosso denominada “Nossas vozes, nosso chão”, com três volumes já publicados, bem como é membro da Academia Mato-grossense de Letras, cadeira nº 18.

De acordo com a Academia Brasileira de Letras, a Cocco escreveu vários livros, passeando pelo universo da literatura infantil, juvenil, poesia e prosa. São eles: Na poesia, “Divisas” (1991); “Partido” (1997); “Meios” (2001); “Sete dias” (2007); “Sábado ou cantos para um dia só” (2011), “Domicílio” (2022).

Na crítica literária, por sua vez, destacou-se pelas obras: “O ensino da literatura produzida em Mato Grosso: regionalismo e identidades” (2006) e “Mitocrítica e poesia: regimes, imagens e mitos na poética de Lucinda Persona” (2016). Já na literatura infantil, “Lé e o Elefante de Lata” (2013); “Doce de Formiga” (2014); “Sabichões” (2016); “Meu corpo é uma fabricazinha?” (2020); “Escrituras animais (2020). Na prosa, “Não presta pra nada” (2015).

Marta Cocco, em sua obra intitulada “Não presta para nada” (2016), apresenta personagens femininas, protagonistas de suas próprias histórias e mostra, por sua vez, as multifaces da mulher, como retrato e voz para aguçar no leitor a sensibilidade e a autocrítica referindo-se ao histórico de repressão e sofrimento vividos por personagens que se personificam na imagem da mulher.

Considerando a importância da temática, a partir de análise crítica das narrativas em destaque, serão interseccionadas as temáticas sociais e históricas que envolvem a obra e se estabelecem como quebra de padrões na produção literária e materializam, na escrita da autora, o que contribuirá diretamente na formação de

leitores e para composição de referencial teórico para profissionais da educação, pesquisadores e amantes da Literatura.

Em “Não presta pra nada”, vencedora do Prêmio Mato Grosso de Literatura em 2016, a obra busca dar voz a várias mulheres que foram silenciadas durante toda uma vida, instigando o leitor a praticar a empatia, despertando um olhar crítico a respeito dessa temática.

Por meio de 13 contos dramáticos, os quais possuem uma pitada de humor ou conscientização irônica, como preferir, é possível perceber a intencionalidade em prender o leitor. Para tal, convida-o a se colocar no lugar daquelas mulheres que sofrem todas as privações nas suas relações familiares, violências em seus relacionamentos e diminuições sociais.

A autora corrobora o que Candido (2004) diz a respeito da literatura como papel importante na formação do leitor, principalmente no aspecto formativo:

A literatura pode formar, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa – o Verdadeiro, o Bom e o Belo – definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica [...] ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela – com altos e baixos, luzes e sombras. (CANDIDO, 2004, p.83).

O livro “Não presta pra nada” foi considerado um grande desafio para a autora, pois acreditava que a escrita em prosa é bastante desafiadora e nessa imperiosa atividade precisa conferir base para o leitor atribuir sentido à escrita, envolvendo-se com ela. Mesmo assim, ela seguiu o desafio e escreveu uma obra para as mulheres que foram silenciadas e não tiveram a oportunidade de aprender a ler e a escrever, apesar de terem um acesso democratizado à escola.

Muitas das histórias que existem no livro foram inspiradas em vivências e observações de mulheres de sua família, de seu convívio e daquelas que escutou histórias ao longo de sua trajetória de vida. Essas últimas, em especial, mulheres analfabetas que Marta resolveu dar voz para que fossem escutadas (PIXE, 2021, v.24).

A obra, aqui focalizada, explora questões de resistência e desloca o leitar para o sentido humanizador. Isso se efetiva quando aborda a forma que as mulheres são tratadas na sociedade, o que se observa desde o título, epígrafes, irradiando-se até as últimas linhas do último conto. Para a narradora,

o título desse livro está relacionado com uma das personagens do primeiro conto, de como ela foi constituída no ambiente familiar, em que o trabalho manual era mais importante do que o intelectual. Mas, num segundo plano, o

título é uma provocação a pensar sobre o papel da mulher e o papel da escrita. (PIXE, 2021, v.24, p.26).

Dessa forma, o livro se constitui como uma ferramenta humanizadora que auxilia o leitor a organizar e compreender aspectos da vida humana. As narrativas intrigam e mexem com o leitor, quando este se coloca no lugar dos personagens. É difícil, por exemplo, deixar de se comover com a personagem do conto “Chuva Benta” que é abusada durante uma vida toda pelo marido alcoólatra.

Esse ponto nos conduz a referenciar Marinho (2018, p. 251), o qual pontua sobre poder da literatura como sendo um eficiente recurso para a reflexão social: “A literatura possui um caráter humanizador, o texto que dialoga com o leitor, que interroga e faz refletir, no mais das vezes, tem a capacidade de despertar a sensibilidade, fazer refletir e criar conexões com a realidade”. Aqui, tem-se um caso que comprova como a literatura se utiliza de situações reais e cotidianas para impactar o leitor e fazê-lo pensar criticamente sobre situações, talvez, que passam despercebidos no dia a dia.

Tomando por base o que abordamos até o momento, avançamos para a abordagem analítica de “Não presta pra nada”.

III- PERCEÇÃO ANALÍTICA DA OBRA “NÃO PRESTA PRA NADA”: ASPECTOS DA NARRATIVA

Se “Não presta pra nada” foi a forma que Marta Cocco optou para chamar a atenção do leitor, quase como em sentido reverso pode se dizer que a escritora obteve êxito. Pimentel (2017, p.9) reflete que “quem ler o livro, imediatamente discordará do título a ele atribuído”.

Com layout moderno, capa com cores agradáveis e significativas, o livro traz como imagem central a colcha de retalhos e sua tecelã que costura como quem tece as histórias memorialísticas contidas na obra. Linha a linha, fio a fio e retalho a retalho são costurados as histórias e os perfis de mulheres que vivem sob o domínio patriarcal ainda existente.

As narrativas são talhadas e tecidas a partir de um fio condutor: a mulher em suas multifaces diante da sociedade. São, pois, personagens protagonistas de suas próprias histórias, enredos de vivências, traumas e superação de desafios. Marta Cocco consegue despertar o leitor para o papel fundamental da literatura.

Candido (2004), em um dos seus importantes estudos, aborda que a literatura é um instrumento poderoso de educação. Os valores que a sociedade preconiza ou rejeita estão presentes na ficção e, é a partir destes que se estabelecem as reflexões como o mundo em que estamos inseridos. A literatura, nesse sentido, é humanizadora.

Marta Cocco apresenta na obra “Não Presta pra Nada” treze histórias constituídas de linguagem simples e cheia de sentidos. Como gênero narrativo, percorre características do conto e, a partir do seu enredo, busca ativar no leitor histórias secretas que impulsionam a mente criativa e surgem novos sentidos (PIGLIA, 2004). A linguagem é utilizada como um mecanismo de evidenciar o olhar crítico em torno da escrita sobre os personagens do texto, que atuam como protagonistas.

Dessa forma, por meio da obra elas têm a sua voz ouvida pela sociedade. Ao leitor, cabe, portanto, refletir em quais aspectos se encontram seus conceitos sobre a relevância de como a mulher é concebida socialmente. Os enredos, associados à verossimilhança, alcançam diversos sentidos e camadas sociais. Marta Cocco humaniza o leitor, grita por meio de palavras, sussurra em gestos e sensibiliza em uma escrita que percorre sentidos entre a história, tempo e espaço.

Assim se faz a obra de Marta, uma travessia a fim de levar o amante da literatura a um lugar de destaque e posicionar a mulher no lugar que ela deve habitar. A autora faz uma abordagem memorialística sobre o fato de que muitas mulheres no passado, e porque não dizer presente, não tiveram o acesso à alfabetização. A escritora inicia sua dedicatória em tom poético e provocativo.

No passado recente, poucas mulheres aprenderam a escrever. É digno observar que as palavras iniciais de Marta Cocco conduzidas a partir marcas temporais, aliadas linguisticamente pela presença de um paradoxo: passado *versus* recente delimitam reflexões do agora, isto é, não de algo que já se tenha superado e está apenas em suas lembranças ou registradas em livros como parte da história do país. É a triste e cruel realidade da mulher.

A narradora afirma, na dedicatória da obra em apreciação, com o argumento de autoridade, o exemplo da própria mãe que estudou até o quarto ano do primário, “a bisavó paterna do meu filho não lia, não escrevia e tão pouco estimulou os filhos a prosseguirem os estudos”. Essas palavras explicitam a ideia de um ciclo vicioso em que as concepções da valoração do estudo são postas de lado. Mas, neste caso, os culpados não são as mulheres, a família, estas são, pois, vítimas de um processo de apagamento social.

Concluí, a poeta, sobre o presente: “a despeito de todo avanço tecnológico milhões de mulheres pelo mundo são proibidas ou não têm a oportunidade de estudar”. A oposição perante as gerações se encontra em processos de mecanismos tecnológicos, mas os conceitos patriarcais, o sexismo e a desvalorização feminina ainda se acentuam, mesmo vivendo em um estado de oportunidade, milhares, milhões de mulheres são silenciadas, não lhes permitindo o acesso à educação emancipatória. E é a estas que Marta dedica sua obra.

Assim, este estudo se desenvolve na perspectiva de desvendar como a autora reproduz e manifesta as multifaces femininas frente à sociedade, de maneira que a literatura produzida nesta obra seja como horizonte para discussões em torno da mulher que não se consolida e não se permite calar diante das adversidades. Os contos apresentados na obra, cada qual com suas especificidades, ao contrário do que em uma rasa leitura “poderia servir pra nada”, consolidam o papel da mulher enquanto ser social.

As narrativas apresentam-se por produção artística carregada de sentidos e provocam no leitor diversos modos de observação. Frente a isso, dispomo-nos

analisar a obra à luz do discurso literário, do prazer do texto e da visão do leitor como foco. Para tal, associamos o exposto a questões de estética com os diálogos sociais, suscitando as especificidades da mulher e suas multifaces.

Quando se aborda sobre narrativas literárias é possível rememorar tempos em que as pessoas se sentavam em roda para ouvir um bom caso, para escutar o outro, para apreciar uma boa história. A oralidade marcava iniciativas de conversas e gravava o cotidiano das pessoas na história cotidiana.

Os contos literários estreitam-se diretamente com a história da civilização até os tempos modernos. Praticada por pessoas comuns no cotidiano, a arte de narrar os fatos, de contar as histórias perde espaço no mundo moderno, em virtude da diversidade de aparelhos eletrônicos e do avanço da tecnologia.

Na modernidade, outras formas de narrar se constituíram como meios televisivos e digitais. No entanto, desde o advento da escrita, histórias são marcadas por meio do jornal impresso, das redes sociais e do livro. O leitor, nesse sentido, passou a ter novas formas de compreender o mundo, criando novos paradigmas.

Aliando a vontade de escrever literatura e a necessidade de exaltar a mulher em suas obras, Marta Cocco optou por trazer a mulher como protagonista nos treze contos pertencentes à obra em destaque. Com uma escrita objetiva e linguagem fluída, vai tecendo os dramas vividos por suas personagens femininas, mesmo que inconscientemente.

Logo na epígrafe da obra, a escritora já prepara e aguça o leitor sobre o que vem pela frente com uma citação de Paulo Leminski, “repara bem naquilo que não digo” (2016, p. 11). Ao trazer tal citação, confere indícios de que deseja que o leitor fique atento ao olhar crítico que ela pretende apresentar de maneira implícita em cada conto do livro, dando pistas daquilo que não está dito – são as concepções que buscam humanizar o leitor.

Na obra em destaque, as personagens femininas exercem função de protagonistas de suas histórias. Essas, por meio da escrita, rememoram o passado e apresentam marcas dessa constituição em suas vidas cotidianas. A mulher, historicamente, tem passado por diversas situações relacionadas à posição feminina e social.

A literatura, como expressão de sentimento, por meio de narrativas, especialmente às do gênero conto, permite ao leitor mergulhar no retrato social do

feminino, quando se refere às questões sociais já levantadas, sendo marcada por uma estrutura que violenta e intimida mulheres com diferentes potenciais de ascensão.

É evidente que a mulher cada vez mais tem ocupado espaços nas diversas esferas da sociedade. Em contrapartida, notamos que as funções a elas atribuídas também aumentam à medida que precisam desempenhar multifunções, como ser mãe, estudante, trabalhadora e cuidadora do lar. São as multifaces da mulher frente à sociedade que gradativamente consome mais energias e assume responsabilidades.

As narrativas literárias, por serem carregadas de significações, permitem a observação crítica da dominação masculina vivida por mulheres nos séculos passados, bem como o sofrimento e preconceito em relação a ser mulher. Ademais, os escritos de autoria feminina apontam para temáticas da submissão e descrédito vivido por elas. Nessa vertente, a própria escrita da mulher, em determinadas circunstâncias, tem sofrido ataques e é considerada como incorreta e inaceitável pela classe dominante.

Nesse viés, são, aqui, interseccionadas as temáticas sociais e históricas que envolvem a obra e se estabelecem como quebra de padrões na produção literária e se materializam na escrita da autora. Isso contribuirá diretamente na formação de leitores e para composição de referencial teórico para profissionais da educação, pesquisadores e amantes da Literatura.

Desse modo, neste estudo, procedemos análises literárias dos contos “Cinco Marias”, “Gente de quem?”, “Roupa Suja” e “Chuva Benta”, presentes na obra “Não presta pra nada” (2016) de Marta Cocco, observando marcas de oralidade e da memória que se estabelecem mediante elementos constantes nos contos

Finalizando este espaço de discussão, anunciamos que tendo por base os elementos da narrativa e a observação do enredo, discorreremos sobre situações que incidem em elementos trágicos na obra, marcas de oralidade, e discussões que se formam a partir das multifaces da mulher e as representações das personalidades de personagens que se construíram à medida que os fatos foram narrados. Assim, passamos às percepções analíticas do conto “Cinco Marias”, na perspectiva de conceitos das relações familiares, das trajetórias de lutas e conquistas, bem como no estado de resiliência da mulher como ser social.

3.1- “Cinco Marias”: relações familiares, trajetórias de lutas e resiliências

A narrativa “Cinco Marias” apresenta, de maneira leve e sutil, questões sobre as relações familiares, trajetória de lutas de mulheres, bem como a resiliência diante das dificuldades que a vida lhes impõe. Com tom memorialístico, retoma aspectos de estruturas e tipos de famílias, com seus aspectos positivos e dissabores.

Sua escrita se deu a partir do momento em que a narradora parece estar em um estado debilitado de saúde, como quem acabara de passar por uma cirurgia, ou algo semelhante, como é revelada no cenário transcrito pela protagonista: “E, eu não penso em outra coisa a não ser na ferida invadindo os tecidos, contando nos dedos os dias” (COCCO, 2016, p. 13). Talvez, por essa ocasião, tenha conseguido momentos para rememorar instantes com suas irmãs.

Diante da perspectiva da narrativa, apresentam-se cinco histórias que se interseccionam em um fio condutor: a relação familiar, bem como lutas e conquistas.

A irmã mais velha parece estar sofrendo de um mal e é confortada pela mais jovem no início do enredo:

A minha irmã mais velha ri com a sinceridade de uma criança aos três anos que meu filho tem agora. Ela diz que nunca esteve tão bem, tem certeza de que não teve mais nada, feliz da vida com sua peruca (dá pra ver que é peruca). Eu digo que está muito bonita (sempre foi muito bonita e que preciso ir ao banheiro) (COCCO, 2016, p. 13).

É notório salientar alguns questionamentos a partir da leitura desse enredo. Notadamente, numa família em que existem muitos irmãos, os mais velhos sempre cuidam dos mais novos, há, pois uma reversão de ação em que sugere ao leitor alguns sentidos, como: que marcas do passado a irmã mais velha carrega? Seria uma doença terminal? O que a afligiu para que ela hoje estivesse usando peruca? Apenas um gosto ou fruto de um tratamento que possa ter contribuído para a perda do cabelo? E o que a motiva usar essa peruca? Atender preceitos sociais, baixa estima?

São postas questões que aos poucos são reveladas à medida que o conto se constrói. Há, na narrativa, uma fuga da irmã mais nova: “e que preciso ir ao banheiro”(…), o enredo continua, “preciso de privacidade. Me olho no espelho: não inventa de chorar na frente dela! Minha irmã faz questão de dizer que jamais entrega os pontos, que está ótima” (COCCO, 2016, p. 13). São muitas as representações sugeridas nessa descrição. O cuidado que a irmã mais nova tem de se apresentar firme e forte, de passar uma ideia que tudo está bem é carregado de sentidos.

Quanto à estruturação linguística, a autora lança mão de técnica de escrita para evidenciar o discurso direto e o indireto livre, pois narra em primeira pessoa, atuando como protagonista da história e insere o próprio pensamento, como que por uma intervenção mental atribui nova perspectiva à narradora. Nesse sentido, Bronckart (2007) considera essa técnica como sendo um discurso secundário encaixado em um tipo de discurso denominado discurso principal.

E, para o leitor, essa manifestação indireta da autora sobre a personagem causa um movimento reflexivo. Chorar por quê? As marcas textuais conduzem ao leitor o entendimento que a irmã mais velha ainda está em processo de tratamento de saúde e sofre com questões de padrões de beleza instituídos na sociedade. Quantas vezes esse movimento de se olhar no espelho e se questionar foram realizados? Quantos estágios essa família de cinco mulheres vivenciou na luta contra um mal que pode ser associado ao câncer? A narrativa humaniza o leitor ao permitir essas reflexões.

Após as apresentações de cada irmã, de acordo com a memória afetiva da irmã caçula, temos marcas significativas que conduzem a escrita em um jogo antagônico entre o pensamento familiar de se seguir tradições e a tentativa ou a fuga da irmã mais nova em busca de outras vivências. “*Eu sou a mais nova, cresci ouvindo dizer: esta daí não presta pra nada, só pra estudar*” (COCCO, 2016, p. 16. *Grifo nosso*).

A fala reduz o poder do conhecimento e direciona o leitor para a própria dedicatória da autora que revela que as mulheres de poucos estudos não conseguem estimular o conhecimento, pois são silenciadas e o apagamento social é evidente. É importante compreender que a construção da fala da narradora vai além do texto, tecem-se críticas não para os familiares que dispunham de poucos instrumentos, a fim de valorizarem o ensino. Mas ao sistema dominante, que conferia papéis pré-determinados às mulheres.

O texto, nesse sentido, atravessa o suporte impresso e se propõe a questionar como hoje ainda estão as relações de poder e a polaridade entre homem e mulher. Relações essas que ainda carregam conceitos arcaicos e os reproduzem como sendo verdade suprema.

A narradora se mostra resiliente diante de atos de discriminação e apagamento sofridos no conto ou mesmo até mesmo de tentativas de silenciamento, especialmente vindas da própria família que teima em seguir um padrão, proposto por

paradigma milenar. Sendo assim, a jovem se reconstrói. “Agora que tenho filho, trabalho na universidade e dou conta de cuidar de uma casa, já não dizem” (COCCO, 2016, p. 16).

A protagonista associa sua conquista a etapas, como quem exerce o papel fundamental de mulher, preceito familiar, “ter filho e ser dona de casa,” e, ainda, como se não bastasse ser professora universitária, pois em determinado momento diz ter inúmeras provas e redações para corrigir. Para Oliveira (2015), a mulher além de profissional e provedora do lar, atua em dupla jornada de trabalho, dividindo-se em múltiplas responsabilidades, fazendo de sua força de trabalho algo além do espaço doméstico.

Atualmente, as mulheres perseguem com constância a sua parcela de atuação na sociedade, nas relações de poder, sendo uma das maiores transformações ocorridas em nosso país nas últimas décadas do século. Conforme Beauvoir (1967), a mulher continua constituindo-se em múltiplas facetas, sem perder sua principal fonte de identificação que é a maternidade.

Em observância, porém, à ordem gradativa da exposição das funções ocupadas pela narradora, Marta Cocco optou por evidenciar o papel de ser mãe em primeiro plano. Historicamente, a mulher tinha o direito de ocupar na família, a posição de maternidade, o que de certa forma proporcionou a ela um *status* específico. Assim, ser mãe tornou-se, não mais apenas uma função básica, é um prestígio social (BORSA; FEIL, 2008).

A resiliência da protagonista a faz compreender em que esfera social cada irmã vive e busca manter os laços familiares ativos apesar de não esconder o quanto foi silenciada pelos preceitos que a família carrega. Buscando no dicionário, temos resiliência como a capacidade de voltar ao estado normal. No campo da psicologia, resiliência significa resistência ao choque, à adversidade.

Essa palavra tem sido muito utilizada para exemplificar o comportamento feminino durante toda a humanidade. É possível encontrar diversos relatos em livros, noticiários e literaturas que comprovam o quanto as mulheres se mostram capazes de voltar ao seu estado habitual de saúde (física e mental) após passar por uma experiência difícil.

São diversas situações de preconceito, agressões e humilhações que as mulheres já sofreram e sofrem. Podemos dizer que elas compreenderam os problemas que estavam diante delas e mobilizaram recursos para superá-los. Nesse

sentido, historicamente, a mulher é julgada e analisada pela sociedade de acordo com os seus deveres e atitudes.

A título de comparação, podemos citar duas formas em que a mulher é apresentada. Maria, segundo a crença cristã, é sinônimo de mulher mãe, pura: a virgem que deu à luz a Jesus Cristo. E, Maria Madalena, uma mulher vaidosa, que vivia da forma como desejava, sendo denominada prostituta e indigna perante a sociedade.

Maria era considerada uma mulher pura e virgem, pois seguia o que era considerado certo pela sociedade, cuidava de seu filho e de seu marido, não deixava de lado os afazeres domésticos. Já Maria Madalena, de modo diferenciado dos preceitos sócias da época, foi julgada por todos como uma mulher sem respeito e pudor.

É importante salientar, ainda, que, apesar da primeira descrição de Maria Madalena ser uma mulher livre dos padrões convencionais, segundo o descrito na Bíblia, ela se converte, arrependendo-se de seus erros – fato que estipula como norma para as mulheres, um retorno ao estado de santidade ad infinito.

Insta dizer que a sociedade, no decorrer da história, vem mudando o comportamento social, mas ainda de forma tímida, assim, ainda há uma longa caminhada de desafios e resiliência feminina. Vemos as mulheres utilizando as literaturas como forma de expressão e desabafo das diversas situações de violência e preconceito, servindo como aparato de luta e resiliência.

As narrativas ganharam destaque quando passaram a ser utilizadas como ferramenta de quebra do silêncio. Aquela mulher que se viu silenciada e condenada a ser apenas esposa e mãe, passou a ser ilustrada em narrativas que expressam os desafios e resistências sofridas, evidenciadas como protagonistas de suas próprias histórias.

Nessa perspectiva de análise, o enredo central se divide nas histórias de vida de cinco Marias, contadas a partir da visão da irmã mais nova (narradora). Ao relatar as particularidades de cada irmã, são destacados os grandes desafios que todas enfrentam durante suas vidas. Podemos afirmar que esse conto é o que mais releva acerca das multifaces da mulher, pois relata várias dificuldades e a resiliência que as personagens tiveram diante dos desafios de uma vida toda.

A literatura é uma forma de contribuir com a manifestação da sensibilidade humana e assim desperta sensações e sentimentos que cativam o leitor durante o

deleite de sua leitura. Sendo assim, notamos que o conto em análise traz consigo um olhar cuidadoso por parte da irmã mais velha que desempenha um papel de observadora e protetora das demais irmãs, mas que agora recebe os cuidados das irmãs mais novas. Dessa maneira, esse cuidado mútuo traz um encantamento e um despertar a realidade de cada leitor.

Além disso, notamos que a autora traz na narrativa um enredo que possui uma linguagem que remete a falas da oralidade, com grafia de palavras ditas no cotidiano, de fácil entendimento para todos os níveis de escolaridade do leitor. Por essa razão, todas as palavras foram grafadas e pensadas cuidadosamente para prender o leitor e despertar um sentimento de ternura pela protagonista, bem como pelas demais irmãs.

Quanto à temática, o relato se dá sob a percepção da protagonista, que se identifica como a filha mais nova. Segundo o Dicionário de Nomes Próprios (2023), o nome Maria tem origem incerta, mas é provável que ocidente esteja ligado a partir da variação de “Myrian.” Do ponto de vista cristão o nome remete ao Livro de Lucas 1:30-33 que diz, “não tenha medo Maria, você foi agraciada por Deus (...). Seria, pois, a escolhida como santíssima (BÍBLIA SAGRADA, 2023).

O Dicionário de Nomes Populares (2023), entre as décadas de 60-90 “Maria” foi um dos nomes mais utilizados no Brasil. Já na década de 2020, ainda que se tenha uma grande procura, este se apresenta sob uma particularidade, vem associado a outro nome, sendo, pois, um substantivo próprio e composto, como se pode citar o exemplo de “Julia Maria” Maria Gabriela e outros.

Digno de nota ao se analisar esse movimento, é que enquanto ao termo Maria lhe é atribuído as significações de singeleza, porém submissa, ao atribuir uma associação de nomes, desloca-se o arquétipo e sobressai novas significações (DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS ON LINE, 2023).

- Maria: Senhora, soberana;
- Maria Júlia: Jovem soberana.

O vigor se estabelece como quem está se inserindo no meio social. Não é apenas uma Senhora, agora é uma é “Jovem” e é “Soberana”.

As Marias são descritas seguindo o curso da vida, como seus medos da idade e os desafios enfrentados durante a trajetória. No entanto, por associação à filha mais nova, tem-se a busca e a quebra de conceitos ou ciclos, assim como Maria Júlia

assume a postura de não se silenciar ou permitir o apagamento social e vai em busca de seus sonhos.

O enredo inicia com a exposição da irmã mais velha, que está com uma doença grave, aparentemente um câncer que não foi o suficiente para tirar o seu brilho no olhar e a sua felicidade. Apesar dos percalços que está enfrentando pela doença, ela não deixa de reforçar sempre que possível que está bem e acredita estar curada “[...] Ela diz que nunca esteve tão bem, tem certeza de que não tem mais nada” (COCCO, 2016, p. 13), ressaltando o seu lado guerreiro e forte, que não tem medo de nada que possa acontecer e mesmo diante de todos os obstáculos que uma doença incurável pode trazer, ela mantém-se firme e alegre.

A personagem é retratada como quem optou em manter sua aparência seguindo alguns conceitos sociais, não deixando de usar peruca, mesmo todos percebendo que é algo superficial. O ápice que enseja um contraste de alegria em meio à tristeza é quando a irmã adoentada encontra a todos e anuncia a grande notícia: “[...] vou ser avó pela segunda vez, de gêmeas, já pensou que presente?” (COCCO, 2016, p. 13), reafirmando a mulher forte que é, e que mesmo com todos os motivos do mundo para ser triste e amargurada, ainda tem o coração esperançoso para celebrar as conquistas de sua vida.

A segunda irmã é uma mulher que vive a vida com dois grandes dilemas: o medo da morte e a dependência do marido. Apesar de ser uma mulher que pratica hábitos saudáveis na vida, ela vive frequentando médicos e remédios, pois morre de medo de morrer. Talvez, essa situação aconteça pelo fato de estar presenciando uma irmã com uma doença grave em fase terminal, e o marido também estar com mal de Parkinson (seu porto seguro) e ter pouco tempo de vida.

É possível notar, pois, uma mulher dependente de seu marido, situação que é bastante comum na sociedade, e fraca emocionalmente, afinal ela procura recursos (médicos e remédios) que provem que ela está bem e não corre risco de vida igual o marido e a irmã mais velha.

Em contrapartida, vemos uma mulher fraca emocionalmente até certo ponto, pois ao invés de entregar os pontos e desistir de lutar pelo fato de estar perdendo seu marido e uma irmã adoentada, ela reage a todos os problemas lutando pela vida. Essa dependência da presença do homem como âncora é destacada como sendo um medo da irmã em não saber lidar com o futuro. Fruto de uma criação patriarcal que tem no homem o imaginário de proteção.

Para com a terceira irmã, tem-se a demonstração de uma mulher sofrida. Nas primeiras linhas do conto, ela destaca que já teve muitos motivos na vida para derramar lágrimas. É possível e razoável analisar que se trata de uma mulher sofrida, que ofertou muito de si durante a vida para favorecer outras pessoas, especialmente a classe predominantemente masculina.

Nessa concepção, Beauvoir (2019, p.12) revela que “a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo”. Diante de toda essa repressão, as mulheres sentiram a necessidade de libertar-se, de fugir daquele sofrimento que estavam condicionadas.

E, assim, começaram a ir contra os desejos de seus pais e maridos e começaram a construir seus próprios territórios, lutar por seus direitos a fim de conquistar a tão sonhada igualdade:

Naquela época como nos dias de hoje, as mulheres clamavam por liberdade de direitos, de poderem viver a vida, sendo capazes de lutar e de buscar seus direitos e isso levou-as a promoverem movimentos de libertação, ocasionando com isso uma revolução cultural e modificando a estrutura familiar até então existente (COULANGES, 1996).

Assim, no universo literário, como a que está em análise, a escrita feminina tem atravessado desafios. As publicações escritas por mulheres eram vistas como forma de transgressão, haja vista que o seu papel era restrito ao lar.

Qualquer coisa que saísse do mundo doméstico era inaceitável não apenas por toda a sociedade, mas também por familiares, amigos e todo o seu círculo social. Sendo assim, elas criavam pseudônimos para que pudessem publicar seus escritos sem ter que lidar com um convívio social turbulento. Compreende-se a terceira filha como uma mãe que já derramou muitas lágrimas de preocupação para com os seus filhos.

No entanto, segue vivendo, trabalhando, ainda em busca de um futuro melhor para a família. É possível perceber que ela é uma mulher de fibra e que apesar de todas as dores (não somente dores físicas, uma vez que estava com um corte na barriga, possivelmente passou por algum procedimento médico) se mostrou resiliente durante toda uma vida de sofrimento, dividindo-se entre a função de mãe para criar seus filhos sozinha e ser provedora da casa, além de trabalhar em uma fazenda, ainda encontrou tempo para atuar como professora.

Observando por esse ângulo, quando a narradora remete à ambientação e ao cenário de escrita, o sofrimento impera. Não há mais fonte de lágrima. A memória

afetiva, no entanto, remonta aos tempos de infância, aos ensinamentos formais que recebera da irmã enquanto mestre, mas acima de tudo, da formação educativa do lar e das lições de vida.

A narrativa apresenta trechos como: “De vez em quando repete umas frases com uma verdade tão funda que parece ser autora dela: quem muito se abaixa mostra a bunda. Um filho nunca deve fazer a mãe chorar” (COCCO, 2016, p. 14). Há, nesses ditos, o sentido nostálgico de gratidão que conferem a esta irmã um status de mãe.

A percepção de como o sentimento torna-se evidente está nas marcas verbais como modalizadores de sentido quando se referem ao tempo empregado. Assim, quando se tratava de ensinamentos formais, a autora usou do pretérito, “foi minha professora [...] entendia de mapas, falava de lugares distantes, de planetas... Foi quem me ensinou a escrever cartas (COCCO, 2016, p.14. *Grifo nosso*). Em uma observação da composição sintática, os tempos em destaque indicam ação, demarcadas pela posição de pensamento da personagem.

Na ênfase de demonstrar autoridade, ao afirmar: “foi minha professora, foi quem me ensinou a escrever carta,” os verbos são transpostos no pretérito, porém no modo perfeito, indicando uma ação passada e concluída. Entretanto, quando trata da forma em que a irmã mais velha ensinava, “entendia de mapas, falava de lugares distantes, de planetas”, os termos verbais “entendia, falava” [...] apresentam-se o tempo e modo do pretérito imperfeito do indicativo que transmite a ideia de ação, estado ou fenômeno inacabado, ocorrido no passado, por isso, ele transmite ideia de continuidade.

Já na abordagem afetiva, reproduzindo os acontecimentos ligados a maneira em que a mulher lidava com as situações, é utilizado o tempo presente como ato contínuo, presente na memória da narradora. “De vez em quando repete umas frases com uma verdade tão funda que parece ser a autora delas: *quem muito se abaixa mostra a bunda. Um filho deve fazer uma mãe chorar*” (COCCO, 2016, p. 14. *Grifo da Autora*). O termo verbal “repete” é ação presente, ato contínuo, portanto a irmã, ainda que ambas sejam adultas mantém o respeito incondicional da irmã.

Nas demais linhas do conto, encontramos uma personagem que traz em seu coração resquícios de mágoa e sofrimento ao olhar para o passado e para o trabalho e esforço que teve até chegar nos dias atuais e as lutas que viveu até chegar onde esta [...] olha para o passado e para o trabalho que teve quando mudou para cá, tão longe, com os filhos pequenos, para ter fazenda e progredir” (COCCO, 2016, p. 14),

indicando uma mulher que se sentiu fragilizada pelas desventuras da vida, mas quando necessário tomou atitudes fortes e decisivas em prol de sua família.

Essa mulher, porém, é delineada em multífaces, perpassando por várias adversidades durante a vida para sobreviver e criar os filhos, não se deixando entristecer. Ademais, demonstra traços de felicidade ao conviver com a sua netinha e contar as peripécias da pequena criança.

Sequencialmente, a narrativa descreve a quarta irmã. Esta também enfrentou graves problemas de saúde quando criança e adulta. Teve paralisia infantil que a impediu de andar por um mês, mas após um ato de fé de sua mãe que colocou as pernas da criança em uma imagem de Nossa Senhora das Graças ela voltou a andar, porém quase ficou surda. Devido às vulnerabilidades que viveu, poderia ter tido outro destino, porém a resistência em viver a vida determinou um caminho um pouco melhor.

Não diferente das outras irmãs, temos uma mulher forte, que mesmo apesar das adversidades que viveu na infância com a paralisia e agora adulta quando descobriu uma úlcera crônica, é uma mulher autêntica, expressiva e comunicativa, por esse motivo se expressa bem. Além do mais, tem muita habilidade com os artesanatos. Uma mulher vigorosa, que sofreu e ao mesmo tempo soube ser carinhosa com os seus: “Ela era muito boazinha comigo, me protegia das surras da mãe” (COCCO, 2016, p. 15). Hoje, ela vive a vida fazendo seus artesanatos, vivendo feliz e sorridente, na medida do possível.

Finaliza com a quinta irmã, a mais nova e, talvez, o maior exemplo de resiliência de todas elas. Como narradora e personagem fala de si nas entrelinhas, enquanto escreve sobre as suas irmãs, inclusive de outra irmã que seu pai teve fora do casamento. Conta que a irmã que não conhecia foi visitar o restante da família em uma ocasião, porém ela (narradora) não conseguiu passar mais tempo com a irmã por que tinha compromissos do trabalho para resolver, evidenciando a realidade de muitas mulheres brasileiras que abrem mão de momentos de descanso e convívio com a família para trabalhar.

A gradação é um excelente recurso linguístico utilizado por Marta Cocco. Essas caracterizações da narrativa têm efeitos de significação quanto ao tempo e ao espaço. Nesse jogo temporal, são talhados enredos de cada personagem até a quinta irmã, que como a própria narradora diz seria ela, “mas meu pai teve outra filha com outra mulher.”

É interessante as marcas sentimentais na expressão “outra filha” e “outra mulher” que cria um sentido antagônico de afastamento. Tal afirmação se apoia no uso da conjunção adversativa “mas”, que tem função sintática de relacionar informações contrastantes.

A protagonista seria a quinta, mas, abre-se um espaço para explicitar a entrada de uma personagem não propriamente afetada por suas emoções. Do ponto de vista do discurso, ao se observar a presença do pronome “outro”, com sentido de que não se trata do mesmo valor, que é distinto abrem-se fissuras que ainda não foram cicatrizadas. O leitor consegue, em sua maioria, observar o distanciamento e as condições sócio históricas, afetivas e familiares inseridas na produção (MAINGUENEAU, 2011).

Ademais, como já mencionado, ela (considerada a quinta irmã dentro dos limites familiares peculiares) era a irmã mais nova e sempre foi desacreditada. Ouvia sua família dizer que ela não prestava para nada, que só estudava. Talvez, pelo fato de pouco ajudar ao que a mãe e a sociedade da época esperavam de uma menina/adolescente. E, ao invés de se dedicar aos afazeres domésticos e aprender a cuidar da casa e dos filhos, ela preferia estudar. Resiliente, a personagem superou as adversidades da vida, apresenta-se agora como mãe, professora e dona de casa.

Sem dúvidas, temos um paradoxo, que se interpretado na época não seria assim considerado, pois as mulheres eram feitas para casar, mas nos dias atuais é contraditório, pois o estudar é a única garantia de sucesso e sobrevivência. Em se tratando da linguagem textual e do discurso inerente ao tema das multifaces da mulher, então, é nítido como as marcas da memória ainda têm um peso sufocante na protagonista, “não inventa de chorar” (COCCO, 2016, p. 15).

Assim, mesmo o texto tratando de lembranças que poderiam ser atribuídas a aspectos de tristeza, a escrita é leve e harmoniosa. Como uma boa contadora de histórias, Marta Cocco consegue prender a atenção do leitor e fazê-lo mergulhar no universo de sua escrita. Marta inicia sua narrativa como o versejar encantador de Lucinda Persona, que remete a quem lê a ideia de “abrir a boca e contar coisas gerais e particulares” (COCCO, 2016, p. 13).

É nesse ímpeto que o enredo se constrói. Como no movimento de abrir a boca e rememorar particularidades, essas se vestem de camadas que dão significação às multifaces da mulher na contemporaneidade. De fato, o ato de abrir o maxilar, tratado

poeticamente tem se apresentado na obra em destaque como forma de registro e de demonstração de trajetórias de lutas e resiliência.

As marcas da oralidade evidentes no texto como a predominância da colocação pronominal em próclise, como em “me olho”, “me pergunto” e outras expressões usuais da fala como “num certo tempo”, contando nos dedos provocam um efeito de sentido mais próximo do leitor, como que dando espaço para um diálogo inconsciente entre quem escreve e que está lendo.

Para Preti (2010), expressões populares, gestos e inferências da fala na narrativa conduzem o leitor à identificação de características peculiares dos personagens e, assim, pode compor sua ambientação, a fim de novas significações. Socialmente, o texto não se rende na história de vida da narradora, intertextos são agregados e relacionados à própria protagonista, uma vez que se trata da composição de sua família, isto é, de suas irmãs.

A pensar pela forma em que a narradora conduz seu enredo, há clara e manifesta intencionalidade de reprodução. A protagonista, que também é narradora, tem formação acadêmica especificamente em linguagem, o que poderia permitir-lhe uma narrativa mais robusta, “não pude almoçar com ela, porque tinha dezenas de provas de redação para corrigir” (COCCO, 2016, p. 16). Entretanto, quase como quem senta em roda a beira de uma fogueira, sua história é narrada e, ali, são tecidas características de cada irmã sob a perspectiva memorialística e afetiva da irmã mais nova.

No processo criativo da escrita, podemos destacar alguns pontos que são comuns entre as irmãs e, talvez, por isso tenha desencadeado alguns traumas. Apenas uma das irmãs tem uma figura masculina ao seu lado, todas as outras não possuem marido e quiçá seja por isso que a segunda irmã tenha esse medo do marido morrer, pois acreditava, talvez que os problemas que as demais passavam era consequência da falta de um marido. Nesse ínterim, três das cinco irmãs apresentam algum tipo de doença grave, e isso também pode ser associado ao fato da segunda irmã ter tanto medo de morrer, afinal muitas de suas irmãs estão doentes, além de seu marido.

O conto traz para discussão cinco mulheres guerreiras que viveram situações reais e tristes, as quais ao contar suas histórias evidenciam as relações familiares de alegria e tristezas na constituição familiar. Além disso, temos a irmã que possui dependência do marido e finaliza com a narradora que demonstra alguns traços não

condizentes com o estereótipo do patriarcado e, em contrapartida, preferiu estudar. Ademais, a narradora ressalta o preconceito por ter sido mãe solo e criado seu filho sem a ajuda de ninguém, contudo temos mulheres resiliente e resistentes às adversidades da vida.

Nessa perspectiva, Marta Cocco retoma questões importantes de análise, como o fato da mulher, historicamente, ser preparada para executar funções socialmente atribuídas a elas pelo fato de ser mulher. Quando se mostra a quebra do paradigma, isso decorre do valor da mulher e não de sua objetivação.

A mulher liberada é profissional, casada e mãe, que quer preservar o seu lar, tem dupla ou tripla jornada de trabalho porque se encarrega da casa e dos filhos e ainda quer ser elegante e bela. Muitas mulheres caíram nessa armadilha, tornando-se executoras multitarefas e, frequentemente, ficando doente na vã tentativa de dar conta de tudo. Essa mulher polivalente e perfeita, na afirmação de Virginie Despentes, não existe. E como só o homem possui autonomia econômica e, portanto, os privilégios que a virilidade lhe confere, acaba tornando-se um tirano, o que leva a mulher à revolta e à astúcia. A perfídia e a dissimulação são femininas porque "a moral consiste em encarnar uma entidade inumana: a mulher forte, a mãe admirável, a mulher de bem etc. Desde que pense, que sonhe, que deseje, que respire sem palavras de ordem, está traindo o ideal masculino" (BEAUVOIR, 1967 p. 264).

E, assim, a partir dessa narrativa, procuramos evidenciar e destacar as histórias de lutas e desafios dessas mulheres que resistiram durante toda uma vida aos costumes de uma sociedade preconceituosa e machista. Histórias, como a analisada anteriormente, tem o poder de mostrar que a mulher tem a capacidade de cuidar dos afazeres domésticos, ser esposa e mãe, mas, que também tem o direito em buscar forças para serem o que quiserem ser, atuando com dignidade e exercendo a cidadania. Sequencialmente, dispomos de leitura crítica do conto "Gente de quem" ao provocar o deslocamento para a percepção das representações de poder e das desigualdades sociais e a autoafirmação de identidade.

3.2- "Gente de quem?": representações de poder e desigualdade social e identidade

A independência financeira é uma ferramenta que traz ao ser humano emancipação em diversas situações na vida, visto que é a partir dela que as pessoas se sentem livres para viver e fazer o que quiserem. Contudo, essa falta de independência gera o processo contrário, ou seja, dominação e dependência. Quando

pensamos na soberania financeira na esfera feminina, encontramos mulheres que dependem do dinheiro de seus parceiros para sua subsistência e a de seus filhos.

Diante dessa realidade, encontramos muitas mulheres que foram e ainda são silenciadas e que não possuem opinião e voz, ou que vivem em situação de escravidão por serem obrigadas a servir seus maridos pela falta de emancipação financeira. Essa dominação masculina acarreta relacionamentos abusivos e violentos, em que a companheira não possui outra forma de sustento próprio para si e para seus filhos.

Outro problema atrelado à dominação financeira pelo sexo masculino está no relacionamento de casais de classes sociais diferentes. É recorrente encontramos, na vida real ou nas literaturas, histórias de mulheres que sofreram preconceitos e violências por se relacionarem com homens que possuíam uma classe social mais elevada que a sua.

Muitas vezes, no início do relacionamento essa diferença não é um problema, porém com o passar dos anos encontramos mulheres prisioneiras de seus próprios companheiros, pois viveram em função dos filhos e do marido a vida toda. Essa temática é bastante recorrente nas narrativas literárias. É comum encontramos histórias que narram a vida de mulheres que se envolveram com homens de uma classe social bastante diferente da sua e sofreram preconceitos de toda a família, pois acreditavam que a união estava pautada no interesse da mulher pelo dinheiro. É o caso do conto “Gente de quem” de Marta Cocco.

A narrativa se inicia já pelo o título de forma interrogativa “Gente de quem?” como a epígrafe do professor e poeta Aclyse Mattos “As afirmações do homem são espaços que ele arranca da negação” (2016, p. 21). Negar, verbo transitivo direto, que semanticamente remete à ideia de recusa, de reconhecer ou aceitar algo.

A narrativa retoma situações que envolveram o passado dos personagens como uma reflexão para um movimento de resistência quanto a um ciclo que impera quando se trata do pensar hegemônico, e das diferenças de classes sociais. É uma tratativa, a fim de se escabele, de certa forma a convicção da resistência quanto a esse modo de pensar.

Nessa concepção, Bosi (2015. p. 207), afirma que o corpo e a mente humana se estendem entre o passado e o futuro, sendo necessária a “ação da memória. Por isso, faz parte da cultura de resistência o resgate da lembrança que alimenta o sentimento do tempo e o desejo de sobreviver”. Assim, a narradora ao se expressar

como que por escrito catalisa o desejo de resistência, a fim de manter vivo o desejo de mudança.

Sendo assim, o conto em análise pondera questões da não aceitação social, em que são trabalhadas batalhas contra diferentes classes, assim além da dicotomia entre o papel de homem *versus* mulher, a personagem protagonista ainda sofre discriminação por conta de sua condição financeira, quando esta é apresentada à família do namorado.

Tudo se inicia como um conto de fadas, quando uma jovem se apaixona por seu príncipe. No enredo, a narradora se apresenta como moça jovem “com toda insegurança dos seus dezesseis anos” que se encantará por um homem mais velho, já formado.

Nessa vertente, muitos estudos foram realizados com o intuito de compreender o ideal das meninas jovens buscarem enamorar-se por pessoas de mais idade. Para a psicanalista Natthalia Paccola (2022), entre outros aspectos, muitos jovens têm buscado a reafirmação em relacionamentos que nem sempre são as respostas para os problemas. A ideia de proteção paternal se dá por meio da confiança que parece ser passada aos jovens, a experiência já vivida e a condição estável.

A narrativa, no entanto, apesar de expressar que Toninho era mais velho, não apresenta marcas estereotipadas que possam inferir que os motivos anteriores fossem a causa foco do relacionamento. Ainda que o texto explore essa condição social de ambos.

Marta Cocco, portanto, tece seu enredo como quem entrelaça fios e os amarra para o mesmo fim. A protagonista se posiciona em sentir-se bem ao lado do amado, e revela que ele frequentava sua casa “com total desenvoltura.” Há uma indicação de bem-estar familiar e aceitação por parte da família da jovem, bem como na forma com que o namorado se portava na casa da jovem.

O jogo antagônico é descrito logo após a moça afirmar sobre as idas do namorado à sua casa: “A dele, eu conhecia de apenas de passar na frente” (COCCO, 2016, p. 21). Quantas questões ou significações podem ser apreendidas? Haveria um motivo para ela não ir à casa dele? Faltava-lhe o convite? A resposta já antecipada revela que a jovem tinha receios e, por isso, protelou o inevitável dia de ir até a casa dele para um almoço para ser apresentada.

As relações de poder ou de diferenças sociais parecem atormentar a jovem, mas, o namorado frequentava a sua casa e lhe fizera o convite para ir a sua, quais estereótipos a garota temia enfrentar? O texto mostra que o jovem era filho de pais com posses, a se notar pelo aspecto da casa dele: “O pé direito alto, alguns móveis de madeira de lei, uma profusão de porcelanas e cristais, uma infinidade e retratos” (COCCO, 2016, p. 21).

Ao que se parece a casa pertencia à família já por gerações, mas para a garota a “casa metia medo” seria o medo do novo, de como esta jovem suburbana deveria se comportar. A metáfora muito próxima das expressões da oralidade “mete medo”, não só se aplica a intimidar, a conotação amplia os sentidos, tal qual um interiorano precisa deixar seu lar e ir para um grande centro. Questões perpassam em sua cabeça, o medo é do desconhecido.

Na narrativa, o medo seria já pela imponência da casa, em comparação com a sua e o que iria encontrar dentro do recinto. Observamos que a jovem diagnostica o lugar, enfatizando os móveis, a madeira de lei e o pé direito alto. Mas, a trama ainda reserva detalhes para compor a ambientação e os desafios a serem enfrentados pela jovem, que como mulher, sofre diariamente com preconceitos arraigados socialmente.

Marta Cocco estabelece questões bastante evidentes no cotidiano. A caracterização do homem como ter “grana” e era de família tradicional sugere que há questões que vão muito além de questões biológicas. O patriarcado não confere direito ao pai, propriamente dito, mas ao homem por compreender que seria uma causa natural e que por consequência abrange todos os aspectos civis (PATEMAN, 1993).

A jovem continua sua trajetória expondo as impressões do primeiro contato com a família. “Fui recebida pelo pai e pela mãe. A senhora estava vestida como quem ia não sei aonde. Roupa de andar em casa que não era” (COCCO, 2016 p. 21, sic).

A representação formal em que os pais receberam a jovem se contrapõe com a forma descontraída em que o namorado era recebido em sua casa. Ele frequentava sua casa com bastante desenvoltura, ou seja, sentia-se muito bem, como se aquele fosse seu lar. Mas, para a jovem o efeito é contrastante. A presença e a importância dos pais com suas belas roupas não lhe causaram a impressão do acolhimento.

A expressão muito usual na oralidade “vestida como quem ia não sei aonde” impulsiona sentidos de quem está vendo algo e não se reconhece nele. A senhora

causa na jovem o estranhamento e no momento em que ela se compara ao jeito de estar vestida com o da mãe do rapaz, há um afastamento social. Não saber o porquê da roupa é significativo. A simplicidade da suburbana é balizada pela presença de uma pessoa que se interpõe como superior, com “ouro distribuído pelo pescoço, braços e dedos”. (COCCO, 2016 p. 21)

No instante em que a jovem se depara com os sogros, há um sentimento de negação, de não se sentir aceita por eles, cria-se cenas de ambientação na qual se pode deduzir que a presença da moça incomoda. “Me deu as boas vindas com um sorriso não muito generoso e pediu licença para dar ordens na cozinha” (COCCO, 2016 p. 2). A visitante não merecia tanto acolhimento, o mesmo se deu com as boas vindas do pai “nem bem me deu bom dia, já me pôs pra sentar na sala, ao lado dele, numa daquelas poltronas cujo encosto não permitia a menor descontração” (COCCO, 2016 p. 22).

A formalidade com a qual a jovem foi recebida causa-lhe espantos, sentimentos de não pertencimento. À medida que os acontecimentos são narrados é perceptível o incômodo da família com a presença e as incertezas quanto a como proceder para interagir com aquela família.

A narrativa reproduz o momento de maior tensão, quando o sogro lhe pergunta: “você vem ser gente de quem? (COCCO, 2016 p. 22). Gente de quem? A pergunta do sogro pretende estipular a presença de uma linhagem ancestral honrada, cujo sobrenome, ainda nos dias de hoje, revelam possibilidades de honra e prestígio social.

Segundo a narradora, fora a pergunta que mais temia, pois a mãe era uma simples dona de casa, o pai foi aposentado por invalidez, o avô havia sido capataz de uma fazenda. Percebe-se um conflito interno que vive a protagonista pelo fato de pensar que suas origens seriam fator para não ser aceita pela família do seu noivo.

Esse fato corriqueiro pode despertar sensações e emoções no leitor, pois é comum esse acontecimento no cotidiano. Isso reafirma o papel da literatura, pois o ato de ler um texto literário pode ser comparado a uma relação privilegiada com o real, uma leitura de situações que acontecem no mundo.

Marta Cocco utiliza como técnica escrita, a narrativa linear, que se dá quando são interpostos momentos em que não se segue a linha do tempo com a utilização do discurso direto e o indireto livre. A autora conduz o leitor ao entendimento dos fatos

como sendo algo que ocorreria no passado, e que nesse ato narrativo estão sendo apenas apresentados os fatos.

Que idiota e desesperada eu era. Fosse hoje, eu diria em alto e bom som, com o peito estufado. Venho a ser neta de João da Costa Soares e de Augusta Benedita Fontes, sou filha de seu Antônio e de dona Mariana Fontes da Costa Soares. E completaria. Gente de bem. Que viveu e vive do suor honesto do seu trabalho. (COCCO, 2016, p. 22).

A protagonista teve esse pensamento de inferioridade e vergonha ao expor seus familiares, talvez por ter em si um sentimento enraizado de subalterna. Há, na sociedade, um discurso que o homem pobre pode se interessar pela menina rica, (é o caso da princesa e o plebeu), no entanto, quando o é a menina pobre que se interesse por alguém rico, para muitos isso pode ser caracterizado interesse reiterando a expressão “golpe do baú”.

Destarte, o descontentamento pelo silenciamento vivido e o anseio de escrever uma nova história para a sua vida e da sua família, como pontua (WOLF, 2019) contribui para que a personagem pudesse começar reescrever suas histórias. A narrativa não linear apresenta características que possibilitam ao leitor reflexões sobre o tempo e o amadurecimento da jovem que hoje se apresenta como quem tem em si o ideal de pertencimento.

É disposta sua árvore genealógica e apresentada com orgulho sua origem. “Gente de quem?” Fruto de gente do bem, de seres humanos. Oliveira (2015, p. 346) destaca que:

Os estudos desenvolvidos acerca de gênero são, conseqüentemente, resultados da organização de mulheres profissionais, engajadas nas lutas emancipatórias do feminismo. Essas militantes passaram a vivenciar no cotidiano uma luta que faz frente aos valores e ditames do patriarcado. Elas, as militantes, vêm contribuindo, não só para uma postura crítica acerca dos papéis sociais e culturais impostos aos sexos, mas, sobretudo, têm conseguido deslocar as questões relativas à mulher da visão androcêntrica que colocava mulher e natureza em um mesmo patamar.

Nessa perspectiva, associamos a timidez de sua resposta ao sogro que “unicamente” por não ser rica, causava-lhe constrangimento. Percebemos um claro desenvolvimento de personalidade, de concepção de origem e posicionamento. O que lhe silenciava, naquela época, hoje seria combustível para se defender e mostrar-se orgulhosa de sua origem.

Retomando ao tempo da narrativa, a protagonista relutante e tímida com as perguntas de Sr. Gonçalo, revela algo que permite certa aproximação entre ambos, quando diz ser neta do finado João Soares. “Seu avô foi um homem valoroso, ele

disse, com entusiasmo na voz. Seu avô foi um pacificador. Pois você não deve saber, mas não foi nada fácil o começo das fazendas aqui no Mato Grosso” (COCCO, 2016 p. 22).

Nesse sentido, a cada linha em que a história é contada, o leitor lida com a tensão em relação à aceitação da moça na família do noivo. Quando essa aceitação parece acontecer, tem-se uma reviravolta que muda os rumos do encontro e as várias emoções que são despertadas no leitor, deixando a narrativa interessante a cada passo.

Nesse olhar, “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la” (BOURDIEU, p. 18, 2005). Desse modo, à medida que a jovem se apresenta como neta de um homem admirado começa a se estreitar a conversa. A moça já não é apenas uma suburbana, agora a nobreza do avô lhe veste como sendo uma pessoa passível de frequentar aquele ambiente.

O Sr. Gonçalo continua: “Seu avô tinha uma qualidade diplomática inata, era sábio e apaziguador” (COCCO, 2016 p. 23), diz como respostas aos conflitos armados que existiam na época entre homens vindos do Sudeste e fazendeiros do Mato Grosso. A narradora inscreve espaço para interpretar que, em ato instintivo, o orgulho de sua família, e suas intervenções no presente trazem evidências da valorização de suas origens.

Muitos elogios são tecidos no instante da fala, e, neste ato, o avô da jovem é colocado sob o mesmo patamar que o da família, especialmente pelo fato que segundo o fazendeiro, muitos donos de terras foram livrados pela sabedoria em lidar com a resolução de conflitos, como “a família do compadre Antenor Correia” que teoricamente deveria ser muito grato ao avô da moça.

As relações de identidade se traduzem na interposição de falar (pensamentos) inseridos na narrativa. Na perspectiva da narradora, há um deslocamento para outras personas a partir dos pensamentos que se reproduzem na própria personagem protagonista que se insere como quem questiona atividades que se desenvolveram no ato do enredo.

A narradora, indigesta com os supostos elogios do sogro, empreende-se a relatar mentalmente: “É claro que já sabia dessa história (a emboscada foi por causa de grilagem de terra) e sabia que a bravura não valeu nada” (COCCO, 2016 p. 23).

Há uma contraposição na forma que ela encarava os elogios, não porque seu avô não merecesse, mas pelo fato de que Sr. Gonçalo "contava a história do jeito dele" (COCCO, 2016, p. 23) e isso a fazia sentir desprezo do sogro.

A jovem, agora amadurecida, reflete sobre as dificuldades enfrentadas pela família e da ingratidão dos fazendeiros. "Minha família ficou desamparada pelo tal fazendeiro, compreendeu, pois, que na relação elite e proletariado, apenas o que basta é a força do trabalho. A narrativa surpreende o leitor pela linguagem carregada de marcas da oralidade, "naonde", "ocê", entre outros, o que remete a uma ambientação dos personagens. Essa forma de conduzir os escritos tem sido uma constante temática em obras de Marta Cocco.

A protagonista rememora que mesmo sentindo asco da família lembrou-se dos sábios conselhos de sua mãe: "ocê larga de ser besta, vai casar com o Toninho e não com a família dele" (COCCO, 2016, p.25). Nessa perspectiva, o texto remete ao leitor a importância das relações familiares e os costumes dos filhos ouvirem os sábios conselhos dos pais. Não há indícios da motivação da jovem, mas o que transparece no texto não seriam questões financeiras, até porque a narradora já deixou claro que não queria frequentar o mundo elitista dos sogros.

Assim, reflete que mudou o assunto para não criar uma má impressão e associou a história de sua avó como heroína em fatos ocorridos na Coluna Prestes. Esse jogo memorialístico remonta aos casos de mitos e lendas e como uma boa contadora de histórias, a partir das memórias de sua família se permitiu "ser aceita". "Quando contei a ele como minha avó enfrentou a Coluna Prestes, no fim da conversa senti que tinha caído na graça da família" (COCCO, 2016, p. 24).

Algumas ponderações são válidas de destaque. A jovem, no início, sentindo-se acuada permitiu que a história de seu avô fosse contada sob a perspectiva do fazendeiro, mas à medida que as reflexões e os conselhos da mãe foram evidenciados a jovem não permitiu o silenciamento e retratou a história da avó, mantendo as relações familiares e deslocando o papel importante daquela senhora.

Portanto, a narrativa "Gente de quem?" oportuniza o debate sobre as classes sociais, a maturação do ser quando consegue compreender sobre si e suas origens, e dá amplo espaço para as discussões de preconceito social e de classe tão presentes ainda na atualidade (NADAF, 2004). O conto retrata a história de uma jovem que tinha vergonha de conhecer a família de seu namorado devido à sua condição financeira ser bem diferente da dele. Ele, homem rico, de uma família de posses e ela uma moça

pobre, criada na simplicidade. Um antagonismo de classes sociais em que se impera um distanciamento.

A moça fez todo o possível para protelar a visita, pois pressentia que poderia não estar tão bem recebida como seu namorado foi em sua casa. “Ele já frequentava a minha com total desenvoltura” (COCCO, 2016, p. 21). Na maioria dos casos, a pessoa com maior poder aquisitivo sempre é mais bem recebida na casa de uma pessoa com o menor poder financeiro, ao compararmos a situação contrária. Contudo, mesmo com toda a insegurança que sentia, a moça se encheu de coragem e foi visitar a família do namorado.

Vale destacar que a mulher não tinha independência de pertencer a si mesma, mas sim de onde ela vinha, ela não tinha um nome por si só, mas sim o nome da família que estava atrelada a ela, ressaltando a desvalorização feminina da época. Nesse viés, ela destaca o quanto era tola ao sentir vergonha da própria família, que sempre fora honesta e trabalhadora, e que se fosse nos tempos atuais esse medo de se expressar, não aconteceria.

Assim, o sentir vergonha, traduz-se no sentir diminuída. São as maledicências que a sociedade impõe seja pelo fato de ser mulher, ou mesmo, por questões de prestígio social frente a uma família de prestígio ou de sobrenome reconhecido socialmente.

Durante a visita na casa do namorado, o sogro reconheceu a família da moça. Via o seu avô com bons olhos. Na concepção do sogro, o avô da moça foi um bom homem por ser leal ao patrão, tanto que morreu por ele. Isso revela a lealdade do avô da moça ao morrer no lugar de seu patrão, demonstrando a fidelidade que os trabalhadores tinham, sendo maior que sua própria vida.

Observamos, na narrativa, as diferenças de classes sociais entre os personagens e que isso causava insegurança na moça, pois ela sabia que o seu destino seria viver uma vida em que toda a família não iria acreditar nos sentimentos reais que tinha pelo jovem. Diferentemente disso, talvez ela fosse uma aproveitadora e interesseira, que estava apenas interessada no dinheiro da família.

A narradora dizia sentir vergonha da família, pela classe social à qual pertencia, porém com o passar dos anos, segundo a mesma, houve um deslocamento no sentir. Aqueles sentimentos opacos e a vergonha deu lugar para o orgulho de pertencer à sua árvore genealógica e sob suas expertises passa a enumerar para o sogro algumas histórias que ouviu sobre a avó, como em “quando contei a ele como

minha vó enfrentou a Coluna Prestes, no fim da conversa senti que tinha caído na graça da família” (COCCO, 2016, p. 24).

Após o sogro contar e tecer muitos elogios pela bravura do avô da moça, em seus pensamentos, ela demonstra que não concordava com toda essa bravura, que ela não tinha valido de nada. Afinal, por consequência de toda essa coragem, sua família ficou desamparada e, que se não fosse a avó atuar fortemente, todos da família teriam morrido de fome. “Minha família ficou desamparada pelo tal fazendeiro que mal reconheceu os feitos do meu avô. Tanto que minha avó se mudou para a cidade e teve de criar os cinco filhos sozinha” (COCCO, 2016, p. 23).

Nesse recorte, são apresentadas evidências do apagamento das mulheres frente à sociedade. O que teve relevância foi o ato de bravura que o avô teve em se matar para salvar seu patrão, mas não os desafios que a esposa viveu quando se viu desamparada financeiramente em criar seus filhos. A moça relata que sentiu desprezo pelo sogro ao ouvir essa história, pois ele considerava apenas a parte da história que era importante para ele, tanto que contava a partir de sua visão.

Ademais, a moça fez questão de contar ao sogro as bravuras de sua avó. Contou a ele como ela foi guerreira e valente ao derrotar a Coluna Prestes, mesmo com o seu avô ainda em vida. “Pois vovó, antes de sair, disse: deixa esses cabras comigo. Preparou um tacho de doce de batata do cerrado e deixou prontinho” (COCCO, 2016, p. 24 sic). Os ladrões quando entraram na casa comeram o doce e pouco depois tiveram uma enorme dor de barriga e foram embora sem levar nada da fazenda.

Portanto, é fato que as diferenças nas classes sociais ainda é um fator que atinge principalmente as mulheres, haja vista que em um relacionamento assim a visão da sociedade ainda está enraizada no interesse econômico. Atrelado a isso, temos as situações de dominação, silenciamento e apagamento feminino, em que mulheres vivem em situações alusivas à escravidão por seus maridos em virtude da própria sobrevivência e a de seus filhos.

Enquanto o pensamento preconceituoso e de desvalorização estiverem infundidos nas palavras e atitudes masculinas, os progressos caminharão a passos lentos. Em seguida, trataremos do conto “Roupa Suja” sob a perspectiva de análise entre a história e a Memória o aspecto das multifaces da mulher.

3.3- “Roupa Suja” – multifaces da mulher, perspectiva de análise entre a história e a memória

As narrativas são ferramentas eficazes para lembrar tempos já vividos. Ao ler um livro de contos, as pessoas estão praticando a arte de apreciar uma boa lembrança e se deliciar às riquezas do enredo presente em uma boa história. Os contos literários por se tratarem de narrativas curtas, ricas em significados, com enredos que permitem trazer uma variedade de situações e lutas sociais.

Em se tratando do leitor, no que se refere ao seu contato com narrativas curtas que, por essência, possuem elementos que as caracterizam e que respondem às questões estruturais como enredo, personagens, tempo, espaço, narrador, ele pode se utilizar de tais elementos reconhecimento e o entendimento do texto narrativo, já que cada um deles é fundamental para o desenrolar das histórias lidas, escutadas ou vistas.

Em uma rápida classificação, as narrativas podem se divididas em gêneros literários épico, lírico e dramático que se decompõe em romance, novela, conto e crônica, entre outros, sendo cada apresentado em características distintas e estruturadas sobre particularidades que possibilitam ao leitor o deleite e a interação com o conteúdo.

O conto é a designação de uma narrativa curta e se diferencia do romance e da novela por características estruturais e pelo tamanho. Assim ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando a abarcar a totalidade, “aparece como uma amostragem ou como um flagrante, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo” (SOARES, 2014, p. 54).

Como narrativa linear, de maneira geral, não se aprofunda psicologicamente nos personagens nem nas motivações de suas ações. A psicologia e as motivações se explicam pela conduta dos próprios personagens. A finalidade desse tipo de ficção literária é narrar uma história, podendo ser breve ou relativamente longa, mas obedecendo em ambos os casos a certas características próprias do gênero.

Tal como na análise do conto submetido à análise anteriormente, procedemos, aqui, observando as marcas da oralidade e da memória que se estabelecem a partir de elementos constantes no conto “Roupa Suja”. Tendo por base

os elementos da narrativa e a observação do enredo, discorreremos sobre situações que se incidem ao trágico, bem como marcas da oralidade que representam a personalidade das personagens que se construíram à medida que os fatos são narrados.

A narrativa discorre sobre a história de uma mulher que quando grávida sentia muitos enjoos. Como forma de distração ela começa a lavar as roupas do bebê. (Roupas estas compradas ou ganhadas por amigos). A mãe da gestante, porém, demonstra-se muito incomodada com as náuseas da filha e com a iniciativa dela em lavar as roupas como forma de tratamento.

Diante disso, a mãe manifesta sentimento de repúdio e tristeza com aquela situação. Faz uso de expressões para banalizar aquela atividade, questionando “quem seria a pessoa que compraria ou ganharia uma roupa suja?”. Inscreve-se uma espécie de desabafo, o que parece ser descaso. Entretanto, ao se aprofundar na narrativa, é possível perceber que o silenciamento e o deslocamento da mulher como protagonista se evidencia. A mulher (mãe) nem ao menos poderia ter a expectativa de utilizar roupas para seu nenê. Um forte indício da dependência masculina e do apagamento do protagonismo da mulher.

Sequenciando a narrativa, a filha, por sua vez, ao perceber a reação da pergunta sobre o porquê estaria a lavar aquelas roupas, bem como o motivo pelo qual tal ação incomodara sua mãe ficou a pensar, guardando certa mágoa. (Talvez por pensar que a própria estivesse a desdenhar de sua filha). De fato, ao ser questionada, até mesmo de forma ríspida pela filha, a velha senhora revela que quando estava grávida (da filha) ela não teve a mesma sorte.

Entristecida, a avó diz que poucos dias antes do seu bebê nascer, ela pediu para a sogra que comprasse um tecido para fazer uma muda de roupa para o bebê, pois ele(a) iria nascer e ainda não teria nada para vestir. O que chamou a atenção da filha foi à reação da avó paterna, que com ênfase não quis comprar, afinal, eles deveriam esperar a criança nascer para saber se “ia vingar¹”.

As falas reproduzidas tanto pela mãe como pela avó revelam um período muito difícil para as mulheres dessas gerações: precárias situações econômicas e de saúde, as quais são marcadas historicamente e que faziam essas mulheres esperarem. É importante destacar também, a questão histórica, como por exemplo,

¹ Espécie de expressão tradicional para saber se a criança sobreviveria às tragédias comuns à época.

da vinda dos europeus para o Brasil, como colonizadores culturais, sociais e econômicas, bem como a vinda de imigrantes de outras terras que viajavam em navios esperançosos de uma vida melhor. Essa miscigenação influencia nossa cultura e as ações familiares.

Demonstrações de fala como as citadas anteriormente centram-se como marcas da oralidade e incidem em relatos de memória de grande parte da sociedade, especialmente, de gerações do século XX, perdurando r em muitas comunidades já no século XXI. São registros de mães que não tem acesso à saúde de qualidade, que não realizam o pré-natal e fazem o parto sem condições mínimas de segurança para a mãe e muito menos para o bebê.

Durante o conto, é possível perceber vários aspectos trágicos que envolvem o enredo. Na primeira página da narrativa, há uma discussão entre mãe e a filha grávida:

[...] Pra que lavar? Está tudo limpo! Ou você acha que alguém te deu roupa suja de presente? Não sei como uma criança pode ganhar tanto presente! O que será que significa isso? Significa que você precisa parar de me encher o saco, disse a mamãe para minha Vó, sem a menor paciência. (COCCO, 2016, p.31)

Nesse trecho, podem ser percebidos aspectos que demonstram fissuras nas relações familiares. A filha fala de forma áspera com a mãe, dizendo ter perdido a paciência e como resultado preliminar “vê” o choro da mãe. Diante disso, podemos estabelecer uma relação de ação e reação baseada nos aspectos trágicos da obra como fator social, hierárquico e emocional, afinal trata-se de uma fala de uma filha para uma mãe. Nesse caso, invertem-se as posições em uma quebra de estrutura familiar.

Outro aspecto trágico, bem presente no conto, é observado quando a Mãe pede para a sogra comprar um pedaço de tecido para costurar algumas roupinhas para a criança que estava prestes a vir ao mundo, pois ele (a) iria nascer e ainda não teria nada pra vestir. O que a filha não sabia era a reação da sogra que, com ênfase, não quis comprar, afinal, eles deveriam esperar a criança nascer para saber se iria vingar.

[...] Nona, pede pro nono comprar um tecido na venda, a criança vai nascer e não tem nem uma roupinha ainda, quero costurar nestes dias que não estou indo na roça. que minha bisavó respondeu com severidade: calma, espera nascer primeiro. Vai que não vinga, pra que botar dinheiro fora?! (COCCO, 2016, p.32)

Esse trecho revela as condições em que nasciam as crianças na época, sem nenhuma infraestrutura adequada para a mãe durante a gestação e muito menos ao

bebê que gestava. Em consequência disso, havia uma falta de esperança ou expectativa da comunidade como se fosse o destino que conspirava contra eles, sendo comuns os altos índices de mortalidade infantil e das puérperas, evidenciando uma marca sólida do trágico.

Nessa vertente, adentrando na narrativa de Marta Cocco, a personagem Mãe conta à Filha que quando estava vindo embora do país, fugindo da guerra, um de seus filhos adoeceu na viagem e por falta de recursos, logo veio a falecer. Depois disso, a Mãe converteu-se em profunda amargura.

Após ter revelado essas memórias, a filha, enfim, entendeu que a Mãe deveria ficar impressionada com o tanto de presentes e roupas que a criança ganhará. Não se tratava de falta de apreço, era, pois, apenas mais uma marca sólida do trágico evidenciado na narrativa.

A observação dos aspectos relativos à memória na literatura tem sido de fundamental importância para que o indivíduo se reconheça como partícipe da história que o cerca. Nesse sentido, o processo de efetivação conceitual de memória se relaciona a fatos e feitos que remetem ao leitor épocas vividas em suas trajetórias de vida.

Por esse viés, a memória trata-se do armazenamento de informações e situações obtidas por meio de vivências ouvidas ou vividas. Tem relação direta com a aprendizagem que é a obtenção de novos conhecimentos, pois utiliza a lembrança para reter tais informações no cérebro.

Cotidianamente, a memória do indivíduo é acionada a partir da relação conjunta entre o que está ocorrendo no presente e suas manifestações com o passado (ZUMTHOR, 1997). Dessa forma, o que está gravado rememora-se com a ativação das lembranças e, em determinadas situações, surgem como fonte de explicação para um determinado fato.

Nessa vertente, podemos compreender que, na literatura, a memória tem um papel de destaque, pois ela é formada a partir de uma arte, de modo artesanal, em que o sujeito recorta, seleciona, desenha a memória por meio de condições subjetivas. Ademais, a memória surge procurando guardar o passado e, por meio da História e do conhecimento, busca-se estudar o presente e compreender o futuro.

Os estudos literários favorecem a percepção de memória sobre o escopo de se reconhecer a si e de sua constituição enquanto leitor. É o que ocorre, por exemplo, no conto em análise. Citamos como suporte a própria dedicatória de seu livro, na qual

Marta Cocco, como mediadora das narrativas, relata as memórias de um passado em que poucas mulheres tinham a oportunidade de aprender a ler e escrever, inclusive em sua própria família. Além disso, as narrativas são tecidas aliadas à própria forma de comunicar-se, com marcas expressivas da oralidade e retratos e incidências de memória.

O conto analisado constitui-se a partir do enredo: a história que envolve a vida de três mulheres (Mãe, Filha e Neta). Assim, empregam-se os conflitos históricos de gerações. E conhecê-los torna-se indispensável à medida que a trama evolui. Medos, lembranças, fatalidades são frutos que se instauram na formação genealógica da família e são rememorados ao passo que se tecem novas histórias.

A narrativa é contada pela perspectiva da neta, terceira geração, que relata o sofrimento que sua Bisa passou ao se mudar para o Brasil. Ela rememora que durante a trajetória da avó, ela tinha perdido um filho. Diante disso, entende que a velha senhora não conseguirá externar o amor, ou seja, demonstrar sinais de afetividade aos demais membros da família, entre eles filhos e netos.

Nas primeiras linhas do conto, percebemos que este se baseia em concepções de memória vividas pela narradora, pois ela reconta uma situação contada por sua mãe a ela quando ainda era criança. “Eu era pequena, nem de colo. De barriga ainda. Minha mãe estava naqueles dias de enjoo e aceitou o conselho de uma amiga. [...] Significa que você precisa parar de encher o saco, disse a mamãe para a minha Vó, sem a menor paciência” (COCCO, 2016, p. 31).

Adiante no conto, a narradora, que no caso é a Neta, reconta outra memória que tem das histórias da Bisa. “[...] eu nem dou bola pras tuas malcriações, eu chorei por outra coisa. E contou pra mamãe, que mais tarde me contou.” (COCCO, 2016, p. 32). Uma das memórias mais tristes retratadas no conto foi quando a neta expõe como foi a morte de uns dos filhos de sua avó, jogado no mar. Segundo a narradora, o menino adoeceu na viagem de navio enquanto seus pais vinham embora para outro país, fugindo da guerra. A menina retrata a tristeza vivida pela avó:

[...] E teve o episódio do navio, que diz que a Bisa converteu em amargura infinita. Um dos meninos adoeceu na viagem e teve de ser jogado no mar. Já não bastava o pai morto na guerra. Dois dos seus sem o devido enterro, com as almas a perambularem noites afora (COCCO, 2016, p. 33).

Nesse relato, além do emprego linguístico de figuras de linguagem, termos, expressões usuais da oralidade relacionam-se ao tempo. A lembrança grafada pelas lágrimas da avó consolida a história de uma guerreira que se aventura mar adentro

em busca de sobrevivência. Talvez, tenha conseguido um futuro melhor para as próximas gerações, mas que sua alma sofrida é revelada na memória e ainda lhe faz sofrer. O conflito de gerações se estabelece ao passo que a Neta replica a fala da Mãe opondo-se à da sua avó:

[...] Minha avó, afetadíssima pelas náuseas da mamãe, não acertava uma. Sempre dizia uma frase que piorava a situação. Pra que lavar? Está tudo limpo! Ou você acha que alguém te deu roupa suja de presente? Não sei como criança pode ganhar tanto presente! O que será que significa isso? Significa que você precisa parar de me encher o saco, disse a mamãe para a minha Vó, sem a menor paciência (COCCO, 2016, p. 31).

Dessa forma, explicita-se a posição do sujeito na narrativa, de como este se encontra na trajetória e na evolução dos tempos. A nostalgia, o sentimento de revolta, de perda são claramente sinais de mudança e de percepção de mundo, mas a dor conflituosa permanece no peito da Avó.

Atrelado a isso, é possível verificar outro aspecto bastante presente da memória. A narrativa se consolida em junção de três gerações, nas quais cada uma tem uma representatividade de seu lugar, uma mais omitida, no caso da avó, e outras, mais atuantes. O conto transcreve de forma objetiva a costura entre as gerações.

A autora, como uma colcha de retalhos, crava a personalidade, costurando histórias de vida que teimam em retroceder. A exemplo, a criação de filhos que para uma geração anterior se revela diferente desde a concepção, por não ter muitos arranjos e presentes e à medida a que o tempo passa, começam-se os preparativos.

Nessa ótica, a narradora tece histórias tal qual um artesão tece sua manta, com marcas e lembranças, ou seja, com retalhos do passado, para se compreender o presente e projetar um futuro. A avó dizia que a criança já teria ganhado bastante coisas para compor seu enxoval, porém, a avó queria deixar um legado, ou seja, queria que a neta tivesse uma lembrança dela.

Não tem como não emendar essa história na história das minhas roupinhas. Sempre lembro disso quando vejo a colcha de fuxico estendida na cama. Minha vó fez pra mim. Dizia que eu tinha ganhado bastante coisa, que nem era necessário, mas que queria me deixar uma lembrança, porque poderia ir-se embora antes de eu nascer e daí eu não saberia eu tinha uma avó que costurava, que era prendada, essas coisas... (COCCO, 2016, p. 32).

Enfim, torna-se essencial analisar as narrativas que evidenciam traços de memória presentes na literatura, pois os fatos vividos/narrados dialogam com as novas maneiras de entender o tempo e a realidade. Afinal, o contador de histórias é aquele que detém na memória o conhecimento das situações vividas.

Sendo assim, a Neta, narradora do conto “Roupa Suja”, guardou as situações que ouvia da Mãe e construiu a sua identidade enquanto representatividade da sua família. Além disso, fica evidente que se tem um processo de mudança da humanidade presente quando se observa pela ótica da Bisavó em que os costumes e tradições comuns vividos por sua filha causam estranhamento e incômodo quando impregnados nos sentimentos e visão de mundo da idosa.

Assim sendo, o conto possui um caráter universal, por tratar de temas cotidianos relacionados à condição humana, e ao mesmo tempo particular, uma vez que este carrega marcas individuais do contador que o reproduz. Desse modo, é uma ótima ferramenta de mobilização de leitura. Por fim, é possível registrar que a literatura, além de promover a apreciação do deleite por meio da manifestação artística, tem por expressão conduzir ao leitor à inspiração de se reconhecer a partir dos fatos narrados, os quais se misturam entre a emoção e a razão.

3.4 – “Chuva Benta”: sexismo e misoginia *versus* a humanização da mulher sob a perspectiva do discurso literário

Apesar dos avanços e da conscientização, a sociedade de modo geral ainda carrega consigo padrões e conceitos sexistas, reverberados pelo machismo que, por conseguinte, defende a misógina como forma estrutural. Muitos homens e até mulheres, seja de forma consciente ou não, naturalizam atos preconceituosos relacionados ao gênero feminino.

Nesse sentido, é comum vermos situações de aversão ao sexo feminino, seja pela roupa que a mulher usa, pelo cargo/função que ocupa, pela diferença salarial entre homens e mulheres. É habitual a ideia de que a mulher está ali para servir ao homem no que ele precisar, bem como serem responsáveis por determinadas tarefas específicas pelo fato de ser mulher.

A misoginia é considerada por toda e qualquer aversão, repulsa contra as mulheres. Assim, trata-se do ódio à mulher pautada em olhar sexista, em que se coloca a imagem do feminino subalterno ao masculino pelo fato de direito social, aliado à atitude cultural do patriarcado (JOHNSON, 2000).

Em muitos casos, são explícitas as ações sobre a mulher, já em outros, essas aparecem de forma velada e polida, como é o caso da misoginia no nível intelectual. Atitudes assim atravessaram a história da humanidade e são consequências da superioridade masculina ainda cultivada na sociedade. Vários comportamentos podem ser identificados como sexistas, porém daremos destaque, aqui, ao machismo e o abuso sexual.

É corriqueiro nos depararmos com relacionamentos amorosos em que é possível identificar a imposição do homem sobre situações de cunho sexual, tratando a mulher como um objeto para satisfação de seu prazer, sem a vontade e/ou consentimento de sua parceira. A objetificação da mulher tem sido cada vez mais expressiva, tornando-a como uma figura de posse e de satisfação de prazer.

Tal conduta atrela-se ao comportamento natural que os homens têm, da ideia de superioridade e dominação culturalmente incorporada à criação do sexo masculino. A palavra “dominação” legitima a superioridade masculina em detrimento a uma inferioridade característica do âmbito feminino, pois a mulher sempre foi vista como sexo frágil, inapta ao uso da força bruta e condicionada a “aceitar” tudo o que é imposto pelo sexo oposto.

Diante disso, as narrativas trazem a representação de uma realidade que possui como elemento central a experiência do indivíduo. O conto “Chuva Benta” é um exemplo forte e impactante do poder e da repressão masculina sob a mulher ao tratá-la como objeto sexual.

O conto trata de uma mulher (não identificada) vítima de abusos pelo próprio marido e, após inúmeras violações, realizadas pelo homem em estado de embriaguez, sem tomar banho e em uma situação bastante deplorável, vai à igreja se confessar para o Padre, bem como buscar a ajuda emocional e espiritual para lidar com suas dores, especialmente no trato do marido para com as relações conjugais já que em muitos casos, o marido não respeitava a sua falta de consentimento.

A narrativa revela a dificuldade da mulher em realizar a confissão ao Sacerdote, pois sendo este uma figura de autoridade e homem, é notório que não tenha sido fácil para ela:

A mulher estava com a voz embargada, mas o reverendo não percebeu, preocupado que estava com o horário da missa das dezoito horas. Certa vez, e isso ela não contaria ao Padre, perguntou a uma amiga, com muita discrição e desajeitadamente, se o sexo, para ela, também era coisa que dóia” (COCCO, 2016, p.39).

O relato retrata a condição da mulher, física e emocional, no entanto, tais fatos não eram de interesse ao líder religioso. Conforme a narrativa, sua preocupação seria com o tempo, já que se aproximava do horário da próxima missa. Essa banalização em torno da mulher, em considerá-la como objeto torna-se evidente quando analisamos a resposta do Padre à jovem senhora:

Filha, reze três ave-marias. Deus criou o casamento para que a mulher seja a companheira do marido. Isso não foi feito para se gostar. Seja como uma serva de Deus. Lembre-se de que o paraíso não é aqui, o reino divino não é deste mundo” (COCCO, 2016, p.39).

Digno de nota, é a forma em que se apresenta o vocativo “Filha”, no qual denota um sentido de aproximação, de cuidados. No entanto, a resposta a seguir trata a mulher como alguém que não estivesse a cumprir suas “obrigações matrimoniais” sendo necessária a intervenção de disciplina por meio de rito espiritual. “(...) reze três ave-marias. Deus criou o casamento para que a mulher seja parceira do homem” (IBIDEM).

O discurso sexista e misógino se reflete no modo em que a mulher é vista socialmente e apoiada por interpretação de dogmas religiosos. Sendo assim, criada por Deus, esses dogmas levam ao falso entendimento de que a mulher está a serviço do homem.

Ao sair da igreja, triste, arrasada, sentido fortes tonturas por não ter conseguido uma solução para seu problema, ela implora, no meio da rua, a uma santa que resolva o seu problema. É intrigante observar que a figura masculina de um líder religioso não se compadecia de sua situação de exploração e abuso sofrido.

Há, pois, uma representação da sociedade dominante. Essa mulher renegou as recomendações de seu líder em rezar talvez orações decoradas e agiu em detrimento de sua situação com as forças que tinha no coração: “ergueu seus olhos para o alto, pôs toda a força que conseguiu no pensamento e rezou para a Virgem Maria, não as orações que decorar desde a infância, mas a verdade e a dor mais profunda que sua alma já experimentara” (COCCO, 2016, p. 39).

A oração à Santa trata mais de um desabafo, de uma revolta para como o sistema que a sufoca, demonstrando como sua vida teria mudado à medida que os filhos cresceram e ela continuava a ser considerada apenas um objeto de prazer sexual. Ao término da oração, um pedido surpreendente, a mulher pediu à santa que afastasse dela aquele cálice.

Em intertexto, um pedido próximo ao que Jesus Cristo fez a mais de 2000 anos atrás. Segundo o evangelho bíblico, Cristo estava tão ansioso que seu suor se transformou em gotas de sangue (MATEUS, 22:49). Metaforicamente, aquela mulher já havia exteriorizado suas gotas de sangue.

Ela era violentada dia após dia. Desse modo, o pedido à santa pode ser considerado como a única forma em que se encontrará para pedir ajuda, afinal a santa fora mulher como ela, e sabia da condição estrutural do pensamento do homem em relação à mulher.

A mulher encontrou na Santa e em sua súplica a última esperança para resolução de seus problemas. Nessa perspectiva, Eurídice Figueiredo (2020) pontuava que a figura feminina deve ter a liberdade de expor seus sentimentos como um sujeito dono de si, reivindicando e lutando por anseios e sonhos próprios, ou seja, a mulher precisa ter uma voz própria, com atitudes que as singularizam.

Essa personagem sempre viveu pautada nos anseios do marido e da igreja, não teve os seus próprios sonhos. Devido ao silenciamento e repressão vivida por uma vida toda, ela não teve o direito de sonhar.

A narrativa não individualiza a personagem, atribuindo-lhe uma idade, a mulher, como é chamada por Marta, representa grupos de mulheres que sofrem do mesmo mal, que são violentadas por esposos, amigos ou parentes próximos e não conseguem forças para lutar contra esse mal.

Para muitas mulheres, o casamento surge como único espaço possível e digno de ser ocupado pela mulher – daí a forma como o líder religioso a tratou, e tal situação dá solidez à justificativa da ação indiferente do Padre. Desse modo, vemos a literatura realizando o seu papel de expor problemas sociais enfrentados pela protagonista (NADAF, 2004).

Buttler (2021), nesse olhar, aponta que a história das mulheres não narra apenas uma história de silêncio, mas também uma vida de confinamento, que narra várias lutas e sofrimentos, como é o caso da personagem do conto. Uma mulher que vivia de acordo com os mandamentos do marido e da igreja, servindo única e exclusivamente para cumprir suas obrigações de mulher e de esposa.

Ao retornar para casa, a mulher avista uma situação incomum, “ao chegar em casa, uma inesperada movimentação e pessoas na frente de sua casa (COCCO, 2016, p.40). Ao se aproximar, encontra uma multidão e vê seu marido caído no chão,

pois acabará de ser morto pelo vizinho, por ter engravidado a sua filha com síndrome de Down.

A autora faz uma analogia no título do conto denominado como “Chuva Benta”, procurando associá-lo à água benta, símbolo da igreja católica, que utiliza de tal recurso para santificar e purificar a maldade e os pecados do mundo. Dessa forma, todas as situações de sofrimento trazidas pelo conto, como a morte do marido abusador, foram purificadas com a presença da água advinda da chuva nas linhas finais do conto.

A água benta, na igreja católica, é sinal concreto e efetivo da purificação espiritual e da graça divina. Na concepção do Padre, a Mulher estava sendo uma pecadora, pois não estava agindo com a sua obrigação matrimonial de servir seu marido independente da sua vontade.

Diante disso, a autora trabalha metaforicamente com título do conto, fazendo uma analogia ao simbolismo que a água benta tem para a igreja, oferecendo ao leitor a ideia de que a chuva que cairia ao final do conto é benta, purificando os pecados da mulher considerada pecadora para a igreja, bem como servindo para consolidar uma situação de azar para o um homem que perdeu a vida, sendo a chuva a responsável por lavar o seu sangue e fazer justiça a todos que sofreram por suas atitudes.

Nesse instante, o céu, que estava nublado, escureceu muito, repentinamente, e uma chuva forte começou a cair sobre todos no pátio da casa, foi uma correria. O corpo, no chão, em poucos minutos foi lavado pela água barrenta da enxurrada. Não se via mais nenhum sinal de sangue.” (COCCO, 2016, p.40).

O maior ponto de encantamento do leitor por essa obra pode ser facilmente percebido em seu enredo. Durante a construção da história, o leitor sente um misto de sentimentos que faz a cada linha o despertar maior de sua atenção. Temos a indiferença do vigário para com o sofrimento da personagem principal, aliado a carga de sofrimento que ela viveu/vivia durante toda a vida.

Talvez, o menosprezo apresentado pelo chefe da igreja seja pelo fato dele acreditar que a mulher tenha como obrigação servir o marido sexualmente, como pregam os dogmas religiosos, não tendo relevância a situação que esse homem se encontra no momento do ato sexual, como também a vontade ou falta dela da mulher.

O tempo apresentado na narrativa é um tempo linear, direto, que facilita a compreensão do leitor. Desse modo, o leitor não sentirá nenhuma dificuldade em acompanhar e entender os acontecimentos da história, causando fortes emoções que prendem o leitor, determinando um nível de tensão (expectativa). Além disso, o leitor

é tratado como parte integrante do texto, afinal a cada momento de apreensão ele se torna integrante do texto, ele vive e sofre com a personagem (JAUSS, 1967).

Além disso, o conto revela uma mulher em constante sofrimento. Uma personagem mulher, sem identidade própria, criada sob os costumes do patriarcado que via a presença de um líder espiritual sua salvação e, que em resiliência recupera suas forças para lidar com as dificuldades.

Assim que proferiu as últimas palavras, ela sentiu uma energia, uma luz, uma sensação de estar flutuando, a dor nas pernas sumira magicamente. Ela foi para casa leve, sentindo-se estranha, sem entender direito aquela sensação de paz” (COCCO, 2016 p. 40).

Piglia (2004) aponta que uma narrativa tem por particularidade trazer consigo duas histórias: a história narrada e a não dita. Na narrativa de Marta Cocco, temos momentos fortes e polêmicos que constroem, em segredo, uma segunda história de críticas à igreja católica por ser omissa ao problema da mulher, devido ao fato de manterem suas crenças e tradições consideradas ultrapassadas atualmente. Uma história visível esconde uma história secreta, narrada nas entrelinhas.

Em “Chuva Benta”, há uma mulher sem identidade, comprovada pela não existência de um nome para a personagem ser chamada. Mesmo a autora utilizando o artigo definido “A” ao se referir a personagem, a narrativa não nomeia essa mulher, não lhe dá características que a individualize. Essa personagem perdeu a sua identidade a partir das opressões vividas pelo marido durante todos os anos do casamento.

O seu instinto maternal e o amor pelos seus filhos fez com que ela se concentrasse na luta pela criação e proteção dos seus filhos. “Enquanto os filhos eram pequenos, neles a mulher encontrava a força para resignar-se, conforme lhe aconselhava sempre a Igreja” (COCCO, 2016, p. 39-40). Trata-se de uma mulher forte por aguentar por toda a criação dos filhos e ter relações sexuais forçadas com o marido e, ao mesmo tempo, fraca, para não conseguir mais sucumbir os gritos que sentia vontade de soltar ao quando o marido lhe abusava.

Essa força, além de ser por conta da proteção da mãe para os filhos, também era característico de outro dogma religioso enraizado nas mulheres por uma sociedade patriarcal, em que a mulher jamais poderia se separar do marido, bem como a possibilidade de que os filhos ao serem criados sem o pai sofrerem preconceito da sociedade.

Nesse viés, a autora Marta Cocco com sua literatura engajada socialmente e com a função de humanizar de maneira consciente ou inconsciente, reproduz esses estereótipos femininos estabelecidos pela religião e traz, em sua narrativa, uma mulher que se sentia triste e mentalmente desestabilizada e com anseio de ter um ponto final de toda a sua história de sofrimento e luta de um casamento abusivo.

Retomando a narrativa, o conto já inicia evidenciando o sofrimento de uma mulher que criou os filhos sozinha, mesmo estando casada e vivendo com um marido alcoólatra e que a abusava sexualmente. Cabe pontuar que apesar de estar com a perna cheia de varizes ela precisou andar aproximadamente uns dois quilômetros para chegar até a igreja.

Por se tratar de uma mulher forte e determinada, vai à procura de uma possível “solução” ou mesmo de acalanto para o coração machucado. “Ajoelhou-se no confessionário e sentiu uma profunda dor nas pernas crivadas de varizes. [...] Ajeitou-se como podia, mas a dor não passava.” (COCCO, 2016, p. 37).

As varizes nas pernas, como tantas outras mulheres, revelam o trabalho duro que essa mulher teve durante boa parte de sua vida para criar seus filhos e protegê-los do pai abusador e violento que tinham. O sofrimento dessa mulher é constantemente evidenciado no conto.

Contudo, mesmo diante dessa situação, a mulher acha que ela quem está errada, que a culpada é ela e não o marido. Ao sentir aquele sentimento, ela estava cometendo um pecado, reforçando a ideia de submissão, decorrente de anos de dominação masculina. “Eu tenho muitos pecados, mas, não é que são pecados, quer dizer. É que vim falar sobre uma coisa que eu não sei o que é, se é pecado, mas que não me deixa dormir, que está me adoecendo” (COCCO, 2016, p. 38).

Essa conduta vai de encontro com o pensamento de BOURDIEU (2005), que pontuou a respeito de uma época em que a mulher que tivesse uma conduta que fugisse do padrão era condenada e difamada por toda sociedade. A protagonista do conto foi condenada pelo líder ao confessar o seu “pecado” de não querer mais se relacionar com o marido.

Seguindo as tradições da igreja e o princípio da chefia patriarcal, como penitência, punição por não honrar o que lhe é devido, ou seu dever, a senhora já excluída socialmente, vitimada pelo marido agressor, teve que rezar algumas “Avé-Marias”: “Filha, reze três ave-marias. Deus criou o casamento para que a mulher seja

companheira do marido. Isso não foi feito para gostar. Seja como uma serva de Deus” (COCCO, 2016, p. 39).

Quando a protagonista chega à igreja para se confessar, percebe-se uma mulher tímida, envergonhada, que considera o sexo como um tabu, algo que não deve ser falado a ninguém, por isso, a personagem demora alguns minutos para começar a dizer seus “pecados”, pois está envergonhada com aquela situação. Ter que falar de suas intimidades com um Padre, ressaltando todo o silenciamento e resignação vividos por essa mulher ao longo da vida.

“A mulher não sabia como começar, as palavras vinham até a boca e eram estranhamente engolidas de volta, como se estivessem em cavidade de ruminante” (COCCO, 2016, p. 37). Essa atitude já é o suficiente para deixar o sacerdote inquieto, irritado e sem paciência para lidar com a mulher.

É perceptível que durante a narrativa, o Padre trata a mulher com indiferença, deixando claro que ele tem muitos afazeres e, mesmo assim, precisa ficar ali ouvindo o que a mulher tem a dizer. “Vamos filha, fale, que o Padre não pode perder tempo.” (COCCO, 2016, p. 37)

Nesse cenário, é possível perceber uma situação de machismo por parte do líder religioso em relação ao problema abordado, que mesmo a mulher relatando que não se sentia bem ao realizar atos sexuais com seu marido, ela deveria continuar, pois era bíblico e, portanto, deveria ser seguido, não importando a que a esposa pensava e sentia “[...] Deus criou o casamento para que a mulher seja a companheira do marido. Isso não é feito para se gostar. Seja uma serva de Deus” (COCCO, 2016, p. 39). Esse comportamento está associado à maneira como a mulher é instituída no âmbito das religiões, sendo que seus gostos e comportamentos eram estabelecidos em decorrência dos dogmas religiosos existentes, evidenciando e servindo como base para o sistema patriarcal.

A mulher sempre foi vista pelas diversas denominações religiosas como um ser submisso, em algumas delas foi criado como caráter de punição. Como exemplo, temos a religião greco-romana, a Pandora foi criada para punir Prometeu e Epimeteu pela ousadia de furtar o fogo do céu.

Outro exemplo que podemos citar é a conhecida história de origem judaico-cristã de Adão e Eva, em que a mulher foi responsável pela entrada do pecado no mundo. E, assim, essas e outras representações femininas se fixam no imaginário

coletivo, contribuindo para a perpetuação da uma imagem muito abaixo do que elas merecem.

O dogmatismo religioso também contribuiu para que o patriarcalismo impere no ambiente religioso e se mantenha vivo até os dias atuais. A religião funciona como uma ferramenta que organiza a vida do sujeito e está disposta a ditar e sacrificar sentimentos, pensamentos e condutas ao longo de sua vida.

Essas afirmações são comprovadas na narrativa, afinal a mulher vive uma vida de silenciamento, repressão e violência, a fim de seguir o casamento e ser pertencente a religião que acredita, contribuindo para o patriarcalismo na sociedade.

A protagonista, ao expor ao Padre como se sentia ao ter que ter relações sexuais com o marido, se mostra fragilizada e em sofrimento por fazer o ato por obrigação. “Coisas que eu não quero fazer, eu não sinto vontade, eu tenho tanta vontade de chorar”. Aqui, é possível observar que objetificação feminina desumaniza a mulher, fazendo dela um objeto de prazer, obrigando-a a assumir papéis de submissão ao olhar masculino.

A personagem enxerga o Sacerdote como a solução para a exploração que vive em seu casamento. Ela acredita que o sacerdote pode resolver os seus problemas, pois o pastor deve zelar pelo seu rebanho. Esse modo de pensar fica mais evidente quando a mulher se sente pior do que antes, pelo fato do líder não resolver, pelo contrário, legitimar a forma como o marido a trata.

Em seus pensamentos, como quem vê no sacerdote a figura de um pai, passa o sentimento de frustração e desespero em saber que vai continuar vivendo aquela situação até o fim de sua vida. “A mulher levantou-se, sentiu uma tontura imensa, esticou as pernas doloridas e voltou para a casa, sentindo-se pior do que antes.” (COCCO, 2016, p. 39)

De acordo com a etimologia da língua Portuguesa, a palavra Padre significa a pessoa que ministra os sacramentos de uma igreja/ Doutor da Igreja/Pai, ou seja, aquele que tem como função ajudar os seus filhos/fiéis nas dificuldades da vida adulta e, principalmente, matrimonial. A personagem busca o líder espiritual com o objetivo que ele execute a função de pai e a acolha, ajude a resolver o seu problema. O que a mulher não esperava é que ocorresse o contrário, o Padre desse razão ao marido e não enxergasse sua conduta como algo errado e inadmissível. Houve, pois, ali um descontentamento, uma decepção cristã, por parte da personagem, afinal, esta foi em busca de uma solução, porém, não a encontrou.

O marido possui como principal característica ser um beberrão. A mulher diz ao líder da igreja que ele bebe todos os dias. Esse tipo de caracterização é um costume comum no universo masculino aos olhos da sociedade. Historicamente, o homem foi considerado um ser livre, acostumado a chegar do trabalho e utilizar a bebida como uma forma de descanso e relaxamento. Desse modo, ao homem, beber todos os dias é algo aceitável e não causa estranhamento social, enfim, “é coisa de homem”.

A mulher, ao sair mais desesperada e desanimada da igreja do que quando chegou, recorre à sua fé para pedir à Santa que resolva o seu problema, ajoelhando-se no meio da rua e fazendo uma oração. A fé da mulher, além de ser a sua única alternativa que restava, demonstra o tamanho do desespero que ela sentia ao se ajoelhar no meio da rua. Mesmo com as pernas cheias de varizes, ela conta que o chão estranhamente lhe pareceu macio, como se fosse um carinho para suas pernas doloridas. Como forma de desespero, ao sair da igreja, a Mulher se dirige a Santa e pontua: “Virgem, se você nunca precisou abrir as pernas pra homem nojento nenhum, se nunca teve de sufocar gritos de dor para não despertar os filhos, afasta de mim este calvário.” (COCCO, 2016, p. 39).

Ao sair da igreja desconsolada e já não sabendo mais a quem pedir ajuda, ela clamou com toda a sua fé para que a Santa a ajudasse, pois ela já estava sem forças para aguentar toda aquela situação de silenciamento e abuso. Em poucos minutos de oração, a dor foi dando lugar a uma sensação de paz e alívio. Por meio de uma providência divina, temos a morte do marido, assassinado pelo vizinho, que é pai da moça com Síndrome de Down que o homem engravidou.

A narrativa confere indícios para assinalar que quando a mulher chega em casa e fica sabendo da morte de seu esposo sente um alívio, não demonstrando tristeza ou sofrimento, mas consolando o vizinho que cometeu o crime, e pedindo a polícia que não o levasse preso, por ser cidadão de bem, pois sabia que era uma providência divina, resultado de sua fé e oração. Para a esposa, essa foi a solução que a santa enviou.

É possível notar que mesmo sabendo que a Santa nunca teria sido abusada, a autora provoca o leitor, utilizando palavras duras, que impactam e sensibilizam o leitor ao mesmo tempo para todo o sofrimento vivido pela mulher ao longo da vida. Enfim, apesar do machismo, misoginia e sexismo serem comportamentos antigos na

humanidade, podemos dizer que são provenientes de um acúmulo histórico de desvalorização do gênero feminino que foi passado à nossa sociedade atual.

Além disso, mesmo diante de tantas lutas e posicionamentos críticos de mulheres que discutem o assunto em sociedade, ainda é bastante comum encontrarmos situações que ultrapassam os livros e as narrativas, ilustrando o dia a dia das mulheres.

Vale ressaltar, contudo, que essas narrativas, como as que Marta Cocco trouxe com esse conto, tem um papel de humanização da temática, afinal com a apreciação dela pode ocorrer o processo educacional do leitor (homem).

A autora utiliza da linguagem presente nos diálogos para estabelecer as relações de poder pelos personagens dos contos. O líder religioso trata a personagem com indiferença, ao ouvir o sofrimento da mulher, do abuso que ela sofreu durante muitos anos. Ele utiliza como resposta para essa mulher a expressão “e daí”, que popularmente significa indiferença, coisa que não tem importância, sendo usada como resposta grosseira para determinados comentários.

A mulher ao expor os fatos que a trouxe até a igreja esperava que houvesse uma consecutiva, que alguém (o Padre) tomasse uma providência para o seu problema. Todavia, ele logo já transmite que não há solução, ele enquanto autoridade não pode ajudá-la, credibilizando a conduta do homem. Assim, ela viu seu mundo desmoronar quando a sua única esperança, que era o Padre, não se importava com o que acontecia.

Esse fato é comumente visto na sociedade atual. As mulheres recebem julgamentos pelo horário que andam sozinhas nas ruas, pelas roupas que usam, dentre tantas outras situações. É comum ouvirmos discursos que se a mulher está andando sozinha à noite ou está com uma roupa mais justa e atraente ela merece ser abusada pelos homens nas ruas, sendo a mulher sempre colocada no lugar de culpa e não os homens que não as respeitam e tratam como um objeto sempre pronto a servir.

Observamos, nas narrativas de Marta Cocco, um olhar para a mulher em suas mais variadas facetas. O feminino é representado a partir de composição de cenários que estimulam a reflexão sobre o papel da mulher na sociedade. Cada narrativa se intersecciona e elementos da escrita e sugerem novos sentidos.

Se “Não presta pra nada” é o discurso do patriarcado sobre a mulher, Marta abre rupturas para denunciar e evidenciar a voz da mulher que não se permite calar diante dos ataques do patriarcado.

IV- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estimular a prática da leitura, por meio de técnicas de compreensão crítica, observando o texto pelos sentidos que podem apresentar, de fato contribui na formação leitora. Aliar técnica de ensino, ao modo que o leitor recebe o texto, orientar profissionais da educação e os leitores em geral se consolida como fator possível para ampliar os níveis de leitura, bem como cooperar para a superação das dificuldades que tem prejudicado o ensino e o acesso à leitura na sociedade.

Assim, este estudo buscou apresentar, tendo por base a obra *Não presta pra nada*, (2016) de Marta Cocco as representações do feminino, bem como o modo em que mulher tem sido considerada socialmente, desde tempos remotos até aos dias atuais. Ressaltando as características do gênero textual de narrativa curta, foram analisados quatro contos, “Cinco Marias”, “Gente de quem?”, “Roupa Suja” e “Chuva Benta”, observando marcas da oralidade e da memória que se estabelecem a partir de elementos constantes nos contos, bem como a busca pelo leitor reflexivo e as discussões sobre como a mulher tem sido disposta socialmente pelo patriarcado.

Com vistas na análise literária, considerando os sentidos do enredo, assim como os possíveis sentidos despertados pelo leitor por meio da Estética da Recepção, as discussões percorreram situações desde elementos que remetem ao trágico na obra, às marcas da oralidade como técnica de escrita, e ao debate formulado a partir de cada situação envolvente das personagens e de como as narrativas despertam o olhar para o modo em que a mulher se posiciona em multifaces e representatividade sócia à medida que os fatos foram narrados.

Historicamente, “a leitura não apenas converteu-se numa área frequentada pelos pesquisadores. Ela tornou-se igualmente um espaço de discussão, ao qual são transferidas as inquietações e ansiedades das pessoas ligadas ao ensino por razões profissionais legais” (ZILBERMAN & SILVA, 2004, p.8).

O processo de ler, por esse viés, possibilita a construção do pensamento crítico, abre espaços para o diálogo crítico em se tratando de assuntos diversos, inferindo novos sentidos em temas de ampla necessidade, como é o caso de como a mulher tem sido retratada socialmente. Nessa perspectiva, como citado anteriormente, “ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler, aprende-se a ler à medida que se vive” (LAJOLO, 1999, p.7). Desse modo, este estudo se torna mais um

compêndio para contribuir na formação do profissional da educação para o fomento a formação leitora, a fim de desconstruir a imagem da concepção de leitura por obrigação ou requisito para obtenção de nota ou exigência de currículo escolar. Quanto ao aluno, este para efetivar o gosto pela leitura literária, é preciso ter a disposição em reconhecer em seu mediador um leitor e incentivador assíduo.

Compreendemos que o processo de constituição do leitor reflexivo contribui para reafirmar a sua personalidade, edificar seus valores éticos, promover vivências e entendimentos sobre vivências e sentimentos que são comuns a ele. O texto, dessa forma, saiu da materialidade do papel e passa a ter sentido para o leitor.

A partir deste estudo, percebemos que quando se estimula o leitor como parte principal, a obra passa a ter sentido no modo em que este vê o papel da literatura, tanto pelo aspecto artístico, como manifestação da arte quanto para com o meio social. A Literatura, por meio de suas camadas significativas, permite a reflexão do indivíduo para com o meio ao qual está inserido.

Esta, por sua vez, atua como um direito indispensável para a humanização e a construção da cidadania, podendo ser vista como um ponto de apoio na elaboração da singularidade de todo o indivíduo. Cientes de que o ambiente escolar está ligado diretamente com a promoção da leitura, esse precisa ser acolhedor, chamativo para o despertar do interesse, bem como as escolhas do que se lê devem estar aliadas a situações cotidianas e significativas.

Em cada narrativa analisada neste estudo há sentidos voltados para novas representações do feminino. E, quando tratamos de feminino, não simplificamos, ou reduzimos o ser mulher somente nas questões de gênero em contraposição ao homem como ser masculino. É o sentir-se mulher enquanto ser social. São as condições que se estabelecem para o reconhecimento da mulher e o direito social que, em muitos casos, não tem sido respeitado.

É digno de nota salientar que o incentivo à formação do leitor deve ter primazia no prazer do ato de ler. Assim, a utilização do gênero conto, como narrativa curta nasce da relação que se estabelece com seu leitor e a obra, convertendo-o em um ser crítico perante sua circunstância. Tal aptidão crítica permite ao leitor discernir a recepção da materialidade ficcional e, de que modo está pode atingi-lo, buscando a reflexão sobre si mesmo e, ainda, para o sentido lúdico e do encanto.

Ao passar por cada lauda, cada conto, as emoções e sensações foram sentidas à medida que me aguçavam a curiosidade e, por sua vez, a vontade de mergulhar

nesse universo. Ao reviver as situações que aquelas protagonistas viviam, sentimos um misto de sentimentos, que na maioria das situações iam ao encontro da necessidade de debater sobre equidade de gênero e a aceitação do protagonismo da mulher.

Durante momentos da pesquisa, tive a oportunidade de encontrar “virtualmente” e pessoalmente a autora Marta Cocco. Uma emoção quase impossível de descrever. Ressalto que Marta foi minha professora na graduação em Letras, e, por sua magnitude e excelência, tornei-me sua leitora assídua. Por esse fato, poder conectar-me com ela em sua escrita, foi como conhecê-la pela primeira vez, já que no momento da pesquisa, me postava como leitora, mediadora da leitura e, ainda, pesquisadora.

O primeiro encontro foi na modalidade virtual, promovido por um amigo em comum, que nos reuniu e, de certa forma, aproximou a gente em um vínculo mais íntimo. Saber de seus projetos, de sua trajetória, bem como particularidades da obra, da forma em que esta afetava a própria escritora foi enriquecedor e a prova de que eu estava no caminho certo. Pouco tempo depois, em um evento científico que contava com a presença de Marta Cocco e outras escritoras, pude, enfim, retomar o contato pessoal.

O cuidado com as palavras, o carinho e a retribuição de Marta Cocco em responder questões sobre a temática da mulher frente ao sistema dominante; ouvi-la falar de sua obra, dos sentimentos ao transcrever cada narrativa; expor aspectos de sua vida pessoal que se relacionam com os contos, bem como cada história se encontra em significações em tantas mulheres da vida real permitiram-me a reflexão de que como mediadora da leitura é imperativo que o aluno se sinta atraído por ela, e a melhor medida é mostrar que o mediador se importa com o que ele lê. De fato, esse encontro agregou muito valor em minha escrita.

Em “Cinco Marias” o enredo sobre amizade, a luta e a resiliência destaca o papel importante das famílias, em especial das irmãs mais velhas que cuidam de seus irmãos mais novos, algo muito rotineiro, por se tratar da condição social de muitas pessoas. Os desabafos, desilusões, a perda são temas importantíssimos para discussão. O conto dá primazia a relatos de memórias e de resiliência.

Cada elemento presente no texto contribui para a descrição da personalidade das personagens. A personagem principal destaca como se sentia quanto ao fato da mãe e de outros familiares a tratarem como um ser que “não presta pra nada”,

expressão tão impactante que personificou no nome da Obra. Dessa forma percebe-se que apesar de ser contos, a obra como todo se liga pelo posicionamento de resistência frente a sistema dominante.

Em “Gente de quem?”, a pergunta do sogro tem a premissa de estipular a presença de uma linhagem ancestral honrada, cujo sobrenome, ainda nos dias de hoje, revelam possibilidades de honra e prestígio social – importante destacar isso; assim a discussão sobre hegemonia social.

Há denúncia e relato de resistência, de compreensão sobre si e o desabafo de quem precisa ser ouvido. O deslocamento da narradora, como personagem principal impele ao leitor a reflexão sobre os mandos e demandos de uma classe dominante. A imposição hierárquica a partir de posição social e o destaque para o modo em que a personagem resiste com bravura às investidas do futuro sogro.

Na narrativa “Roupa Suja,” é o papel da mãe que é explorado e evidenciado. A figura materna, o ato de ser mãe são transposto por atos instintivos de memória revelam aspectos relativos à saudade e à preocupação familiar. Esses aspectos, quando aliados à literatura e ao seu processo de recepção se tornam importantíssimos para que o indivíduo que lê se identifique como parte da história que leu. E, assim, a memória se concretiza diante dos feitos ressignificados pelo leitor.

“Chuva Benta” soa como denúncia a sexismo e a objetificação da mulher. De forma contumaz, a mulher é posta sob a perspectiva de ser objeto que, sob o domínio do patriarcado, tem como o casamento a sua salvação. Nesse sentido, o casamento surge como único espaço viável e digno de ser ocupado pela mulher, o que justifica a forma em que o líder religioso trata a personagem, com indiferença. A personagem principal não tem uma identidade, nem ao menos um nome. É apenas mais um ser em meio à multidão.

Articulando teoria, sensibilidade e análise crítica, este estudo discorreu sobre posicionamentos da mulher frente ao sistema dominante. Tendo a literatura como base, foram observadas as nuances desta como forma de manifestação artística e evidenciados os deslocamentos de sentido por meio da análise de linguagem associadas à possibilidade de novos sentidos que se podem depreender do texto.

O gênero conto, como narrativa curta e dinâmica, permitiu a possibilidade de fomentar um estudo voltado para o papel do professor como mediador da leitura e efetivamente um efeito positivo para o modo em que se pode desenvolver o processo de formação leitora.

A observação de como as narrativas, de certa forma, personificaram em situações do cotidiano, que evidentemente são vividas e vistas claramente na sociedade, é uma estratégia de leitura que permite o aluno leitor a se desvencilhar da leitura curricular e obrigatória para o sentir prazer do texto. Tornando-o assim, mais envolvido com a obra e esta, por sua vez, passa a ter sentido para quem a lê.

Adentrar no mundo literário, a partir da análise de uma obra envolveram vários fatores, desde a escolha da escritora, dos contos a ser analisados, a base teórica, até o método de abordagem. Percebemos que desenvolver um estudo com vistas no processo de formação leitura é perpetuar o ensino de literatura para nova gerações. E, é nessa perspectiva que a obra “Não presta pra nada” se tornou o guia para esse estudo.

Marta Cocco é mulher, mãe e filha e tem em sua obra traços de resistência e de denúncia social sobre os aviltamentos que o patriarcado ainda se manifesta. Ao transcrever em palavras, a escritora dá voz à mulher, permite o deslocar-se diante do silenciamento imposto a mulher.

É uma obra que atravessa o fio condutor da memória e se interliga a personagens do cotidiano. Quantas Marias sofrem os mandos e desmandos da sociedade. Quantas mulheres estão silenciadas em uma relação opressiva e justificada pelos ditos bons costumes.

O sexismo, a opressão e a relação de poder, entre tantos outros fatores. Percebemos a descrição da visão mundo sob um olhar crítico, apresentando memórias afetivas e situações cotidianas sociais que a intriga. Nas análises aqui apresentadas, verificamos o diálogo entre o tempo presente e o passado, estimulando o leitor a imaginar os mais diversos sentimentos durante a leitura. Assim, projetamos a reflexão no que se refere ao papel que a mulher desempenha na sociedade.

Ao final deste trabalho, constatei que a meu crescimento profissional e pessoal foi imenso. A cada pesquisa, a cada aula, a cada leitura me tornei uma pessoa com mais consciência do meu papel na sociedade e espero que esse trabalho sirva de inspiração e reflexão para todos que nele tiverem acesso.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Júlia Lopes de. **Eles e elas**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1922.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo – a experiência vivida**. Trad. Sérgio Milliet. 2º Ed. São Paulo, SP: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V. T. **Literatura: a formação do leitor (alternativas metodológicas)**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad.: Maria Helena Kühner. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BOSI, A. **Entre a literatura e a história**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BORSA, Juliane C; FEIL, Cristiane F. **O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão**. Psicologia.com.pt, 13 Jun 2008. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/textos/A0419.pdf>. Acesso em: 15 Mai 2023
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Trad. Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. 2. ed. São Paulo: Educ, 2007.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 21º Ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2013
- _____. **Introdução ao pensamento feminista negro / Por um feminismo para os 99% um manifesto**. Tradução. Heci Regina Candiani, São Paulo, Boitempo, 2019, p. 73 a 77. Disponível em: https://boitempoeditorial.files.wordpress.com/2021/03/por-um-feminismo-para-os-99_introducao-ao-pensamento-feminista-negro_textos-de-apoio.pdf. Acesso em: 23 ago 2023
- CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e cultura. São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, 1972.
- _____. **“Direitos Humanos e Literatura”**. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 2002.
- _____. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Nacional, 2006.
- _____. **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades/ Ed. 34, 2004
- CASTRO, Mary G.; LAVINAS, Lena. **Do feminino ao gênero: a construção de um objeto**. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1992.
- CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. In: Por que ler os clássicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CHKLÓVSKI, Victor. **“A arte como procedimento”**. In: TOLEDO, Dionísio de Oliveira (org.). Teoria da Literatura: Formalistas Russos (3ª ed.). Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

COCCO, Marta Helena. **Domicílio**. 1.ed. Tangará da Serra, MT: Gesto, 2021.

. ____ Entrevista . Revista Literária Pixé. Ed.24. Ano 3. Março de 2021. Segundo a Autora (2021). In: Marta Cocco|RevistaPixé(revistapixe.com.br) (Acesso em: 29/05/2023).

_____. **Academia Matogrossense de Letras, 2023**. Disponível em: <https://academiamtdeletras.com.br/marta-cocco/itemlist/category/50-marta-cocco>. Acesso em: 12 jan 2023

COELHO, Nelly Novaes. “**A literatura feminina no Brasil contemporâneo**”. **Língua e Literatura**. v. 16, n. 19, p. 91-101, 1993. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linguaeliteratura/article/view/116009/113675>. Acesso: 20 mai. 2023

COSTA, Marta Morais da. **Literatura, Leitura e Aprendizagem**. Curitiba: IESDE, 2006.

Costa, W.S, et al. **Leitura literária no ensino fundamental: criação e recepção do aluno leitor**. In: *Leitura da literatura em sala de aula [livro eletrônico] : propostas de abordagem / organizadores Aroldo José Abreu Pinto, João Carlos Gomes, Sidney da Silva Facundes*. —1. ed. — Tangará da Serra, MT : Ed. dos Autores, 2023.

COULANGES, F. de. **A Cidade Antiga: estudos sobre o culto, o direito, as instituições da Grécia e de Roma**. São Paulo: Hemus, 1996

DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; FALEIROS, R. J. **Leitura de literatura na escola**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. 165 p.

Dicionário de nomes próprios: Significado de nomes. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/>. Acesso em: 09 Jul 2023

DICIONÁRIO LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível Em: <https://www.dicio.com.br/mito/>. Acesso em 03 nov. 2022.

ESSER, Débora Cristina. **Literatura de autoria feminina - mulheres em cena, na história e na memória**. Revista Línguas e Letras, Unioeste, v. 15, n. 30, 2014

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

FIGUEIREDO, Eunice. **Por uma crítica feminista/ Eurídice Figueiredo**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

GENETTE, Gérard. **Fronteiras da Narrativa**. In: *Análise Estrutural da Narrativa*.; BRATHES, R.; GREIMAS, A. J.; BREMOND, C.; ECO, U. GRITTI, J.; MORIN, V.; METZ, C.; TODOROV, T. Ed. Vozes: Rio de Janeiro, 1976.

JAKOBSON, Roman. “Linguistics and Poetics”, em T. SEBEOK, ed., *Style in Language*. Cambridge, MA: MIT Press, 1960.

JAUSS, Hans Robert. **A estética da recepção: colocações gerais**. In: _____. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Seleção, coordenação e prefácio de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

JOHNSON, A. G.; KRIGER. M. **Feminização da pobreza: uma leitura crítica** (2000). Disponível em. www.feminizaçãodapobreza:umaleituracrítica. Acesso em: 05 dez. 2022.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura**. São Paulo: Pontes, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Contexto, 1996.

KRISTEVA, Julia. **Poderes do Horror: um ensaio sobre abjeção**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1989.

LAJOLO, Marisa **Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. São Paulo: Ática, 5ª edição, São Paulo, 1999.

LEMINSKI, Paulo. Epígrafe.. In: COCCO, Marta Helena. **Domicílio**. 1.ed. Tangará da Serra, MT: Gesto, 2021

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. Tradução Maria Cecília P. de Souza-e-Silva e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2011.

MARINHO, Josefa Janiele Cordeiro. **O caráter educador dos saraus poéticos: literatura marginal em foco**. Revista Igarapé, Porto Velho (RO), v.5, n.2, p. 250-264, 2018. Disponível em: Acesso em: 29 Mai. 2023.

MATTOS Aclyse. Epígrafe. In: COCCO, Marta Helena. **Domicílio**. 1.ed. Tangará da Serra, MT: Gesto, 2021

MEIRELES Cecília. **Viagem**. Edição eBooksBrasil Fonte Digital, 2000

NADAF, Yasmin Jamil. **Presença de mulher**. Ensaaios. Rio de Janeiro: Lidador, 2004.

_____. **Literatura mato-grossense de autoria feminina: séculos XIX e XX**. In: Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

Novo testamento: BÍBLIA, N. T. Mateus. In: Bíblia Sagrada. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.

Novo testamento: **BÍBLIA**, N. T. Mateus. In: **Bíblia Sagrada**. Tradução de Fernando.

OLIVEIRA, Dudu. **Formalismo Russo e seu contexto**. Recanto das Letras. Sorocaba, São Paulo, 20 Jun 2009. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/1659101>. Acesso em: 14 de abril 2023.

OLIVEIRA, Romair A; CARMARGO Flavio P. **Escrita feminina: uma forma de resistência**. Via Litterae. Anápolis • v. 7, n. 2 • p. 329-349 • jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/vialitterae/>. Acesso em: 17 Mai 2023

PACCOLA Natthalia, **Autor em Fãs da Psicanálise** (fasdapsicanalise.com.br). Acesso em 20 de janeiro de 2023

PIMENTEL, Katia; SANTORE, Eby. **AUTORIA E REPRESENTAÇÃO: literatura feminina brasileira produzida em Mato Grosso, Brasil**. REP's - Revista Even. Pedagog. Sinop, V. 10, P. 560-571. jan./jul. 2019. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/index>. Acesso em: 15 jun. 2023

PATEMAN, Carole. **Participação e teoria democrática**. São Paulo, Paz e Terra, 1993.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo: Edusc, 2005.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves**. Tradução: José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PROCHAT, Patricia. **Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”**. Rev. Bras. Psicol. Educ., Araraquara, v.19, n.1, p. 51-61, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/download/10819/7005/30063>. Acesso em: 25 out. 2023.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

QUEIROZ, Vera. **Crítica literária e estratégias de gênero / Vera Queiroz**. — Niterói : EDUFF, 1997.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SANTOS Maria Helena Meirelles. **Sob o olhar de Clarice Lispector e Hilda Hilst: transgressão e ruptura em Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres e A obscena senhora D. Dissertação**. Niterói: UFF, 2012

SOARES, V. **Movimento Feminista: paradigmas e desafios**. Revista Estudos Feministas. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Ática, 1986.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **Os desafios da escrita feminina na História das mulheres**. Revista Raído, Dourados, v. 10, n. 21, p. 153-164, 2016. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5217/2737>. Acesso em: 12 mai. 2023.

TELLES, Lygia Fagundes. **A disciplina do amor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

WALKER, Marli. **Ruptura e Continuidade em três séculos de poesia feminina em Mato Grosso**. 2013. Tese (Doutorado de Literatura e Práticas Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

_____. **Mulheres Silenciadas e Vozes Esquecidas: três séculos de poesia feminina em Mato Grosso**. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2021.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11ª Ed. São Paulo: Global, 2015

_____, Ezequiel Theodoro da, (Orgs). **Leitura – perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 2004

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz. A “literatura” medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. _____. **Introdução à poesia oral**. São Paulo: Hucitec, 1997.

ANEXOS

ANEXO 1

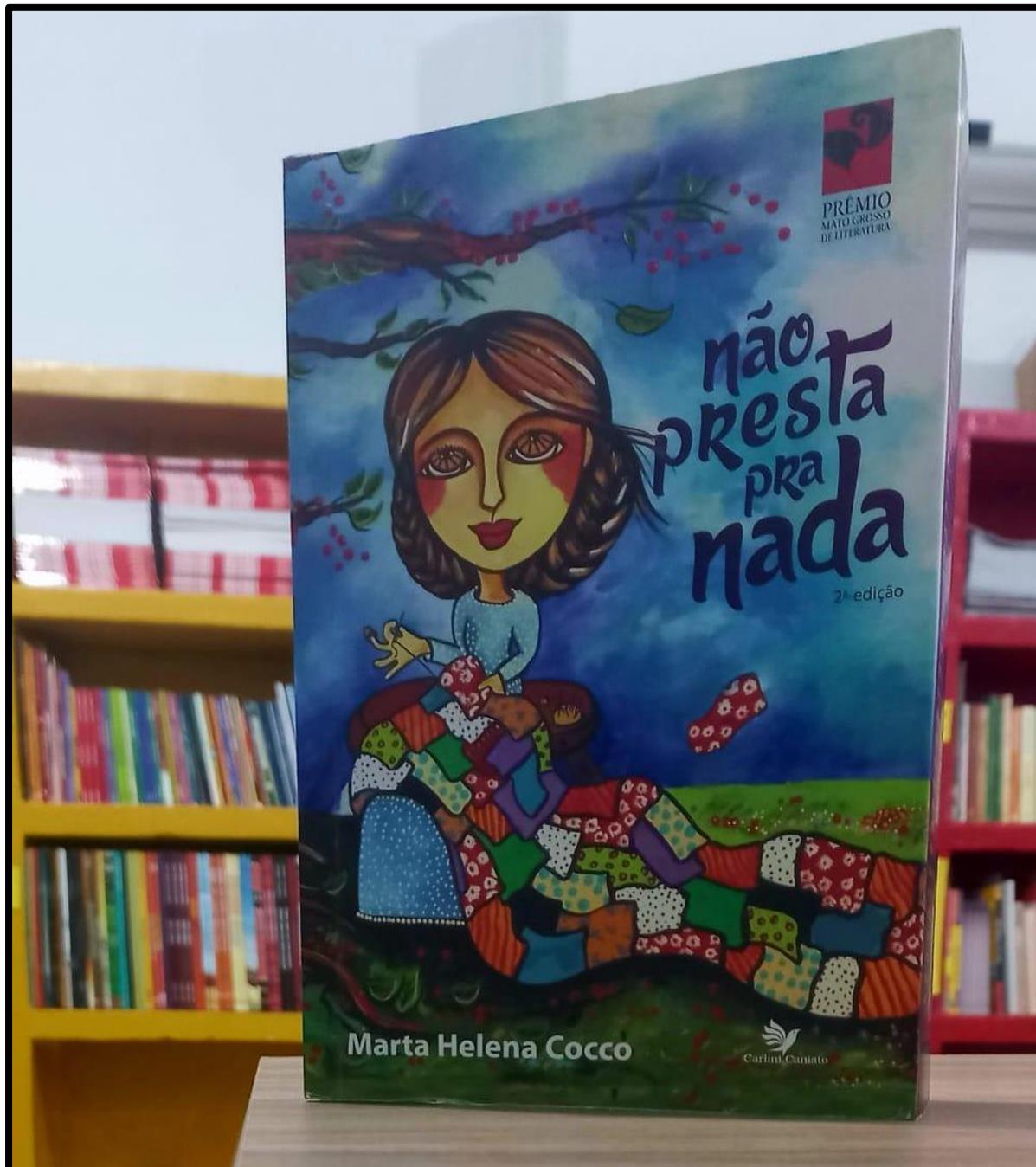


Figura 1- Livro de contos “Não presta pra nada” de Marta Cocco na Biblioteca Escolar

ANEXO 2

Figura 2- Roda de conversa literária com a escritora por meio de “google meet”

ANEXO 3

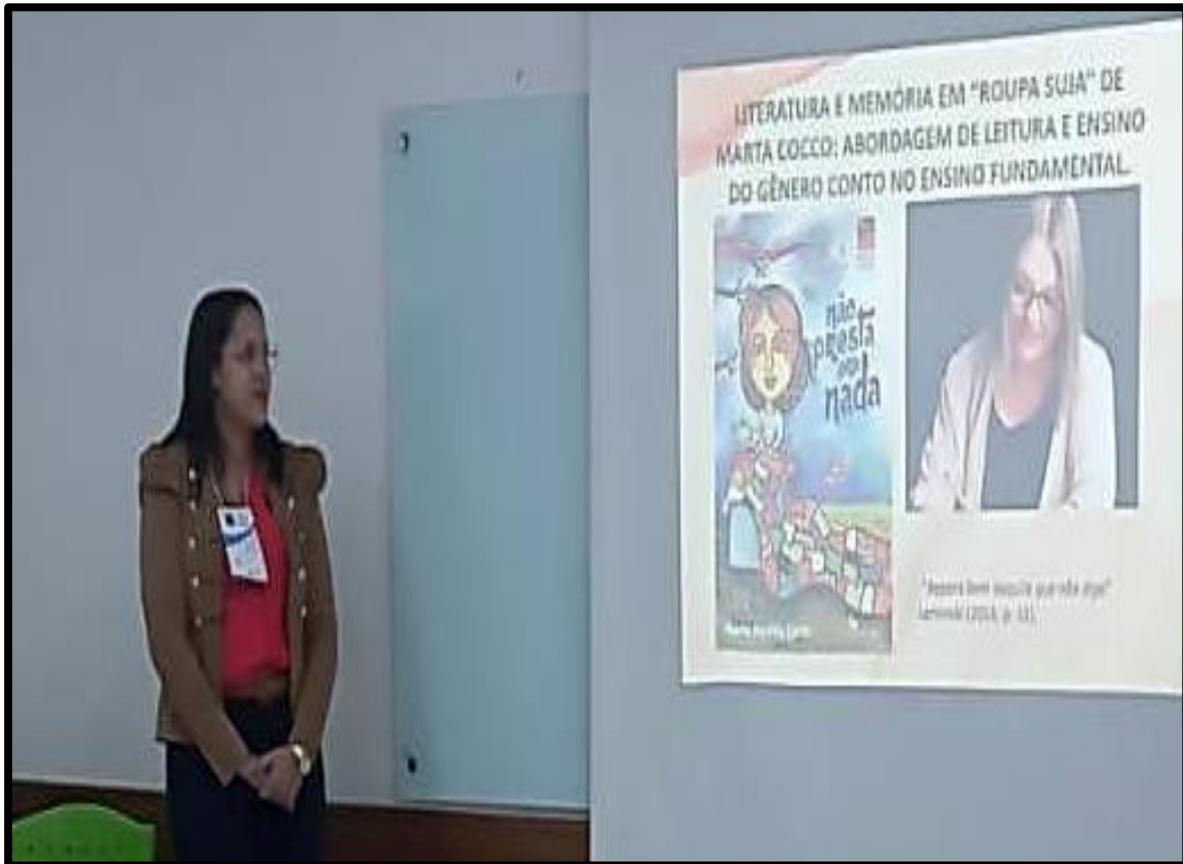


Figura 3- Apresentação de comunicação sobre o conto "Roupa Suja" de *Não presta pra nada* no IV SELP - Linguagem e violência: (inter)discursos contemporâneos, realizado pelo grupo de estudos em ensino de línguas e literatura- GEELLI - IFMT

ANEXO 4

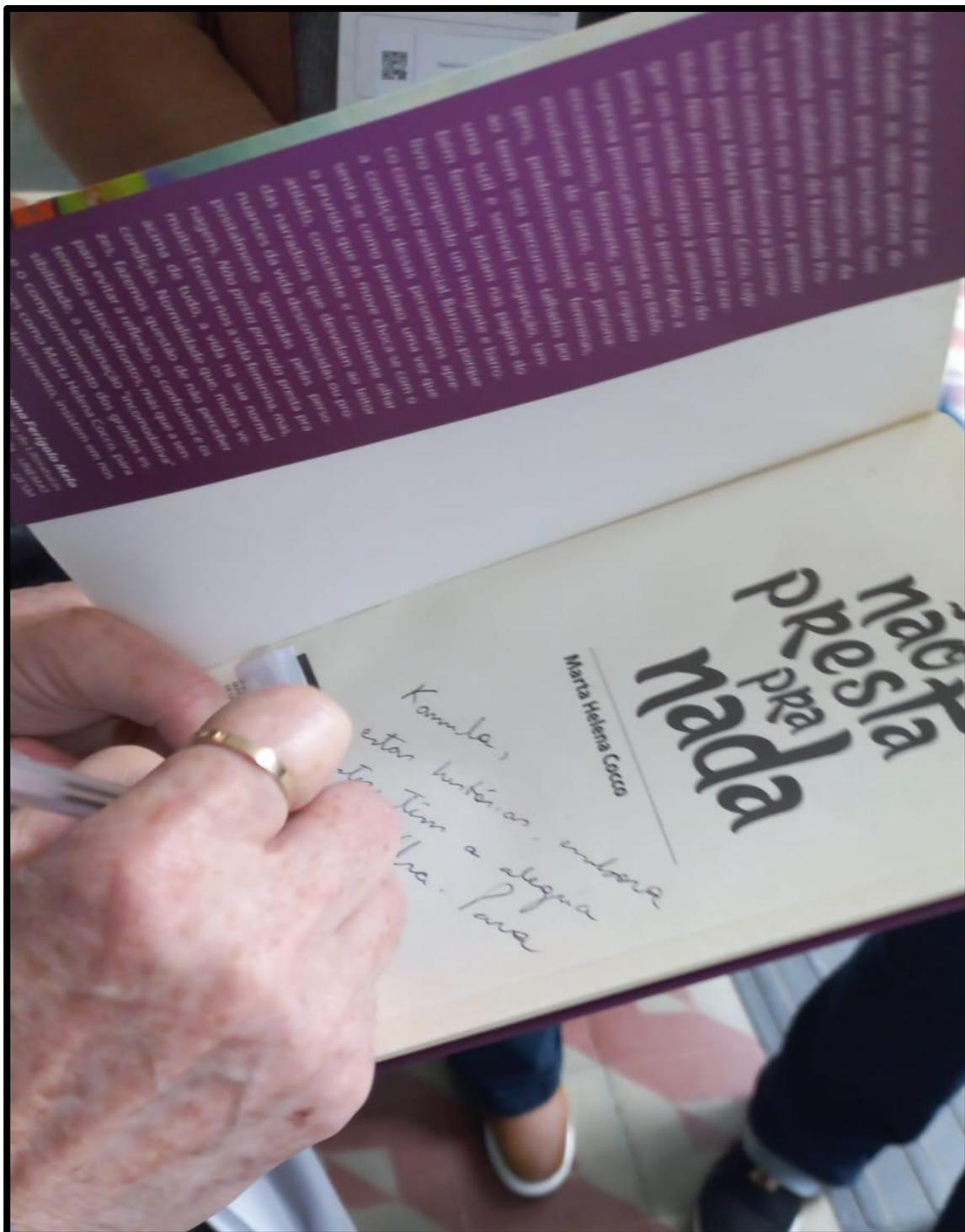


Figura 4- Encontro e livro autografado pela autora Marta Cocco.

ANEXO 5



Figura 5- Foto com Marta Cocco em Evento científico e Encontro Científico /Literário.

ANEXO 6

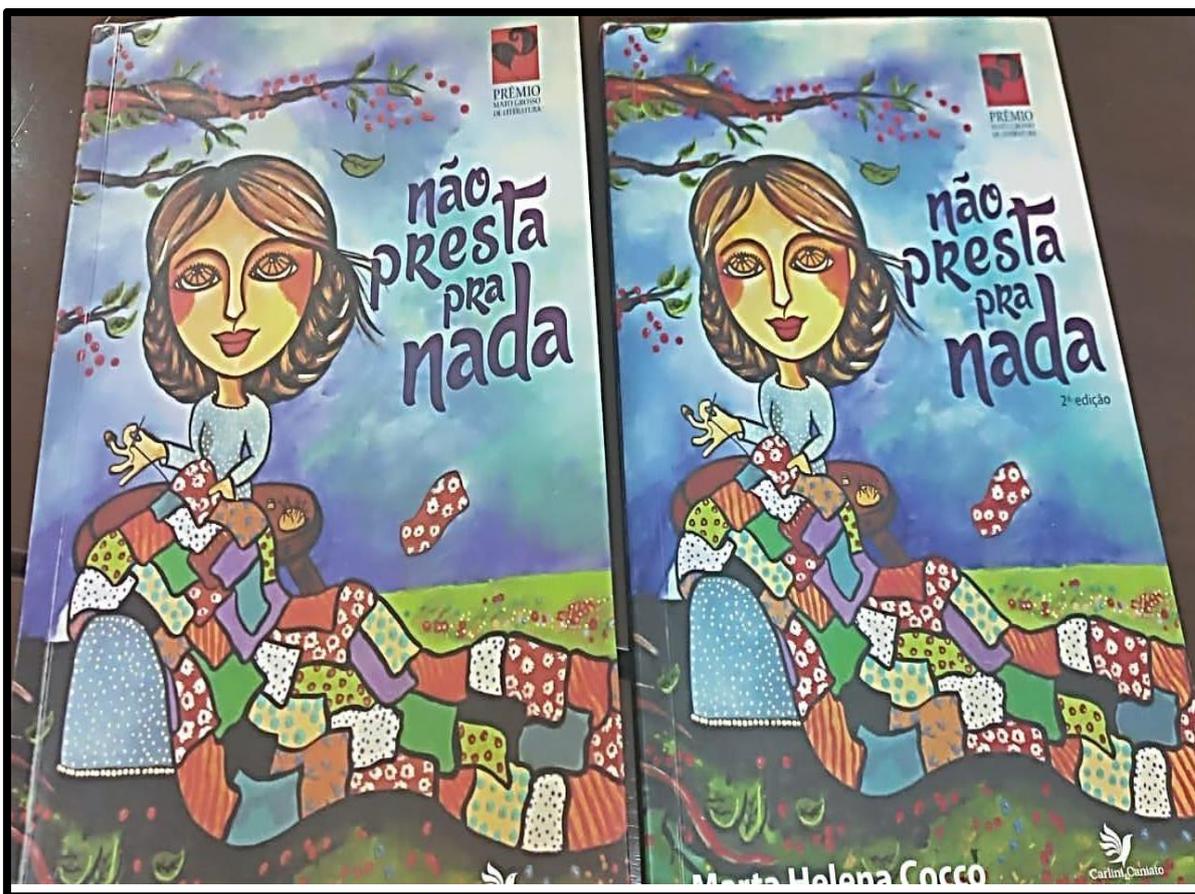


Figura 6- Capas da obra em sua primeira e segunda edição.